

Cesar de Castro

O HOMEM E A OBRA

(Especial para a "Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul".

Fernando Callage

Quando arrebentou a revolução de 1930 Cesar de Castro se encontrava em Pernambuco. Lá morreu combatendo em defesa do governo constituído. Foi seu amigo íntimo. Mas um amigo sincero dêsses que não olham situações políticas para desfazer caracteres e inteligencias. Quando surgiu a Aliança Liberal, Cesar que além de medico era official superior do nosso Exército, ficou com a politica reacionaria e eu fiquei ao lado do presidente da minha terra. Trocámos cartas. Discutimos idéas. Vimos o Brasil sob aspectos diversos. Cada um tendo o seu ponto de vista radical sem dar o braço a torcer.

Nesse tempo, Cesar achava-se no Rio, cursando a Escola de Aperfeiçoamento de Officiaes, no Realengo. Depois, um grande silêncio. Suas últimas noticias foram de Natal, Rio Grande do Norte e Fortaleza, Ceará, onde andava peregrinando como esteta e como soldado. Ainda tive o prazer de receber uma sua carta, do Rio, em Abril de 1929. Depois serenou. Passamos meses sem trocarmos noticias, impressões, idéas. Procurei saber do paradeiro de Cesar. Indaguei a va-

rios amigos e ninguém soube me dar informações a seu respeito. Finalmente, um dia, vim a saber que o escritor ilustre achava-se destacado em Recife.

* * *

Passou a revolução empolgando toda a nacionalidade. Registrou-se o que previ em carta ao meu grande amigo: a vitória dos que lutavam contra o espirito tacanho da politica reacionaria que dominava a velha mentalidade brasileira. Uma tarde, dias após a vitória da Revolução, tive uma dolorosa surpresa: um laconico telegrama noticiava, sem o menor informe, a morte em Recife, de Cesar de Castro. Morrêra de armas na mão. Foi um bravo.

Para muita gente, esse nome, era um nome vulgar como outro qualquer sem nenhuma significação. Mas, para mim, para o Rio Grande, era um nome de alto valor intelectual. Porque Cesar de Castro foi na literatura gaúcha um nome aparte que se destacava pela sua figura singular, pela sua maneira curiosa de escritor, pela sua originalidade, pelo seu temperamento e pela sua sensibilidade que se extremava por qualquer coisa.

Viveu toda a sua vida lendo, estudando, meditando. Como tivesse uma paixão unica pelos livros, entregou-se todo aos livros. Os rumores mundanos, alegres, da vida social, não o seduziam, mas os encantos silenciosos das Bibliotecas, das Universidades, das Escolas, em suma, o apaixonavam. Daí a sua volupia, o seu prazer de ir de um curso a outro curso. Formou-se em engenharia, em direito, em medicina. E, como se tudo isto não lhe bastasse, ultimamente começou a frequentar a Escola de Aperfeiçoamento de Officiais.

Publicou varios livros em minha terra que despertaram a atenção da critica que não lhe regatou os mais justos aplausos. Entre tantos livros que deu á estampa é justo destacar-se "Frutos do meu pomar", "Péan", "Esgares do mesmo rosto", "Divagação em torno dos esportes", "Esquife de Palissandra", "Aforismos de um cabo de Esquadra", "A cura

pela beleza”, e este admiravel estudo científico que serviu de tese á sua formatura em medicina: “A concepção freudeana nas psiconeuroses”. Só este estudo bastava para consagrar-lhe como uma das mais legítimas glórias do Rio Grande.

* * *

Cesar foi um grande espirito. Um grande artista da palavra escrita. Um ourives de prosa requintada. O seu estilo sem igual, torturado, plasmava pequenos poemas de conceitos filosoficos á maneira de Tagore. Tinha orgulho da sua maneira de ser, como aquele Lirat, de Mirbeau, a sua obra era “para dois ou três amigos em homenagem aos outros que morreram... e que não chegou a conhecer...” Não era, por conseguinte, um escritor popular. O público para êle não existia pela simples razão de não escrever num estilo simples, acessível a toda a gente, mesmo porque, nunca expôs á venda os seus livros. Escrevia-os para os poucos amigos e os enviava aos jornais e ás bibliotecas. O resto não o interessava... Fialho de Almeida votava-lhe uma profunda admiração, assim como Abel Botelho que o chamára “o mais requintado artista da prosa portuguesa”. Cesar de Castro ainda possuia, como escritor, outras virtudes; conhecia varios idiomas. Escrevia admiravelmente o inglês e o francês. Um fato curioso: quando estudava medicina em Porto Alegre os lentes diziam que o discipulo sabia mais do que os mestres... Daí as versões que corriam, nas rodas literarias portoalegrenses, de que os lentes da Escola de Medicina é que estudavam com Cesar de Castro!

* * *

A minha amizade para com êle datava de muitos anos. Nasceu de um imprevisto. Principiou por uma simples referencia minha a um seu livro — “Frutos do meu pomar”, — que eu achei muito curioso. Eu não compreendia muito bem o seu estilo, aquele seu vocabulario arcaico, quinhentista, mas achava singular a sua maneira arrevezada de escrever. Recem co-

meçava eu a rabiscar para os periodicos semanais “criticos e literarios” de minha terra. De uma feita, não pude me conter: escrevi qualquer coisa com pretensão á critica, para um jornal de Rio Pardo, elogiando com entusiasmo a obra de Cesar Castro. O escritor, que nessa ocasião residia na historica cidade gaúcha, (1913) escreveu-me uma carinhosa carta de agradecimento.

A nossa correspondencia começou assim. Não parou mais. Onde quer que Cesar se encontrasse, escrevia-me regularmente. Suas cartas amigas eram sempre um incitamento para que eu prosseguisse cultivando as letras. Tambem Cesar encorajou muito o meu saudoso irmão Roque de quem foi amigo. Tímido, receoso de insucesso, sem uma educação intelectual necessaria, apenas possuindo uma dose de boa vontade, fugia o mais que pôde, de aparecer em letras de fôrma. Apesar de constantemente estimulado pelo nobre amigo, o recelo de aparecer em público e da critica me aterrorizavam. O terror nascia, naturalmente, da insegurança do meu preparo, pois nunca havia cursado eu uma escola superior. Apenas frequentára uma pobre aula pública. Os leitores bem podem imaginar o que eram as aulas públicas de trinta anos passados... A diferença com as de agóra é enorme. Não se pôde absolutamente fazer um paralelo, um confronto. Nas escolas públicas de hoje o aluno, pelo moderno metodo pedagogico, sem grandes esforços, adquire uma regular soma de conhecimentos, o que não se dava então, onde tudo era insufficiente, parco. Iamos, apenas, da cartilha de João de Deus ás quatro operações rudimentares de aritmética. Nada mais. Para se estudar melhor era preciso recorrer-se a outros meios, mas estes, só os possuiam os filhos de pais ricos... Por isso não pude tentar mais. Fiz o que estava em mim fazer.

Mas, deixemos de lado as aulas públicas. Cesar de Castro foi, pois, o meu grande animador. Não perdia ocasião para me estimular. E todos as vezes que falava sobre os intellectuais gaúchos, não sei porque, não perdia a oportunidade de citar o meu obscuro nome. Certa vez, até originou, isso, uma outra grande amizade, gloriosa para mim. Tendo, Cesar, pu-

blicado no "Diario da Tarde", de São Gabriel (1915) uma cronica sobre os novos intelectuais gaúchos, citou o meu nome. Incontinenti, protestei, dizendo que não merecia e que precisava ser excluido da lista, pois outros de indiscutíveis meritos não faziam parte dela. Alcêu Wamosy, que já então era um poéta de grande brilho, pelas colunas de um jornal de Alegrete, onde residia, surge a favor de Cesar e protesta contra o meu pedido de exclusão. Não insistí mais e ficamos bons amigos.

* * *

Cesar era um grande emotivo. Um sincero. Um bom. Sabia ser amigo e por êle era capaz de todos os sacrificios, como o fez por Peri Melo, quando este foi atacado impiedosamente por Alvaro Moreira, a proposito do seu livro de versos "Degenerada", Cesar de Castro sái ardorosamente em defesa de seu amigo, não permitindo que a origem humilde de Peri viesse a público para feri-lo de um modo tão deshumano e brutal.

Ainda guardo comigo a carta em que Cesar relata o suicidio do seu amigo dileto. ⁽¹⁾ E' uma pagina de profunda emoção. Nela vem a flux a grandeza do seu coração pela perda do seu querido irmão de arte. Nessa carta, com mais de 20 laudas de papel, escrita numa letra meúda, fina, nervosa, deixa perceber o sofrimento que lhe causou o brusco desaparecimento do brilhante escritor que foi Peri, cuja sensibilidade de artista muito se aproximava de Raul Pompéia, de quem fez um longo estudo e teve como o seu grande mestre. ⁽²⁾ Suicidou-se Peri, como Pompéia, fazendo, para sempre, calar "o coração — o pendulo universal dos ritmos". ⁽³⁾

⁽¹⁾ Peri Melo nasceu a 4 de Abril de 1889 e suicidou-se a 25 de Abril de 1913, em Realengo, Capital Federal.

⁽²⁾ Este estudo, um dos mais brilhantes que já se escreveram sobre o autor do "O Ateneu", foi publicado no extinto "Jornal do Comercio" de Porto Alegre e, mais tarde, foi incluído no "Livro Postumo" que um grupo de seus amigos e admiradores deram á publicidade, em sua homenagem.

⁽³⁾ Numa visita que, em 12 de Abril de 1911, o poéta illustre fizera ao tumulto de Pompéia, em S. João Batista, numa cronica em que des-

Só a correspondencia que possuo, em meu arquivo, de Cesar de Castro, dá para varios volumes. E' uma correspondencia complexa. Nela ha de tudo. Critica literaria, conceitos filosoficos, pensamentos politicos e, sobretudo, admiraveis trechos da sua vida intima. Cesar, nessas suas cartas, a cada passo, abria-me o seu coração.

* * *

Um dos maiores desejos de Cesar era casar-se. A felicidade do lar que todo o mundo possui ele não a teve... Foi sempre, em amôres, um fracassado. As varias tentativas que fez deram em máu resultado. Porque o seu temperamento, aquele raro temperamento de artista, as mulheres vulgares não poderiam compreender. Não era um banal, um jogador de "foot-ball", um fan de cinema, um frequentador de "dancings", um elegante em suma, para atrair o sexo fragil. Entretanto, Cesar de Castro, teve na vida uma criatura que soube amá-lo. Mas, essa criatura era uma pobre enferma, atacada de tuberculose. Quando conheceu Cesar e o amou, o destino levou-a para o tumulto. Mas as outras...

Cesar, certa vez, enamorára-se de uma moça natural de Uruguaiana. Este namoro começou numa casa de pensão no Rio, para terminá-lo de uma maneira brusca na cidade fronteiriça do Rio Grande. Carteia-se com a sua prometida. Ela lhe dá a melhor de todas as esperanças. Regressa Cesar ao Rio e passa por Santa Maria, em fins de Dezembro de 1917, com destino a Uruguaiana, onde ia oficializar o seu noivado. Mas, lá chegando, teve uma dolorosa surpresa: a sua prometida tornára-se noiva de um primo...

Nunca vi um homem sofrer tanto na vida como nessa

creve essa sua visita, feita em companhia de Cesar de Castro, já deixava, á mostra, sua vontade de morrer. Tanto assim que, entre outras cousas, escreveu: "S. João Batista convida a morrer aos que em vida já cansaram dos turbilhões e dos tumultos quotidianos e a sonhar doces fantasias aos que só pesadelos e sonhos maus tiveram". Dois anos depois cumpria, tragicamente, o seu destino.

ocasião. De volta da viagem, onde fôra em busca da felicidade, trouxe, apenas, o coração envolto numa grande ma-gua. Num desespero atroz. Narrou-me toda a sua tragedia sentimental. Para um homem como Cesar eu não tinha pa-lavra de consôlo. Os pesares convencionais da vida burgue-sa, quotidiana, eu não os poderia, no momento, lançar mão, porque, aos meus olhos parecia que iria irritá-lo mais. Jul-guei, então, oportuno calar-me. Calei-me. Deixei que êle mesmo se consolasse.

No dia seguinte Cesar de Castro embarcou para Porto Alegre. Três anos depois um fato identico succedeu na sua vida. Tornou-se noivo de uma rapariga, creio que, natural de Garibaldi, para depois casar-se ela... com um outro!

Assim o destino ia-lhe sendo cruel, fatidico. Procurava o amor, a felicidade, mas estes sempre, na ocasião oportu-na, escapavam de suas mãos para outras mãos. Por mais que fizesse, lutasse, a alegria da vida não lhe sorria. Daí, então, o refúgio entre os livros, os unicos amigos que, verda-deiramente, não enganam. Estudava. Passavam-se dias, meses, anos, sem que Cesar fosse visto na rua ou em qual-quer roda literaria. Fugia dos amigos, dos rumores urbanos, para ensimesmar-se no seu sonho de arte.

Ademais, nunca tolerou "panelinhas" literarias. Não frequentava cafés. Nem teatros, nem cinemas, nem festas mundanas. Possuia uma verdadeira idiosincrasia ao cabo-tino, ao literatelho de avenida e de redação de jornais, que pedem elogios e escrevem noticias laudatorias de si mesmos...

Este fato é muito comum na vida intelectual dos grandes centros do país. O Rio, então, mais do que São Paulo. Ali improvisam-se celebridades de um dia para outro. Basta, ás vezes, que o futuro grande homem disponha de uns co-bres para gastar, com os amigos, nas orgias das "pensões chics" e nas conversas dispersivas dos cafés concertos...

* * *

O escritor illustre de "Aforismos de um cabo da esqua-dra", um dos seus ultimos livros, era, além do mais, um "cau-ser" admiravel. A sua palestra sem pedanteria, fascinava.

Porque Cesar possuia uma erudição invejavel. De tudo sabia e de tudo discorria vertiginosamente. Tinha o dom de agradar e de seduzir.

Gostava de ouvi-lo. Creio que todo que se lhe cercasse, jamais poderia esquecê-lo, porque sabia êle prender pelos conceitos que emitia e pela maneira sempre original com que abordava assuntos. Não fastidiava, não aborrecia. Ao contrário, ouvindo-o, a gente tinha só que aprender. Porque a sua conversa era, sempre, uma lição maravilhosa de arte, de filosofia, de politica, ou de sociologia.

Lembro-me que, em Santa Maria, após o jantar sempre nos encontravamos juntos. As nossas conversas literarias entravam pela madrugada a fóra. E' claro que não poderia acompanhá-lo em qualquer digressão, porque, simples iniciado no mundo das letras, minha attitude era, apenas, de escutá-lo, sem absolutamente interrompê-lo. Sómente alguém, com um grande preparo intelectual, poderia, nesses momentos, ficar na mesma esfera superior, na mesma altura.

Mas, Cesar de Castro, pela amizade que me votava, dava lugar para que eu me abrisse, discorresse tambem sobre qualquer assunto. Assim posto á vontade pelo amigo, de vez em quando, dava tambem minha opinião e avançava alguma idéa, mas muito timidamente.

* * *

Como escritor, a sua passagem pelo mundo ficou assinalada por uma magnifica bagagem literaria. Mas sua bagagem literaria não toma relevo pela quantidade, mas, sim, pela qualidade. Ademais, Cesar, não sabia escrever largamente, com expontaneidade. Sua escrita inconfundivel, bizarra, original, é toda feita nervosamente. Escreve aos pedaços, cinzelando pequenos poemas. "A sua prosa — como acentuava Peri Melo — tem um sabor musical, ritmado, sonoro. Canta ao ouvido com um verso, como um murmúrio de límpida agua, como um sussurro de abelha"!

Sua prosa feita de emoção encantava, arrebatava, seduzia. "Porque o seu espirito tem uma poderosa feição crea-

dora, toda sua, e um dom extraordinario de colher emoções esteticas, de uma beleza inédita, vendo os fatos mais comezinhos através de um cunho completamente novo, fazendo do assunto banal, por uma especial incidencia do seu modo de vêr, uma pagina de sugestiva novidade literaria". (4)

Era realmente assim. Tudo que escrevia possuia aquele cunho caracteristico tão seu. Não sei de um escritor que, nesse ponto de vista, o semelhasse. Toda a sua obra obedece á mesma orientação estetica, á mesma uniformidade creadora. Em qualquer dos seus livros, mesmo em "Divagação em torno dos esportes", conferencia que realizou em 15 de Agosto de 1917, no Aldridge College, do Rio, se nota essa harmonia.

Referindo-se á nossa educação completamente falha, nessa conferencia, êle teve a seguinte observação judiciosa: "A planta humana, entre nós, quer por ascendencias ritmicas, quer por fatalidades mesologicas, cresce pauperrima de seivas, anemica e triste. E a ação de semelhante determinismo biologico, os nossos despauperamentos, ainda ajudamos segundo exalações insanas. Em época recentissima tontamente desfiguramos as pitorescas feições coloniais das nossas cidades, lanhando-as de avenidas, por onde fluiram, cariciosas e fa-ceis, todas as brisas do Atlantico, de muito longe sopradas, e, assim como algumas nos trouxeram balsamicas tonificações, não escassearam as que nos viessem impregnadas de filtros deleterios da banalidade, envenenando de torpida morbidez um clima já de si tão favoravel aos mais abandonados languores. D'esta sorte, quasi de inopino, nos vulgarizamos, perdendo muitas das pristinas qualidades que, expurgadas das suas inconveniencias, como nas fragoas e nas incudes se expurgam metais, nos haviam de imprimir traços originaes e estaveis ao caráter da personalidade".

Para, mais adiante, terminar patrioticamente:

"A nossa patria amada, a bem dita do louvor de Eduardo Prado, vai ser talvez méra saudade, como esses nevoeiros tennes, em reconcavos de vales, méra saudade de corações deca-

(4) Perl Melo — Estudo critico dos "Frutos do meu pomar". — Porto Alegre, 1909.

dentes. Si, como tudo nos insinua, do pendor do atomo á tendência da estrela, o progresso se faz num sentido de cada vez mais acentuada individuação, é preciso convir que a nossa magnitude de agora é de essência alarmante, pois nela entra muitissimo de abdicação da nossa hombridade nacional. Aceitamos com uma sem-ceremonia de lapuses, tudo aquilo que devíamos de previamente submeter á implacabilidade do nosso senso crítico, si mais no sangue tivéssemos a noção do respeito proprio. Acreditamo-nos civilizados porque imitamos a civilização com o tino brutesco dos aborígenes, delas nos enamorando pelas suas faces mais gritantes, e exagerando em ostentação aquilo que em todas as civilizações somente cumpre exagerar no recato da dissimulação. E' nesta vereda que, sem o jugo de uma moral social, inconscientemente vamos fazendo dos nossos lares dependencias das nossas ruas, nêles tolerando intromissões nefastas á honestidade coercitiva da familia, propiciando o relaxamento dos nexos da disciplina coletiva, e tornando insustentavel a patria”.

Assim pensava o artista insigne com relação á nossa mentalidade e ao espirito de “Snobismo” de que tanto nos seduz. Somos uns macacos. Procuramos imitar tudo: modas, artes, literatura, politica, musica, poesia, arquitetura, até os costumes sociais dos outros... Verdadeiramente de nosso, de genuinamente nacional, existe bem pouco. O Brasil brasileiro ficou nos confins do passado, quando era simplesmente uma colonia. De lá para cá, fizemo-nos “snobs” e começamos a copiar tudo, até colocar em nossa cabeça uma constituição alheia ás nossas realidades. A constituição dos Estados Unidos do Norte...

Cesar de Castro amava com grande carinho a sua patria e nunca esquecia o seu Rio Grande que êle tanto adorava. Quando publiquei, em 1928, umas impressões ligeiras sobre a região serrana e as enfeichei em livro ⁽⁵⁾ dêle, recebi, uma linda cronica publicada no jornal “A Republica” ⁽⁶⁾ e na qual fazia,

⁽⁵⁾ “Através do Rio Grande do Sul”.

⁽⁶⁾ De Natal, Rio Grande do Norte, em 5 de Fevereiro de 1929.

com calor, referencias á sua terra natal. O trecho que me refiro é o seguinte:

“Em Fernando Callage a saudade, filha da nostalgia, desconhece vexames e descortina o Rio Grande do Sul como a mais generosa das terras. E’ êle um riograndense que se expatriou desde a revolução de 1923. Esta revolução, vontade do povo contra um governo integro, mas que lhe peiava as realizações, ecoou em vantagens inestimaveis para o Estado, e tão beneficas que felicitou mesmo o partido antagonista facultando o advento dos seus valores novos, como o atual presidente Dr. Getulio Vargas. Todos os ramos da atividade social lucraram. Fernando Callage, contrafeito numa cidade ronceira da campanha, o seu nobre espirito desgostoso com o que assistia, rumou para a febricitante Paulicéa. Sem a incidencia da revolução teria ficado quiçá e isto ser-lhe-ia indubitavelmente um mal. Transferiu-se para a capital mais civilizada do Brasil. Lá trabalhou, apurou os dotes pessoais, entonou os brios do talento. Infeccionou-o, ao que supponho, a vesania futurista que então dementou os moços, porém, de maneira direta e branda sem lhe deixar vestigios apreciaveis. Quando foi da posse do Dr. Getulio Vargas, uma folha de larga difusão e prestigio, a “S. Paulo-Jornal”, enviou-o ao Rio Grande do Sul, afim de dar fé das ocorrencias, ao mesmo tempo que o fez portador de uma mensagem aos intelectuais da provincia. Fernando Callage despachou-se das suas missões com atilamento, entusiasmo e segurança. Empolgou o cenario tumultuoso num relance e, em torno do que mais lhe feriu a retina, bordou o seu comentario. No assunto dispar o seu impressionismo encontrou o pabulo maravilhoso. “Amo as viagens como quem ama as mulheres”, diz êle. E, num estilo vivaz e claro, um estilo bem seu, oferece-nos do Rio Grande do Sul contemporaneo uma sinopse a primor. Mas, — nem outra cousa era de esperar, — a cada passo topamos no homem riograndense, isto é, o exclusivista por indole. “O pampa é sempre uma sugestão linda. E’ por isso que o gaúcho, por mais rebelde a preconceitos raciais, o sente bem dentro do coração e dêle não pode estar separado por muito tempo”.

Eu, também um expatriado, porém imune com a vacinação das longas ausências, passei horas inefáveis sentindo a minha terra longínqua tão de perto nas páginas escorreltas de "Através do Rio Grande do Sul". Isto, para mais fundo estremecer o coração, numa casa de silêncio ereta sobre a pedra batida pela vaga, no ermo da fortaleza dos Reis Magos, domingo ultimo".

Neste trecho, honroso para mim, está um pouco do coração de Cesar. A sua transcrição, fi-la, apenas, para realçar as suas qualidades excelsas de amigo e o seu não esquecimento pelas terras amáveis dos Pampas.

* * *

Foi Cesar, também, um terrível polemista. Para o seu adversário não tinha meias medidas. Era uma especie de Rochefort, ferino, contundente, quando atacado. Ia de chofre bater no inimigo com aquela superioridade de um esgrimista da pena. Quando desligou-se da Academia de Letras do Rio Grande do Sul, da qual foi um dos seus esforçados fundadores, desligamento este que teve como causa a recusa de um jovem escritor ao seio do augusto cenaculo, o autor de "Péan" teve que sustentar algumas polemicas. Disso deu conhecimento, mais tarde, com a publicação de varios panfletos. O mais visado da sua aspera critica foi o então presidente do douto areopago.

Cesar, daí então, nunca mais quis saber da Academia de Letras, pensando naquele velho conceito de Heine, que "as academias são estabelecimentos filantropicos para os escritores inuteis e caducos". Nem o joven escritor que deu causa á sua renúncia, quando foi bater ás portas da Academia, quis saber, depois, de entrar novamente para o respeitavel gremio. (7)

Essa Academia, felizmente, durou pouco.

* * *

Quando o illustre crítico João Pinto da Silva publicou a "Historia Literaria do Rio Grande", obra esta de incontes-

(7) Roque Callage.

tavel merecimento, fiquei devéras surpreendido por não ver um estudo como Cesar merecia. Apenas umas linhas de parca referencia. Nada mais. No entretanto, o escritor original de "Frutos do meu pomar" merecia um lugar de destaque. Era esquecido, propositadamente, para dar lugar a outros, amigos de peito do então secretario do presidente do Estado. Este fato deu motivo para varios ressentimentos pessoais, dos quais não me é licito tratar neste trabalho.

Do mesmo modo que Cesar era um bom e um dedicado para os amigos, era, tambem, um máu para os inimigos. Não perdoava. A's vezes, por uma simples desconfiança, cortava relações com o seu melhor amigo. Não admitia que alguém censurasse a sua obra. Defendia-a extremosamente como uma mãe defende o filho, embora este, tivesse algum defeito fisico. Nunca conheci uma sensibilidade mais delicada, mais apurada. Os seus melindres eram verdadeiramente virginais. Incapaz, por isso mesmo, de entrar num alcouce. Ficaria enojado. Porque não saberia portar-se como os outros...

Um interessante caso de psicologia morbida.

* * *

Na "Cura pela beleza" êle defende uma tése deliciosa. E' curioso esse seu trabalho, allás como tudo que produzia. Desejava que aos doentes em vez de ministrar-lhes drogas, dêsse-lhes um ambiente salutar de beleza. Ele bem o diz: "Na cura pela beleza", como a imagino, o doente ficaria em locais de amavel contemplação, assistido de obras d'arte, de flôres e de criaturas harmoniosas e expressivas, abandonando-se á hipnose das imagens felizes, sofrendo apenas o contacto daquillo que mais lhe extasiasse as faculdades superiores da alma, haurindo das circunstancias todo o encanto como absorve a esponja a agua do vazo onde a depõem, até se fartar, porque — ainda afirma êle — ao recato fugitivo e á rosa odorante, ao entono da vaga e á formosura da mulher, a um trecho de paisagem, ao luxo dum salão, a um adereço, a uma jarra, a uma alfombra, a um quadro pesam mais virtudes terapeuticas que toda a munição de um laboratorio de drogas".

O ambiente para o doente é tudo. Principalmente um ambiente dessa natureza em que a poesia, a musica, a beleza, substituíssem os xaropes que não curam. Aliás, na França, já se cogita disso, principalmente para os doentes nervosos e para os loucos.

Mas Cesar, não foi apenas um esteta na mais rigorosa expressão da palavra, foi também um pensador. Um filósofo. No seu interessante livro "Aforismos de um cabo de esquadra" êle nos dá um aspecto dessa outra sua modalidade de escritor. Esse livro que despertou a atenção da crítica indigena, dessa crítica louvaminheira ou demolidora, porque ela nunca teve meios termos — ou elogia escandalosamente ou ataca brutalmente — soube ser justa com o nobre amigo. Ainda bem.

Para os que desconhecem essa obra singular, vou transcrever alguns dos mais originaes "aforismos de um cabo de esquadra". Cesar de Castro foi, sempre, em toda a sua vida, um militar. Daí a natural realidade de sua ética ante os contornos desses mesmos aforismos: ,

"A guerra é uma viagem de recreio na outra banda. Mas como aos caminhos sempre infestam malfeitores, tudo aconselha que se vá armado e cheio de precauções".

"O inimigo não passa de um acidente molesto do terreno. E' um bom aviso evitá-lo sempre que não for possível destrui-lo".

"O preparo "em vista de uma guerra", se as conjeturas se baldam, arrisca o exército á desmoralização, pelo soberanal da esperança. Todo o zelo deve de consistir no preparo "em vista da guerra".

"A praça forte, eis o ponto fraco. Balisa por que sempre se ha de regular o derroteiro do invasor."

“O avião enxerga; a cavalaria vê. E não só: apalpa e toma conhecimento. E’ a sua vantagem indeclinavel.”

“Na guerra, como á laia da vida, só alcança vencer quem se determina a mover-se. A não serem as toupeiras, e outros bichos da mesma condição, apenas os mortos se enterram. O que cava uma trincheira não raro cava a propria sepultura. Ainda mais nas terras expansas da America Latina.”

“A artilharia é o resguardo contra as intemperies versateis da batalha. A favor do seu tétó, os operarios da ação se despacham das tarefas, sem receio dos achaques a que soem expôr-se os que labutam ao relento ou sob a canicula.”

“A engenharia é a servente nobre das irmãs. Natureza fragil cujas mãos são dispensadoras de consolidações.”

“Casemiro de Abreu, com o seu hidromel inóquo, e apesar dos criticos palavrazes, fica o poeta genuinamente nacional. O país tem a idiosincrasia da ternura, e o contraponto da emoção lhe é facil. Nêle um von Moltke, o velho, resultava pois deslocado e inoportuno. Dera num artista ceramico de Sévres obrigado a plasmar tabatingas no fundo de uma olaria sertaneja. O Brasil é ainda extensa toalha barbara com uma franja estreita de civilização. Devemos de manejá-lo como se a “franja” não existisse.”

“Os individuos mui versados em arte militar são tais quaes os individuos mui versados em gramatica. Uns são, via de regra, deploraveis condutores de batalhas, e os outros homens de letras intoleraveis.”

Esses aforismos, mais do que minhas palavras, caracterizam perfeitamente o seu temperamento. Esse grande e raro temperamento de artista que Henri Laforge tanto admirava.

Devo acentuar, ainda, que muitos dos trabalhos de Cesar foram traduzidos para o francês e o espanhol. Edmundo Montagne, um dos mais brilhantes escritores argentinos, verteu, para a sua lingua, "Frutos do meu pomar" e "Péan", dando a este uma elegante e artistica brochura.

* * *

As vezes, Cesar, era dominado por um cruel pessimismo. As idéas de loucura ou de suicidio lhe assaltavam constantemente. O seu maior pavor era de acabar os dias como Maupassant, nas grades de um manicomio. Muitas vezes confessou-me isso verbalmente e por cartas. Peri Melo, nas paginas do "Ementario", confessa tambem o recebimento de uma epistola dêle em que o mesmo se mostra dominado por tão sinistras idéas. Essas idéas eram naturais num espirito como o dêle que vivia mais espiritualmente do que materialmente. Os seus nervos, constantemente estimulados pelo abuso do chá da India (Cesar alimentava-se muito pouco) e por alcaloides para fazê-lo dormir, pois sofria horivelmente de insônias, forçosamente tinham que gerar um estado psiquico anormal.

Esse estado morbido, o autor de "Rumores no Silencio", revelava a cada passo. Uma simples contrariedade era o bastante para torná-lo irritado, neurastenico, acabrunhado. Daí a razão por que não tinha sossego. Habitualmente mudava de lugar, de cidade, procurando repouso para o seu espirito, tal qual o amargurado "conteur" de "Vogando", do qual era um profundo admirador. Quando a gente pensava que Cesar se encontrava em Porto Alegre, êle estava no Rio; quando se procurava nesta, viajava para o Norte. Assim, vagava, de um lado para outro lado, sempre nervoso, irrequieto, doentio. E as idéas de loucura dominando, escravizando o seu sêr, a

sua franzina constituição física. Era alto e magro. Ele mesmo se dominava “páu de virar tripas”... Mais parecia uma taquara do que um sêr humano.

No entretanto, não era feio. A sua fisionomia agradava pela simpatia comunicativa. Trazia sempre uma barba irrepreensivelmente escanhoadada e vestia-se com certo gosto. Não gostava muito da farda. Geralmente, andava á paisana como um simples burguês...

* * *

A geração de Cesar de Castro foi uma das mais brilhantes e que tanto lustre deu ao Rio Grande do Sul. Na crítica, na poesia, na história, na pintura, na música, na escultura, na comediografia e na literatura, em suma, uma pleiade de altos espíritos tanto elevou as letras gaúchas. Foi uma época de valores reais. Entre os nomes dos que mais se sobressairam é justo destacar os de João Pinto da Silva, Eduardo Guimarães, Alvaro Moreyra, Homero Prates, Januario Coelho da Costa, Irinêu Trajano, M. Faria Corrêa, Garcia Margiocco, João C. Freitas, Barbosa Netto, Pedro Velho, Manoel do Carmo, Waldomiro Ferreira, Paulo Labarthe, Luiz Prates, Helio Gonzales, Luiz Lima, Lessa Bastos, Lindolfo Collor, Octavio Faria Corrêa, José Picorelli, Mansueto Bernardi, João Belém, Eduardo Duarte, Souza Docca e tantos outros, cujos nomes, neste momento, me falham á memoria. E’poca não totalmente materializada, pois, os serões de arte, ainda primavam nos salões elegantes de Porto Alegre e as revistas estritamente literias estimulavam os rebentos novos a prosseguirem no culto á arte. Época essa de antes e após-guerra. Depois, agora, tudo mudou. Já não ha aquele interesse de vinte anos passados. O cinema absorveu tudo. O cinema e os esportes. A geração de hoje é desanimada, completamente falha de ideal e de estímulos. Vive correndo para a hora que passa. Nada mais. Mas, apesar disso, vemos brilhar no mundo das letras gaúchas um punhado de jovens de grande merecimento. Não o cito porque o meu proposito não é esse.

Penso, pois, neste modesto trabalho, escrito especialmente para a “Revista do Instituto”, ter dado, de Cesar de Castro, uma idéa nitida do valor de sua obra.

À sua memoria, para mim sagrada, ha muito tempo devia esta homenagem. Fi-la com todo o meu coração.

Que o Rio Grande saiba respeitar quem tanto fez pelo seu nome e pela sua glória.

São Paulo, 1932.

Pinheiro Machado

J. SANTOS LIMA

Pretendemos com estas linhas restabelecer a verdade dum fato, do qual temos plena ciência por fidedigna outiva e confirmação de valiosos documentos.

E' o caso:

Lê-se na "Enciclopédia e Dicionário Internacional", organizados e redigidos com a colaboração de distintos homens de ciência e de letras do Brasil e de Portugal, editado por W. M. Jackson (artigo "Pinheiro Machado") que o senador republicano dêsse nome nasceu, em 1852, em São Luiz Gonzaga, de Missões, e que era filho "dum coronel médico do nosso exército nacional".

Ha nêsses breves traços biográficos as seguintes flagrantes falsidades ⁽¹⁾:

1.^a) O senador da república, Dr. José Gomes Pinheiro Machado, que tão saliente papel veio a representar na política nacional do Brasil, não nasceu em São Luiz Gonzaga, onde, contudo, tem uma herma de bronze, mandada erigir por sua familia sobrevivente e dedicada por ela aos habitantes daquela localidade, sua residência habitual. Nasceu êle nesta então vila da Cruz Alta, de cujo município aquêlê território, anexo ao de Santo Ângelo, fazia parte integrante, como seu VI distrito, que era.

(1) Ha ainda as seguintes inverdades nêsse artigo: Que o senador Pinheiro assistiu á batalha de Passo Fundo, na guerra civil de 1893, e que o general Gomercindo Saraiva morreu nela.

2.^a) Seu pai, que esteve na campanha bélica contra o governo do Paraguai, na qualidade de auditor de guerra e membro da junta de justiça militar, não era médico, nem tampouco coronel do nosso exército nacional. Chamava-se Antônio Gomes Pinheiro Machado e era formado em ciências jurídicas e sociais pela Faculdade de Direito de São Paulo.

A. G. Pinheiro Machado



1.º. Capitão J. P. Machado
1867.

Foi o primeiro juiz municipal do termo desta então vila e vereador de sua antiga câmara, durante dois quadriênios consecutivos (de 1852 a 1859) e, por consequência, aqui residente, quando nasceu-lhe o filho, predestinado a ser um magnate da república brasiliense.

(Cousa digna de nota: Sendo êle o vereador naquela época mais inteligente e ilustrado da edilidade cruzaltense e por último até seu presidente efetivo, assinava invariavelmente em derradeiro lugar as respectivas atas.)

Como camarista, propôs e encarregou-se da abertura da rodovia, atravessando as matas virgens do Ijuí, de duas léguas de espessura, dando acesso dêste para o atual município de Santo Angelo, onde foi mais tarde residir e veio a falecer a 12 de Dezembro de 1875. (Atas, L. III, pag. 44 v. e 55 v. e IV, pag. 25 v.).



Casa em que nasceu o senador Pinheiro Machado, a terceira a contar da esquerda para a direita, Cruz Alta, Rua do Comércio, antigos ns. 79, 81; ns. modernos 553, 561.

Foi por indicação sua na sessão de 10 de Fevereiro de 1855 (Atas, L. IV, pag. 141 v.) e proposta da câmara cruzaltense que se promulgou a lei geral equiparando o abigeato ao crime público de roubo.

Foi êle que na sessão de 12 de Janeiro de 1855, propôs a solicitação de licença, enfim concedida, da remoção para a igreja matriz desta cidade das imagens, alfaías e altares, ainda existentes nas ruínas dos templos jesuíticos das Missões Orientais ⁽²⁾.

⁽²⁾ Entre essas relíquias, veio desmontado um rico altar de talha, que fôra dourada, e o qual, não cabendo nas exíguas dimensões da matriz local, foi mandado incinerar, na praça em frente, pelo padre vigário, José

Na sessão de 7 de Janeiro de 1858 (Atas, L.IV, pag. 177) encarregaram-no de comprar o mobiliário necessário para a câmara e o retrato de D. Pedro II, que até a presente data exorna o salão nobre do paço municipal.

Como juiz municipal, substituiu o primeiro juiz de direito desta comarca, Dr. José Gaspar dos Santos Lima, na presidência da sessão do juri, que, em 21 de Setembro de 1848, condenou á pena de morte o réu homicida Filipe, escravo do dito juiz de direito, e, dois anos após, (18 de Junho de 1850), exarou o despacho, ordenando a execução da sentença e marcando dia para a morte natural na forca, o que de fato se realizou no dia 25 do mesmo mês e ano ⁽³⁾.

Em 1865, foi êle eleito deputado á assembléa geral, pleito em que empatou com o mais tarde conselheiro Gaspar Martins, e, submetidos ambos á decisão da sorte, foi-lhe esta favoravel ⁽⁴⁾.

Findo seu quadriênio de juiz municipal, abriu aqui uma banca de advocacia, e, na firme resolução de ficar residindo nesta localidade, adquiriu por compra excelente terreno urbano, com frente nas duas principais ruas paralelas, a do Comércio e a da Igreja, hoje Venâncio Aires, onde construiu em 1850 um verdadeiro casarão, para sua residência e da sua família, constando apenas nessa época da espôsa e de dois filhos crianças. Essa casa, tal qual êle a construiu, é a que se vê na estampa inclusa, sendo a tercelra, contando da esquerda para a direita: A primeira é o cinema local; a segunda, o Club Commercial, e o telhado perpendicular, que se observa ao fundo, o do mirante da residência, de que é proprietário o autor destas linhas.

Foi aí, nessa casa, portanto, histórica, onde, em 1852,

de Noronha Napoles Massa, aliás um sacerdote ilustrado, que não devia ter cometido o sacrilégio de destruir um objeto histórico, tão digno de figurar num museu.

⁽³⁾ Tivemos ocasião de descrever êsse sinistro acontecimento em artigo inserido no *Almanaque Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul*, para 1912, organizado por Alfredo F. Rodrigues (pag. 180).

⁽⁴⁾ Foi nessa época que Gaspar Martins pronunciou, no "Teatro Fénix", do Rio de Janeiro, o memorável discurso sôbre o imperial poder moderador.

nasceu-lhe o terceiro filho, que mais tarde viria a ser o senador Pinheiro Machado.

Deu-se até por ocasião da construção dêsse domicílio, um incidente administrativo, o qual vem ainda mais comprovar a nossa asserção: As obras foram embargadas pelo fiscal municipal, por estar com um de seus ângulos, o da direita, fóra do alinhamento das outras casas, já construídas ao norte naquela face da rua. E a câmara, em sua sessão de 4 de Junho de 1850 (Atas III, pag. 75) resolveu sôbre o dito embargo, autorizando, não obstante, a continuação das obras e determinando que os edificios a construirem-se dali em diante, se baseassem por aquêlê novo alinhamento ⁽⁵⁾.

Eis a razão por que ficou a Rua do Comércio um tanto destorcida, daquêlê ponto em diante para o Sul.

Supomos, pois, ter deixado bastante comprovado, apesar de não possuírmos sua certidão de batismo, existente, com certeza no arquivo do bispado de Santa Maria e lavrada por um dêstes dois padres vigários — Cândido Rodrigues de Almeida (1850) ou António Rodrigues da Costa (1852), que o senador Pinheiro Machado nasceu em Cruz Alta e não em São Luiz, visto como seus pais, com os quais os do autor destas linhas e avós maternos, tiveram a honra de manter relações de amizade, tinham aqui residência efetiva nessa época.

Ademais disso, tivemos ocasião de ouvir nós mesmo da própria boca do senador, respondendo a uma manifestação, que lhe faziam os republicanos desta localidade, no início de seu prestígio partidário, que era aquela a primeira vez, que, como chefe político, se dirigia aos correligionários de SUA TERRA NATAL.

A seguir inserimos uma breve biografia do Dr. Pinheiro pai, escrita pelo Dr. Hemetério José Veloso da Silveira ("Pan-

(5) Em 1917, achando-se nessa casa estabelecida a "Pensão Sete de Setembro", ruiu parte do tétô, sem felizmente haver causado desastre pessoal. Atualmente, reedificada, em dois lances separados, achia-se estabelecido num dêles o "Café Internacional" e reside no outro a família de seu novo dono. Por ocasião dessa reedificação, corrigiram, enfim, o seu alinhamento, cuja antiga saliência, ainda se observa na fotografia, ocultando metade da primeira porta do prédio contíguo.

teão Cruzaltense”) aqui residente naquela época e inteiramente imparcial, por ter sido o autor contemporâneo local dêsse illustre cidadão e seu adversário político, com o qual até manteve violenta discussão pela imprensa, assacando-se mútua e reciprocamente injuriosos epítetos. Tais afrontas, porém, êle as esqueceu com o falecimento do seu contendor. E’ o que êle próprio declara, sublinhando o nome do biografado com o dizer de Emilio Germon: “Quando um homem de mérito desce ao túmulo, emudecem as paixões e a voz da verdade se faz ouvir.”

Cruz Alta.

N. R. — Fizemos extrair do arquivo episcopal de Santa-Maria a sua certidão de batismo do senador Pinheiro, cujo teor é o seguinte:

“Certifico que no Livro 4 de assentamentos de baptisados da Egreja do Divino Espirito Santo de Cruz Alta, a fl. 114 v., acha-se o seguinte:

“No dia treze de Maio de mil oitocentos e cincoenta e um baptisei solememente e puz os Santos Oleos a José, nascido a oito deste mez, filho legitimo do Dr. Antonio Gomes Pinheiro Machado e D. Maria Manoella Ayres Pinheiro: neto paterno do Capitão José Gomes Pinheiro e de D. Anna Florisbella Machado de Oliveira: neto materno do Alferes Salvador de Oliveira Ayres e D. Anna Vieira Ayres. Foram padrinhos Higino José Rolin de Oliveira e Maria do Rosario Ayres de Oliveira. E para constar fiz este assento que assigno. Vigario Antonio R. da Costa.”

E nada mais consta.

Santa Maria, 11 de Maio de 1933.

P. Valentim Ferrari,
Secretario Geral do Bispado.”

O DR. ANTÔNIO GOMES PINHEIRO MACHADO

Quando um homem de mérito desce ao tumulo, as paixões emudescem e a voz da verdade se faz ouvir.

(Emilio Germon).

A atual e prospera cidade da Cruz Alta não contava mais de quarenta casas habitadas ao tempo da iniciação da guerra civil de 1835.

Eram decorridos quinze anos de sua fundação, como simples curato, quando êsse decênio revolucionário veio paralisar-lhe todo o crescimento.

O municipio vastissimo constava de 2745 leguas quadradas, de campos na mór parte já occupados e de matos devolutos, nas aparentemente interminaveis cordilheiras do Ijuí Grande, do Uruguai e da Serra Geral. Os habitantes da imensa campanha cis e mesmo transserrana concorriam á povoação única, que se tornou a séde de tamanho municipio. Aí, encontravam quem, desinteressadamente, tomava o trabalho de acomodar todas as questões, sem precisar de autoridades judiciais, e, mesmo quando estas já existiam, administradas por leigos, eleitos e nomeados depois da instalação do municipio.

Dava-se áquele trabalho todo gracioso, o tenente coronel Vidal José do Pilar, que fôra, pode-se assim dizer, o verdadeiro fundador da então vila. Ao tempo da pacificação da provincia, já se achava alquebrado pela velhice e logo após sucumbiu.

Sucedera-lhe na direção politica e na preponderância pessoal seu genro, o coronel Antonio de Melo e Albuquerque, mais inteligente e preparado e muito mais moderado. Era este o chefe da politica, que, em todo o Rio Grande do Sul, obedecia á direção do Dr. Pedro Chaves, Barão de Quaraim, e, portanto, a politica conservadora, que no Brasil dominou por mais de 14 anos.

Em meio dessa situação calma e rotineira, appareceu um moço, que deveria operar completa transformação na vida social do grande municipio. Esse moço foi o Dr. Antônio Gomes Pinheiro Machado, de quem faremos a seguinte succinta biografia.

Nascera êle na cidade de Sorocaba, em 1819, sendo seu pai o capitão José Gomes Pinheiro Machado.

Logo que a sua razão começou a desenvolver-se, com grande aproveitamento, no estudo da lingua nacional e da latina, foi mandado para a cidade de S. Paulo, onde depressa completou os preparatorios exigidos, para sua matricula no curso juridico do ano letivo de 1835.

Durante o tirocínio academico só teve uma preocupação — a do estudo; por isso, em 1839, recebeu o gráu de bacha-

rel em ciencias juridicas e sociais, com approvação plena em todos os exames e inteira satisfação de seus mestres.

Contava então vinte anos de idade.

Voltando ao lar paterno, foi aí procurado pelo juiz da comarca para exercer interinamente o cargo de promotor público, mostrando, em poucos dias, na tribuna judiciaria da sua cidade natal, uma elocução fluente, que o destinava para a vida parlamentar.

Em 1840, foi nomeado juiz municipal do termo de Itapetininga, lugar que exerceu com a circumspecção e inteireza exigíveis num magistrado, até que, pela lei de 3 de Dezembro de 1843 e respectivo regulamento, cessaram as funções dos juizes providos de conformidade com o Código do Processo Criminal.

Essa reforma judiciaria e o restabelecimento do Conselho do Estado, abolido pelo Ato Adicional á Constituição do Império, sublevaram as provincias de Minas e São Paulo, tendo o governo da Côrte, ainda a braços com a rebelião riograndense, tomado energicas providências para sufocar a que também chamavam outra rebelião, porém, que não passava duma sedição, porquanto, não tentava contra a fórma de governo aceita pela maioria do país, mas tão sómente queriam aquelas duas provincias a revogação de duas leis orgánicas.

O Dr. Pinheiro Machado aderiu a êsse movimento, chegando mesmo a tomar armas e marchar para o feliz ou infelizmente malogrado combate de Sorocaba.

Já a provincia de Minas Gerais se havia rendido, em Santa Luzia, com a simples presença do Barão de Caxias, o Mário Brasileiro, como alguem o denominou, e bem pareceu tê-lo merecido, não só nessas, como também nas revoluções do Maranhão, Rio Grande do Sul e na batalha de Moron.

Desgostoso com aquêlê desastre, Pinheiro Machado recolheu-se á vida privada, exercendo a advocacia nos fôros de Itapetininga e Fachina, tendo recusado mais tarde tomar assento na assembléa provincial de S. Paulo, como deputado suplente. Manteve essa vida plácida até que foi terminada a guerra civil do Rio Grande do Sul.

Havia êle contraído nupcias com D. Maria Manuela Aires, filha do tenente-coronel Salvador de Oliveira Aires, fazendeiro e influente político em Itapetininga. Seu sôgro possuía também uma fazenda de criar, dez léguas distante da vila de Cruz Alta, (Santo Ângelo), e que pôs á disposição do genro, si levasse a efeito, como pretendia, sua mudança para esta vila, onde iria exercer o cargo de juiz municipal e de órfãos.

Com efeito, no comêço do ano de 1846, apresentou-se na Cruz Alta o seu primeiro juiz municipal letrado, o Dr. Pinheiro Machado, que foi o organizador dêsse fôro, o qual vinha sendo explorado por pessoas incompetentes, como Estevam Tiomácio dos Santos, o ex-tabelião Camilo Ruas e outros.

Deixou, em 1850, o exercicio de seu oneroso cargo, por ter findado o seu quadriênio.

Nêsse periodo, no impedimento do juiz de direito, foi a S. Borja, Alegrete e Uruguaiana, presidir mais de uma sessão do juri. Nessas localidades deixou admiradores.

Esperava êle ser nomeado juiz de direito, o que lhe havia sido prometido; mas não foi sequer reconduzido em razão da guerra desabrida, que lhe movia o mencionado Pedro Chaves, então, como já ficou dito, o dominador político do Rio Grande do Sul.

Era ministro da justiça o conselheiro Euzébio de Queiroz Coutinho Matoso e Câmara, que só procurou destruir o que fizeram os antigos ministros liberais e Pinheiro Machado tinha a demais o defeito de ter sido nomeado por um ministro liberal e não ser pessoa grata a Pedro Chaves.

Como facil e proveitosissima ser-lhe-ia a profissão de advogado no têrmo, que fôra de sua jurisdição e onde granjeou inúmeras simpatias, abriu uma banca, e logo formigaram os clientes, trazendo-lhes questões importantes. Da Cachoeira, de Lages, em Santa Catarina, da Vacaria, e de S.

Borja surgiram convites, alguns dos quais aceitos, de modo que, dentro de cinco anos, pôde comprar várias propriedades rurais, inclusive nove léguas quadradas de campos em S. Luiz Gonzaga e edificar uma grande casa nesta vila da Cruz Alta.

De magistrado pobre tornou-se advogado rico.

Como era natural, quando se sentiu abastado e influente, tratou de assumir a chefia do partido oposto aquêle que lhe cortara a carreira de magistrado. A isso impulsionaram-lhe os seus correligionários, notavelmente o velho José Manuel Lucas Anes e quasi todos os filhos e genros dêste, assim como Cardoso, de S. Xavier; Fagundes, do Cadeado; Demetrio, da Palmeira, e muitos outros.

Perdeu as eleições de 1852; venceu as de 1856, e perdeu as de 1860; mas, para estas, quanto trabalho, quanto sacrificio não foi preciso para levar de vencida um dos partidos mais disciplinados, que temos visto?

Em 1857, tomou assento na câmara municipal, que dêste antes disso vinha dirigindo como suplente. Foi proficua sua administração, como presidente interino, (pois que o efetivo era um honrado lavrador quasi analfabeto), e, si não pôde realizar obras, preocupado com a politica, deixou o cofre da municipalidade pejado com um saldo maior que a metade de sua receita em todo o quadriênio.

Foi eleito e reeleito deputado provincial; mas, só serviu nas sessões de 1858 e 1859, deixando de ir a assembléa nos dois anos seguintes.

Tendo sido dissolvida a câmara dos deputados á assembléa geral, em 1862, foi êle eleito; mas, como fossem anuladas as eleições de algumas paróquias, empatou com o Dr. Gaspar Martins, a quem excluiu pela sorte.

Na tribuna da câmara, tornou-se um dos mais notaveis oradores, não tanto pela sua reconhecida eloquência, como pelas importantes questões, que conseguiu resolver com sábios argumentos.

Em 1865, explodindo a guerra do Paraguai, invadida a província e fechada por isso a assembléa geral, veio êle na mesma esquadilha, que trouxe o imperador.

Após a rendição das forças invasoras em Uruguaiana, seguiu o Dr. Pinheiro Machado para o teatro da guerra, com os seus companheiros de bancada — Conde de Porto Alegre e Felipe Neri. Esse fato de abnegação e patriotismo deveria custar-lhe caro, adquirindo nos ares desasseados dos acampamentos e no clima úmido das margens dos grandes rios, a doença, que devêra vitimá-lo.

Serviu a contento dos generais em chefe os cargos de auditor de guerra e de membro da junta de justiça militar.

Após quatro anos de ausência do lar doméstico e abandono de interesses, voltou porque a guerra terminára, com a vitória do Aquidabã e firmeza dum governo livre, na, até então, escravizada república do Paraguai. Viera sofrendo duma hidropesia alta, contra a qual foram improfficuos todos os esforços, durante cinco anos.

Faleceu em sua nova residência em Santo Ângelo, a 12 de Dezembro de 1875 e jaz sepultado no Cemitério extramuros daquela vila.

Sobreviveram-lhe sua virtuosa consorte, ha pouco falecida e treze filhos entre os quais contaram-se os doutores António Gomes Pinheiro Machado Filho, ha dois anos falecido, os generais Salvador Pinheiro Machado e José Gomes Pinheiro Machado (senador da república), Dr. Ângelo Pinheiro (deputado federal), o tenente-coronel Alfredo Pinheiro e a viuva do malogrado propagandista republicano — Venâncio Aires.

Em nossa empresa de perpetuar a memória dos cidadãos, que mais se esforçaram pelo engrandecimento do sólo cruzaltense, não poderíamos omitir êsse, que tantos e tão assinalados serviços prestou a esta região e a patria.

Cruz Alta — Abril de 1904.

Dr. Hemetério José Veloso da Silveira.

A Localização de Caaró

Desde os primeiros alvares do corrente século, quando o saúdoso historiador padre Carlos Teschauer, S. J., nos apresentou a figura simpática e gigantesca do padre Roque González de Santa Cruz, ⁽¹⁾ os amigos e veneradores dêsse paladino da civilização rio-grandense desejávamos ardentemente localizar o palmo de terra que lhe bebera o generoso sangue, bem como o dos seus companheiros de apostolado e martírio, padres Afonso Rodríguez e João del Castillo.

Dêsse lugar apenas conhecíamos o nome de Caaró, ou Caró, ou Caaro, ou Caro. ⁽²⁾ Mas em que ponto ficava Caaró?

O p. Teschauer, após de pesquisas demoradíssimas, conseguiu, por-fim, não só descobrir alguns dados, mais ou menos seguros, sobre Caaró, senão ainda trazer à luz, na cidade de Buenos-Aires, dois esboços de mapas, dos anos de 1733 e 1744. ⁽³⁾

De todos êsses monumentos foi possível apurar que o nome de Caaró, atribuído originariamente a uma região mais ou menos extensa entre os rios Piratini e Ijuí, tributários do Uruguai, no atual Estado do Rio-Grande-do-Sul, se foi concretizando sobre um ponto, manifestamente só depois do dia 31 de outubro de 1628, quando o p. Roque e o p. Rodríguez fi-

⁽¹⁾ P. Carlos Teschauer, S. J., *Vida e Obras do Padre Roque González de S. Cruz, S. J.*, 3.^a edição, Pôrto-Alegre, 1928.

⁽²⁾ Preferimos a grafia *Caaró*, por ser mais bem abonada pelos autores antigos e modernos.

⁽³⁾ *Opus cit.*, pág. 88 e 128.

xaram residência naquela localidade, aonde atraíram os moradores comarcãos.

Para mais fácil compreensão do que se segue, releva observar que os padres Roque González e Rodríguez foram trucidados pelos guaranis em 15 de novembro de 1628; ao passo que o p. Castillo derramou seu sangue dois dias depois, a 17, em Assunção do rio Ijuí.

O lugar em que foi martirizado este último, — arrastado por paus e por pedras $\frac{3}{4}$ de légua, até expirar, — provavelmente nunca será descoberto, pois que hoje nem sequer sabemos mais, com segurança, se a redução de Assunção, em que começaram os padecimentos dêsse martir, demorava à margem direita ou esquerda do Ijuí.

Afora monsenhor Estanislau Wolski, vigário de São-Luiz-Gonzaga-de-Missões, e o padre Maximiliano Lassberg, S. J., fundador e vigário do Cérro-Azul, não consta que outros tivessem feito observações *in loco* para indentificar o verdadeiro Caaró.

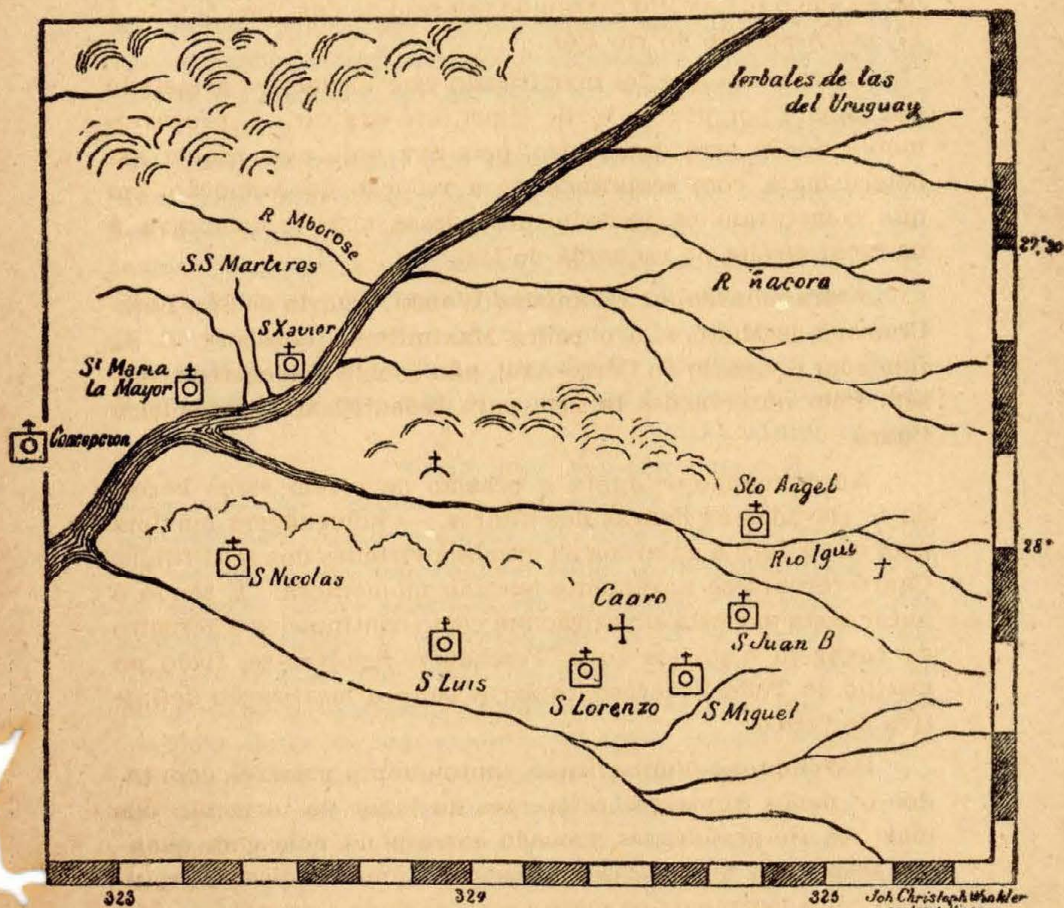
Aproximando-se agora a ocasião de serem êsses herois da fé elevados às honras dos altares, — homenagem máxima com que a Igreja galardoa as excelsas virtudes dos seus filhos, Caaró tornara-se novamente questão momentosa. E sendo o autor desta modesta exposição um como continuador e herdeiro da bagagem histórica do p. Teschauer, resolveu-se, fiado no auxílio do Todo-Poderoso, tomar a peito a localização definitiva de Caaró.

Havendo-me familiarizado, tanto quanto possível, com todos os dados impressos referentes ao lugar do tormento dos mártires rio-grandenses, trocado correspondência com quantos suspeitava me pudessem fornecer alguma indicação, estudado cuidadosamente os mapas mais antigos e os mais modernos, municiado de recomendações de amigos e da autoridade competente, parti em demanda da região missioneira.

Após ligeira, mas proveitosa diversão até aos índios do Inhacorá, no município da Palmeira, e vertiginosa descida de 103 km. pelo caudaloso rio Uruguai, em companhia do dr. Ar-

tur Ambros, então prefeito de Santa-Rosa, (4) encaminhei-me ao Cêrro-Azul, no município de São-Luiz, onde um grupo de ótimos colonos, devotos do padre Roque, já estavam aguardando impacientes a minha chegada.

Missiones S. J. a. 1744



Mapa das Missões Jesuíticas sobre o rio Uruguay do ano de 1744

Mas, para não alarmar os moradores da zona demandada, parti no dia 9 de janeiro de 1933 com sós quatro homens, com os quais atravessei o rio Ijuí, no passo Pires. Na Rondi-

(4) Cfr. *O Eco de Pôrto-Alegre*, de 1933 a págs. 11 e 44.

nha, oitavo distrito de São-Luiz, também embarcou no auto o sr. Cristiano Teixeira, subprefeito do distrito, porque, pela má experiência já feita no ano anterior, sabia eu que os estancieiros eram capazes de me negar acesso em seus domínios, por causa do ridículo, mas tradicional receio de que o “jesuíta” lhes iria desenterrar os tesouros lá deixados há século e meio por seus antigos companheiros. No decurso, porém, de dez dias, ascendeu a quarenta o número de abnegados homens e moços, que, por amor dos mártires, me seguiram no intuito de coadjuvar-me.

1. Afirmando mons. Wolski que Horácio Pinheiro Meneses, morador ao N. de São-Lourenço, pretendia saber qualquer coisa a respeito das ruínas da capela e do lugar onde foram martirizados os missionários antigos, dirigimo-nos todos diretamente à casa do mencionado fazendeiro. Recebidos cordialmente por êle —, homem de 51 anos feitos e pai de 12 filhos —, havendo-lhe eu exposto o motivo de minha chegada, asseverou-me categoricamente: “O lugar que o sr. procura é aqui na minha fazenda”. —

— “E como é que o sr. sabe disso?”

— “Já lhe vou contar tudo por miúdo. Lá pelos anos de 1830 ou 1840, veio para esta região meu avô João Marques de Meneses, a-fim-de alcançar meia sesmaria de terras (— légua e meia em quadrado), denominadas então “Terras de Santa Maria”, ao N. de São-Lourenço, à margem esquerda do arroio Uruquá. ⁽⁵⁾ Meu avô tinha um escravo, o preto Manuel, mui curioso de recordações históricas, o qual, sendo eu pequeno, muitas vezes me contava que êle ainda chegara a conhecer alguns índios missioneiros —, dos poucos que ficaram depois da expulsão dos jesuítas daquelas regiões, em 1768. Êsses bugres lhe diziam que aqui na minha fazenda, num ponto que logo lhe mostrarei, havia, em tempos remotos,

(⁵) A denominação — “Terras de Santa Maria” imediatamente me trouxe à retentiva a imagem de Nossa Senhora que o p. Roque sempre conduzia consigo, chamada por êle e pelos índios cristãos de “Conquistadora”, assim como o nome de Tupaceretã, palavra que se interpreta — “Terra da Mãe de Deus ou País de Nossa Senhora.” (Teschauer, *Novo Dicionário Nacional*, Porto-Alegre, 1928.)

uma capelinha de Santa Rita, feita de pau a pique, cujas paredes caídas e queimadas êle, Manuel, ainda chegou a conhecer. Além disso, os índios narravam-lhe que, nestas imediações, tinha sido morto, há muito tempo, um padre missionário”.

¿Não soava essa narração como longínquo badalar? ¿Não se assemelhava tudo isso a delgadíssimo fio de tradição uma vez e meia secular? Forçoso era descobrir essa incógnita.

Ainda àquela mesma tarde de nove de janeiro, fomos inspecionar o sítio onde diziam ter-se achado a ermida, distante da casa de Horácio obra de 300 m. O lugar, na realidade, era aprazível: uma coxilha plana, em forma de meia-lua, com 500 m. de comprimento e cêrca de 300 de largura, meio campo e meio mato alto, oferecendo vista desimpedida até à velha missão de São-Lourenço, cujas ruínas, cobertas de mato e maleza, apareciam coroando extensa colina. Realmente, o ponto já era, de-per-si, assaz prometedor.

A distância de uns 20 m. da orla do mato, entre o capim e a chamada “barba-de-bode” —, que é a praga dos campos missioneiros, pudemos distinguir, bem visíveis, os traços regulares de alguma construção. E, cavando-se, saíam pedaços de terra queimada, que mostravam sinais inequívocos de haverem estado encostados a vigas de madeira, confirmando a asserção do velho escravo Manuel.

¿Ter-se-ia achado ali a capela do padre Roque? Urgia chegar a uma conclusão definitiva, e não era difícil alcançá-la.

Pelos documentos antigos, constava que o padre Roque fôra visitar o lugar denominado Caaró em companhia do padre Romero, cura da vizinha redução da Candelária, poucos meses antes da sua morte, e que pedira então aos caardenses que lhe construísem capela e casa, enquanto êle próprio se ausentaria novamente por algumas semanas, prometendo voltar mais tarde para permanecer definitivamente com êles. Com-efeito, volvendo a 31 de outubro de 1628, com o jovem padre Rodríguez, encontrou já prontas a ermida e a moradia dos padres, encostadas uma à outra.

O lugar que estávamos inspecionando apresentava três

quadriláteros, pegados fortemente um ao outro: os dois primeiros, 4×6 m. cada um, perfeitamente iguais; o terceiro, algum tanto menor, talvez cozinha ou estrebaria daquela vivenda.

Em segundo lugar, pelas informações de 30 de outubro e 21 de dezembro de 1629 do superior provincial daquele tempo, que era o reverendíssimo padre Francisco Vásquez Trujillo, sabíamos ao certo que em Caaró houve, pelo menos, quatro cruzes.

A primeira, chantada pelo mesmo p. Roque nas cercanias da capela, foi derribada e feita pedaços pelos assassinos dos missionários. A segunda foi mandada fazer pelo p. Romero alguns dias depois do martírio, com o mesmo pau de 52 pés de comprimento, em que o p. Roque queria pendurar o pequeno sino, quando foi morto. A cruz feita dêsse pau, que os índios haviam deixado intacto, foi plantada no buraco que já fôra aberto pelo p. Roque. A terceira e quarta cruzes foram erigidas, à distância de catorze passos uma da outra, pelo provincial p. Vásquez Trujillo, semanas ou meses mais tarde, quando visitou Caaró, nos pontos exatos em que os dois mártires terminaram a sua carreira mortal.

O autor dêste trabalhinho nutria vaga esperança de encontrar ainda dentro na terra os tocos dessas cruzes. Porém a maioria dos conhecedores de madeira moviam a cabeça, achando que 304 anos era demasiado tempo, a não ser que as cruzes tivessem sido de ipé, madeira resistente e duradoura.

A-fim-de chegarmos a um resultado positivo, marcámos com estacas os delineamentos das ruínas, e procedemos às escavações num vasto semicírculo, principiando a 16 metros de distância das estacas, numa profundidade média de um a dois pés. Em vista do verão e da sêca reinante, o campo era extremamente duro, de modo que os meus bravos cavouqueiros, banhados de suor e com as mãos calejadas, houveram de revezar-se freqüentemente.

Virámos cêrca de mil metros quadrados de terra, numa profundidade média de um para dois pés.

Chamou a atenção de todos a circunstância de toparmos

em quatro pontos com terra fôfa, que tinha a profundidade média de dois a três pés e outros tantos de diâmetro, à exceção de um, onde a terra era mole até 1m.50. Dois buracos distavam um do outro exatamente 14 passos; um era perfeitamente quadrado, e em três foram descobertos carvões de madeira, sendo os pedaços maiores do tamanho de um ovo de galinha. Um pedaço pôde ser identificado como procedente de louro. Fora dêsses buracos, não apareceu carvão nenhum. Esse carvão talvez provenha das cruzeiras ou de postes, que pegaram fogo nas freqüentes queimas do campo, chegando a carbonizar-se completamente.

Nessas escavações, que duraram dez dias, foram desenterrados os seguintes objetos, alguns verdadeiramente curiosos: duas cruzinhas de latão, com 30 mm. de comprimento e 18 mm. de largura, com a imagem do Crucificado no anverso e a da Imaculada no reverso, e a legenda VI — VITA — PRAES — PV — R, à qual se pode dar a seguinte interpretação: "*Virgo Immaculata, Vitam Praesta Puram*" (segundo o padre Gustavo Hupe, S. J.). Além das cruzinhas, apareceu a parte frontal de uma cabecinha rústica de anjo, um pequeno velador de louça, duas facas enferrujadas, dois pregos, vários cacos de louça, parte crua, parte artisticamente esmaltada, etc. Como se vê, tôdas essas miudezas denotam que aquêlê lugar foi não sômente habitado, senão que até deve ter sido lugar em que se cultuava a religião de Cristo.

Descobriu-se ainda regular quantidade de ossos em decomposição, sempre à mesma profundidade de um a dois pés. Os dois pedaços maiores, de 110 e 80 mm., respectivamente, foram classificados na Faculdade de Medicina de Pôrto-Alegre como ossos de rês.

¿ Como se explica a presença de tanto osso ali? Tenho por admissível a seguinte suposição, sempre na persuasão de haver sido aquêlê lugar o legítimo Caaró:

Em o nono ano depois da morte do padre Roque, todos os missionários do Rio-Grande fugiram com os índios cristãos para a margem ocidental do rio Uruguai, fora do alcance dos terríveis mamelucos de São-Paulo, que apareciam a cada pas-

so no Rio-Grande, talando os campos, incendiando as povoações e aprisionando quantos guaranis podiam haver às mãos.

Tendo os índios missioneiros obtido licença, após insistências enfastiosas e demoradas, para o uso de armas de fogo, e infligido diversas derrotas sangrentas aos ousados bandeirantes, estes não mais voltaram para o Sul, podendo os guaranis rio-grandenses recolher-se definitivamente aos seus pagos, após meio século de forçada e saúdosa ausência. Foi aí que se fundaram os afamados "Sete Povos da Banda Oriental do Uruguai", todos edificadas em planaltos, donde se descortinava amplo horizonte, com a possibilidade de avistar o povo próximo e transmitir-lhe o sinal de alarma em horas de perigo.

Carecendo Caaró dêsse último requisito, indispensável naquela época, sujeita a inúmeras surpresas desagradáveis, não tornou a ser ocupado, e sim a vizinha São-Lourenço, que oferecia grandiosa perspectiva em tôdas as direções.

Contudo, o lugar do martírio do fundador daquelas missões não ficou esquecido, como o provam os mapas de 1733 e 1744. Continuou sendo lugar de piedosas romarias dos povos cristianizados. E como os índios missioneiros se alimentassem principalmente de carne de rês, também nas suas peregrinações churrasqueavam, deixando enterrados por ali mesmo os ossos, terminado o repasto.

Isso, porém, não passa de uma conjectura do autor destas linhas.

2. Quem fôr medianamente familiarizado com os costumes dos ameríndios sulistas, não desconhecerá que êsses aborígenes denominavam os rios, montes, lugarejos, etc. de conformidade com alguma propriedade específica que os singularizava. As suas denominações eram realmente de característica descritiva admirável.

Numa carta inédita do dr. Teodoro Sampaio, da Baía, festejado conhecedor dos idiomas tupi e guarani, dirigida ao padre Teschauer em 21 de novembro de 1905, leio o que segue:

"De-relance, posso adiantar que o nome de Caaro, aliás Caaró da região figurada nos antigos mapas do Paraguai, diz alguma cousa com referência à produção do lugar, designan-

do provavelmente um país em que o mate tinha um sainete amargo. Caaró, no guarani, corresponde a caá - rob do tupi e quer dizer — **fôlha amarga**. ; Encontrar-se-á, porventura, ainda na região êsse tipo de vegetação? E' o que se pode verificar”.



Mapa das Missões da Companhia de Jesus, no rio Uruguai, do ano de 1733

E no seu esplêndido “O Tupi na Geografia Nacional”, 3.^a ed., Baía, 1928, o mesmo sábio interpreta caá como “fôlha, planta, erva, vegetal em geral; árvore, monte; mate.”

Quanto ao mate, confesso que desisti de qualquer empenho em averiguar se a “*ilex paraguayensis*” dali tinha salnete amargo, desde quando experimentei que o ximarrão feito pelo sr. Horácio era de sabor agradabilíssimo, constando-me, além disso, que a qualidade do mate depende em grande parte do seu preparo.

Posteriormente, a 10 de abril de 1933, o meu eminente amigo, major Quirino Nunes Pereira, de São-Luiz-Gonzaga, autor do interessante opúsculo “Vocabulário Guarani” (São-Luiz-Gonzaga, 1932), informava-me do seguinte:

“Chama-se **Caaró** a extensa zona entre os rios Uruquá, Urubucarú, afluentes esquerdos do Ijuí, e a antiga “estrada real” missioneira; devido à abundância de erva-mate silvestre existente na aludida zona, conhecida por — “talho roxo”, cuja fôlha é amarga. É’ êste o vegetal com que ali mais se preocuparam os indígenas, e por isso deu nome à capela, conquanto outras capelas existissem na mesma zona com diversos nomes católicos. O sábio dr. T. Sampaio traduziu “fôlha amarga”; e eu, antes de conhecer essa tradução, disse “erva amarga”. Ambas exprimem boa significação; mas prefiro a dêle.”

Desta forma, medrando o tipo do **talho roxo** numa extensão de várias léguas quadradas, era impossível chegar por essa via a descobrir um ponto igual a um palmo quadrado.

Nas vésperas de partir de Pôrto-Alegre, um amigo deu-me o conselho de fazer averiguações sôbre a existência da **quina**, arbusto guarnecido de espinhos que atinge cêrca de um metro de altura e cujas raízes têm uma casca bem amarga, muito procurada como remédio contra anemia, febres e desarranjos intestinais.

Indagando eu acêrca da existência da quina em sua comarca, acudiu Horácio prontamente: “¿Quina? De São-Lourenço para o norte o sr. a encontrará aqui na minha estância, e só aqui.”

Com-efeito, achámos um bom quineiral silvestre, de 200

por 300 m. de extensão, medrando em ambas as margens do arroio Lagoão, sôbre terra pedregosa, justamente ao pé da coxilha onde meus cavouqueiros estavam fazendo pesquisas. Conforme as alegações da família de Horácio, em tempos passados houve maior abundância de quina por ali, muito reduzida agora pelas queimas do campo e pela extração das raízes.

Todavia, para o lado sul, descobri ainda alguma quina, mas em quantidade insignificante.

Posto isso, afigura-se-me lícito aventar a hipótese de que os índios, inquiridos pelo padre Roque acêrca do nome do lugar em que haviam de levantar a capela, lhe respondessem que se chamava **Caaró**, isto é, planta ou erva amarga.

Desta interpretação discorda, entretanto, o sr. coronel Aurélio Pôrto, ilustre membro do Instituto Histórico e Geográfico do Rio-Grande-do-Sul, que há anos se vem dedicando ao estudo dos povoadores primitivos do Estado do Rio-Grande. Segundo êle, **Caaró** ou, antes, **Caro**, não é têrmo guarani, e sim tapuia, origem do bugre, minuano, charrua, etc., e significa "lugar cercado de mato, de madeira ou pau", de **ca**-mato, madeira, pau; e **ró**, abreviação de **toró** — cercado.

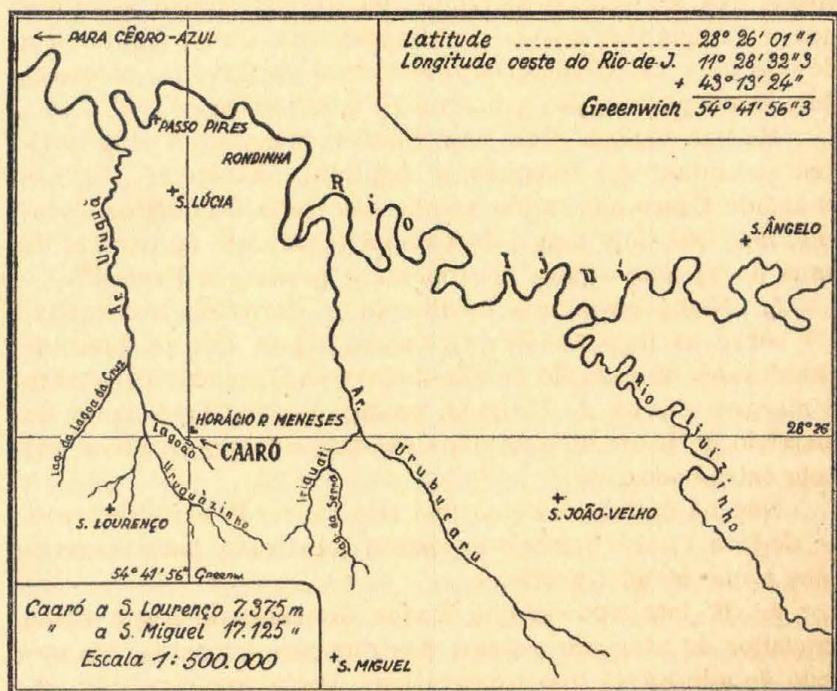
Mesmo supondo que esta interpretação seja a única exata, o lugar indigitado na fazenda de Horácio não exclui essa etimologia, visto o norte e o oriente daquele ponto se acharem ainda hoje protegidos de mato alto. Quanto à cêrca de pau ou de vigas, hoje, volvidos três séculos, é coisa impossível de se resolver.

3. Segundo os dois mapas acima mencionados, **Caaró** ficava ao N. de São-Lourenço e de São-Miguel, com os quais formava triângulo. Pois o lugar que escavámos na meseta da fazenda do Horácio cai a 7.375 m. na direção nordeste de São-Lourenço, e a 17.125 m. na direção noroeste de São-Miguel, formando triângulo, cujo vértice fica a 28°26'01"1 latitude sul e 54°28'32"3 longitude oeste de Greenwich (ou sejam 11°28'32"3 oeste do Rio-de-Janeiro).

Concordamos em que êsse triângulo não é, na realidade, tão equilátero como o dos antigos mapas. Atentando, porém, na pouca exatidão dos referidos mapas ou, antes, esbo-

ços de mapas, a respeito dos rios e das distâncias de diversos pontos, poderemos facilmente concluir que o desenhista, quanto à localização de Caaró, pouco se preocupou com a exa-ção cartográfica.

4. Dom Diogo de Alvear, comissário da segunda divisão de limites entre as possessões luso-espanholas, no Sul do Brasil, após o tratado de Santo-Ildefonso, de 1777, percorreu a nossa antiga região missioneira dos "Sete Povos da Banda Oriental do Uruguai", viagem de que nos deixou relação, publicada nos *Anales de la Biblioteca*, Buenos-Aires, t. III, pág. 418-19.



Carta da Região de Caaró, organizada por Luiz Gonzaga Jaeger, S. J.

Alvear, tendo mencionado as divisas das terras de São-Lourenço e São-Miguel sobre as cabeceiras (piernas) do arroio Caroqué (ou Caarogué), diz textualmente: "O arroio Caroqué desagua no Ijuí com direção ao norte: e é célebre na

história das Missões pelo martírio dos três jesuítas Roque González de Santa Cruz, Alonso Rodríguez e Juan del Castillo, sucedido nas suas margens em 1628". (6)

Nada obstante, sucede, que hoje não há quem se recorde de ter ouvido jamais pronunciar por ali o nome de **Caroqué**.

Se, porém, é certo que Caaró dava para o norte de São-Lourenço e São-Miguel, as indicações de Alvear podem referir-se unicamente ao hodierno arroio Uruquá e suas nascentes. E, como aparece pela carta de Caaró por mim organizada, ao pé da coxilha da suposta Caaró passa um arroio, de nome Lagoão, que desemboca no Uruquá. Desde muito, suspeitava eu que o Caroqué dos antigos outro não era que o Uruquá dos nossos contemporâneos. Quem nos tirou a dúvida foi o dr. Hemetério José Veloso da Silveira, conhecedor, como poucos, da velha região missioneira.

Na sua valiosa obra "As Missões Orientais e seus antigos domínios" (7) topamos a seguinte passagem: "Dêsse chamado **Caaro** nascia um arroio, que tinha o nome de Caro-cué, mas que hoje tem o de **Uruquá** (caramujo ou caracol de água doce) mas o povo geralmente o pronuncia **Urucoá**".

5. Numa obra inda inédita do p. Bernardo Nusdorffer, (8) sôbre as Sete Missões Orientais, lêmos que os juanitas (habitantes da redução de São-João-Velho), mudando-se para a margem direita do Uruguai, passaram por Caaró, lugar do martírio do padre Roque, onde um miguelista procurava uns bois extraviados.

Não há duvidar de que tudo isso concorda perfeitamente, se de-fato Caaró demora no ponto localizado pelas escavações a que mandei proceder.

6. E' fato notório que Roque González de Santa Cruz, iniciador do afamado sistema das reduções guaranis, era dotado de admirável tino topográfico. Desta maneira, não só-

(6) Cit. por José María Blanco, *Historia Documentada de la Vida y Gloriosa Muerte de los padres Roque González de Santa Cruz, Alonso Rodríguez y Juan del Castillo*, Buenos-Aires, 1929, pág. 253-254.

(7) *Op. cit.* pág. 265, Porto-Alegre, 1909.

(8) P. V. n.º 67, cit. por Teschauer, *Vida e Obras do Padre Roque Gonzáles de S. Cruz*, S. J., pág. 119.

mente conhecia as boas e as más qualidades das terras, mas até sabia quais os requisitos indispensáveis para o bom andamento de uma fundação entre selvagens e bárbaros. Pois bem: o local descoberto na estância de Horácio parece distinguir-se por tôdas essas qualidades — é uma aprazível meseta de 500 m. de comprimento por 300 de largura, em forma de meia-lua, metade campo e metade mato alto com árvores velhíssimas, cercada por dezassete riquíssimas fontes de água cristalina e saborosa, engastada no meio de uma região maravilhosamente ubertosa e apropriada para tôda sorte de criação e cultura.

7. Finalmente o fato de haver passado por aquêlo ponto a antiga estrada dos jesuítas, que ligava São-Lourenço ao rio Ijuí, caminho de que ainda hoje restam indícios inconfundíveis, talvez corrobore a exposição dos argumentos em prol da verdadeira localização de Caaró na fazenda de Horácio Pinheiro Meneses.

“Vejam agora os sábios da Escritura” se ao abaixo-assinado coube o prazer de haver corrido, de uma vez para sempre, o pano de bôca que encobria até agora o palco onde se desenrolou, em 15 de novembro de 1628, a impressionante tragédia do trucidamento dos corifeus da civilização gaúcha.

Pôrto-Alegre, Ginásio Estadual Anchieta, 11-V-1933.

Padre Luiz Gonzaga Jaeger, S. J.

Apolinario Porto Alegre

Apolinario Porto Alegre é uma figura de singular relevo na intelectualidade rio-grandense. Na poesia, no jornalismo, no romance, no conto, no teatro, no folk-lore, na ciência — em todas essas provincias do pensamento humano Apolinario deixou traços salientes de poligrafo notavel.

“Bromélias”; “Paisagens”; “O creoulo do pastoreio”; “Epidemia politica”; “America”; “O vaqueano”; “Feitiço de uns beijús”; “Sensitiva”; “Os filhos da desgraça”; “Ladrões da Honra”; “Mulheres”; “Tobias”; “Origens arianas do guaraní”; “Morfologia arioguaranitica”, constituem o acervo riquissimo da obra divulgada do solitario da “Casa Branca”, um dos pioneiros da propaganda republicana no Rio Grande do Sul, e uma personalidade eminente do “Partenon Literario”.

Imenso e fulgente foi o seu labor no jornalismo, culminante na direção da “Reforma” e, talvez, na sua colaboração na “Imprensa”.

Asseveram ainda haver Apolinario publicado nos jornais do Rio da Prata a “Memoria sôbre os charruas”, certamente ao tempo de seu exilio, em virtude da revolução de 1893, bem como uma tradução do “Atlantái”, poema transandino do periodo dos Incas.

O Instituto Historico está procedendo a pesquisas no sentido de encontrar esses valiosos trabalhos, e incorporá-los ao nosso patrimonio literario. Ao morrer, Apolinario Porto Alegre, segundo informam alguns biografos, trabalhava no “Po-

pulario rio-grandense”, “Costumes riograndenses e suas origens” e “Cancioneiro da revolução rio-grandense de 1835”. Dêle chegou a estar anunciada uma “História da revolução farroupilha”, em 4 volumes; e conta Aquiles Porto Alegre que, em seus ultimos anos, Apolinario preparava uma seleção das suas poesias, sob o titulo “Flores da morte”.

De uma informação biografica sôbre Apolinario — sôbre o qual não conhecemos nenhum estudo sistematizado, o que é realmente de lamentar e admirar... — vamos transcrever os seguintes dados:

“— Homem de grande erudição, filosofo dos mais entendidos no assunto, era versado nas doutrinas de Kant, Spencer, Haeckel, Darwin, etc. Conhecia profundamente a literatura de várias linguas, inclusive as mais remotas. Em presença de grande assistencia e como objéto de conferência, traduziu trechos da Odisséa e da Iliada de Homero e parte dos poemas indicos “Mahabharata” e “Ramayana”. Os seus trabalhos sôbre folclore rio-grandense foram em extremo enaltecidos na Alemanha por cientistas os mais considerados. Deixou magnificas monografias acêrca da raça selvagem, dos seus usos e costumes, dos seus dialetos e dos seus mitos religiosos”.

Como professor, Apolinario exerceu grande influência no espirito da mocidade rio-grandense, que passou pelo “Instituto Brasileiro”, afamado estabelecimento de ensino, que fundou, ou dêle recebeu lições ao tempo em que exerceu o magisterio particular.

Sob êsse aspecto da complexa individualidade de Porto Alegre pôdem ser consultados com proveito: o discurso do nosso confrade dr. Leonardo Macedonia ao ser recebido no Instituto Historico (“Revista” de 1932, IV), o discurso proferido pelo dr. Gomercindo Ribas na inauguração de uma herma, de Apolinario, nesta capital, em 29 de agosto de 1927; e extensa carta do dr. Manoel Vicente do Amaral, publicada n “A Federação” dessa mesma data!

Do “Popularium sul-rio-grandense” publicou esta Revista uma parte apreciavel em seu numero correspondente a 1921, paginas 461 a 504; e hoje insere um excerpto do “Can-

cioneiro da revolução rio-grandense de 1835” onde se encontra uma interessante e pormenorizada descrição do combate de Seival. De logo, dois pontos relevantes: a severidade do julgamento de Apolinario sobre Bento Manoel Ribeiro, e a influência, que attribue a Manoel Lucas de Oliveira, na proclamação da República de Piratini.

Não ha que enaltecer o trabalho de Apolinario: publicando-o, embora em parte mui pequena, sabe a “Revista” que os seus leitores encontrarão fino prazer intelectual nas paginas do “Cancioneiro”.

A publicação constitue, na forma como no fundo, reprodução literal do manuscrito.

O. R.

ESTUDO QUE SERVE DE ISAGOJE AO CANCIONEIRO DA REVOLUÇÃO DE 1835

Poesia popular

Reuni sob esta denominação as poesias colhidas da tradição oral do povo rio-grandense. Trazem como todos os productos vulgares o caráter da anonimidade. São a expressão espontanea dos grandes ideais duma raça; delas, porém, não se infira o cunho artistico que condiz com classes mais cultas, épocas adiantadas e civilização superior. Dizem, todavia, o entusiasmo pela liberdade, o odio e aversão pelo despotismo, sentimentos congenitos com o gaúcho.

Os rudes bardos, em torno dos fogões dos acampamentos, ao som das violas dedilhadas vigorosamente, inspirados pelos sucessos da luta e paixões do momento, vasavam nos moldes de um verso tosco o que lhes ia por alma.

Frutos quasi sempre da improvisação, de um repentismo eloquente, si estavam de harmonia com o pensamento de todos, eram elas logo decoradas e amenizavam as horas do bivaque e as marchas monotonas através das interminas campinas.

Deve ter-se obliterado muita cousa, neste genero, da memoria das antigas gerações e ser inteiramente desconhecida ás novas.

Mas preciosas reliquias, antes que a esponja do tempo as apagassem de todo, poder-se-iam ainda reunir, havendo esforço coletivo e empenho patriótico, cuja ausência é, aliás, notória nos governos da atualidade. Daí sairá, por ventura, á luz uma iliada singela na fôrma, mas profunda pelo ensinamento historico.

O pouco que coligi, aí vai, o que é muito em relação ao que se tem feito, rico, contudo, em paginas avulsas de exemplos heroicos, que é necessario pôr em coordenação e encadernar, como um patrimonio das glorias do passado.

Serão fosseis, especimens de paleontologia literaria, dirão muitos, mormente num periodo em que a maioria se occupa em enriquecer por todos os meios e em galgar as posições officiais, embora a honra fique em frangalhos nodoados de torpezas.

O culto desenfreado ao bezerro de ouro, a febre e o delirio da ambição do mando, hão de passar, como passam as epidemias que de tempos a tempos assolam e flagelam a humanidade.

E a geração que neste momento é acalentada ao seio materno, terá o direito de perguntar:

Que legado deixaram nossos antepassados?

Onde as bibliotecas?

Onde os museus?

Onde as academias?

Onde os laboratorios?

Onde as manifestações das letras, artes e ciência?

Porque deixaram passar para o estrangeiro os artefatos do homem primitivo de nossa terra natal?

Porque tantas curiosidades genesicas, tantos petrefatos de seres prehistoricos, nos saíram barra afóra, indo opulentar estranhos climas? Porque de nossa história, de nossas tradições, de nosso heroismo, não existem os arquivos guardados com solicitude e interêsse criterioso?

Porque desprezaram o folclore do nosso povo? Porque não lançaram a pedra basilar de nossa emancipação politica, literaria e scientifica?...

Sim, sou um paleontologo neste trabalho: em excavações

laboriosas e sucessivas fui desentranhar de empoeirados palimpsestos e das reminiscências de encanecidos campeiros a materia que hoje exponho á publicidade. Mas a paleontologia no ramo de atividade que exerço, como no dominio da história natural, não é mais que o passado a que se prende o presente, por intima filiação. E' antecedente inevitavel, impreterivel.

O que hodiernamente é o povo rio-grandense, a sua energia mascula, o seu amor intrinseco ás conquistas liberais e democraticas, a antipatia inveterada contra os tiranos e instituições retrogradadas e privilegiadas, tudo isto não é mais que uma consequência.

As premissas estão nas origens, nos fatores constitucionais da raça, a que me orgulho de pertencer.

Os gelos dos anos acumulam-se-me á frente, que alveja; dentro do peito, porém, cada vez mais bulha pelo ninho meu paterno o entusiasmo, que nem a propria morte entibiará a seus enregelhados dedos. Como não ser assim?

Temos como existencia, apenas pouco mais de um século e que anais brilhantes e estupendos!

Somos de ontem e hoje na America não temos quem nos dispute a palma nos grandes feitos pelas causas mais generosas e santas.

Somos de ontem e o que os outros povos conseguiram em muitos séculos, obra vasta, no entretanto, nós o obtivemos na circuição de alguns decenios.

E' pequeno o Rio-Grande relativamente, mas o homem que o habita, o enche além de suas fronteiras, transborda e vai levar a fama de seu torrão natal até os derradeiros limites das nações civilizadas.

Não ha aqui uma geira, um palmo de terra que não seja embeberado de sangue precioso, e a ossada que branqueia sobre o sólo ou está sob a leiva conta a lenda da bravura, aos clarins da liberdade.

O alemão, o inglês, o italiano, o francês e o russo são intrepidos soldados, supernas qualidades militares os exornam,

nada, no entanto, lhes devendo o gaúcho dos pampas rio-grandenses.

Aqueles, por vezes, têm arrancado a espada em defesa de instituições caducas e anacronicas, este nunca monta a cavallo sinão pelo seu direito, pela justiça e por principios que constituem o fanal das mais nobres aspirações humanas.

O Rio-Grande foi conquistado nesga por nesga, ao denodado espanhol em tempo de seu indisputavel poderio.

Ha nêle mais humus de sangue do que de detritos seculares.

Ora é Abreu, simples peão, depois barão do Serron Largo, vulto de genealogia incognita, deixando um rastro luminoso através de nossa história colonial.

Ora é Bento Gonçalves e a pleiade de generais que o acompanhavam e que fizeram estremecer o vastissimo império em seus eixos, obrigando-o a fazer pazes, de potência a potência.

Ora é nos campos de Moron, sob as ordens de Manoel Marques de Souza, depois conde de Porto Alegre, coadjuvando os patriotas argentinos a derrubar o despotismo de Rosas.

Ora é na República Oriental e Paraguai, fazendo prodigios assombrosos.

Que faria o Brasil nesta luta gigantesca contra uma pequena nacionalidade, mas dotada de extraordinario valor, si não fora Osorio que transpôs o passo da Patria com seus cavaleirianos e dirigiu a mais formidavel batalha campal da America do Sul?

Que seria dêle sem os trinta mil rio-grandenses, o que tinhamos de mais valido e seletos em nossa mocidade?

Sem Propicio, Tamandaré, Andrade Neves, Portinho, Marques de Souza, Neto, Canabarro, Vasco Alves, João de Deus, Camara, Silva Tavares, Chananeco, Mercio e inumeros outros?

Ora campa sobranceiro na revolução de 1893, e a pseudo-república, depois de ter gasto mais do que na quinquenal campanha do Paraguai, com os cofres esgotados, coberta de dividas, sem exército, sem armada, imbele e ignara soffrendo

toda a sorte de desacatos dos povos estrangeiros, arreiou bandeira ante as hostes a quem apelidava na vespera de quadrilha de bandidos, ladrões e assassinos!

E o que é mais, o Rio-Grande salvou em 93 a revolução de 15 de Novembro, como em 35 salvara a de 7 de Abril.

Quando se fizer a república sã, em moldes democraticos; quando o sistema federal deixar de ser uma ficção; quando a liberdade e a justiça, essas duas irmãs gêmeas, forem uma realidade tangível, o Brasil em peso deve erigir um monumento de gratidão nacional, não a determinados indivíduos, prototipos do czarismo de A. Comte ou ditadura científica, mas aos manes dos paladinos tombados nas inexpugnáveis campinas rio-grandenses, aos gloriosos martires de Santa-Catarina e Paraná.

A posteridade o fará, quando a conciencia nacional tiver a intuição exata destas duas revoluções que, em suas manoplas de aço esmagaram as pretensões do militarismo usurpador. E nem se diga que somos só homens de guerra. Onde circula nas arterias sangue em que superabundam os globulos rubros, ha nervos e musculos em serviço de intelligência pujante.

Quem se alimenta exclusivamente de churrasco, matambres, assados com couro e costelhares, só possui como rivais os filhos do Uruguai, República Argentina e Inglaterra.

A preponderancia dêste último povo é talvez sómente devida a esta circumstancia. O inglês é o homem do bife, do rosbife, corrigido em sua ação pelo chá da India.

Nos temos tambem, com os nossos vizinhos, o corretivo na cafeina do mate.

Si não apparecemos singularmente até hoje nos dominios das letras, artes e ciências, é que não tivemos tempo de repousar.

Sempre sob as armas, a cavallo, a lança em riste, a espada na dextra, a carabina em mira!

E, contudo, é mister um resfolego, para mostrarmos ao mundo que pelejamos tão esforçadamente nos diversos e mais elevados ramos da atividade humana, como nos campos de batalha.

Casa-Branca,

Apolinario Porto Alegre.

AO COMBATE DO SEIVAL

Já vem o Silva Tavares
Com a sua fôrça armada,
Perguntando pelo Neto
Mais a sua farrapada

As duras pedras choravam,
As arvores davam gemidos
Por ver os queridos filhos
Da propria patria corridos.

Com fôrças três vezes mais
Em campo raso alinhado,
O legal Silva Tavares
Foi batido e destroçado.

No dia dez de Setembro,
Lá nos campos do Seival,
Foi derrotada a soberba
Dos tais barbudos do Herval.

Estas quatro quadras corriam isoladas com referência no entretanto ao mesmo assunto. Aí vão como me pareceu melhor dispô-las.

O combate deu-se no dia 10 de Setembro de 1836, nos campos do Seival, além do rio Candiota, na estrada geral que vai a Bolena. O coronel Antonio de Souza Neto comandava uma brigada de cavalaria, composta de 413 homens, da qual era instrutor Joaquim Pedro Soares. As fôrças de Silva Ta-

vares eram de 560 homens, e esperaram em coluna cerrada e em boa posição o inimigo; dirigia-lhes as manobras o major João Frederico Caldwell, que, vendo em distância as evoluções das hostes adversas, ponderou ao chefe que augurava mal da jornada.

Neto tomou as disposições para o combate fazendo entrar nêle só 210 homens, distribuidos em três esquadrões. O restante da fôrça ficou de reserva, cuidando da bagagem, sob o comando do major José Gabriel Cavalheiro, alcunhado Dunduca, o qual, apenas começou a refréga, se eclipsou da cena, para reaparecer com a vitória.

Os esquadrões tiveram os seguintes chefes: o da direita foi comandado pelos capitães Firmiano Alves dos Santos e Marcelino Nunes; o do centro pelos maiores Bernardo Pires de Oliveira e Francisco Carlos da Costa; e o da esquerda pelos tenentes coroneis Manoel Lucas de Oliveira, e Antonio Gonçalves Meireles.

Ao toque de avançar, a afamada cavalaria de Piratinim fez uma carga tremenda, recebendo a queima-bucha o fogo da fuzilaria do inimigo, cuja linha, rompendo-se se entreverou, tornando-se o combate corpo a corpo e a arma branca. Era uma pagina da Iliada. O capitão legal Pedro Nunes, colosso humano, fôrmas atleticas e pulso de ferro, vibrou tal lançaço em Marcelino Nunes, que este voou do cavalo atravessado e moribundo; mas a alegria de seu contendor ficou em meio, pois quasi em ato continuo o capitão farrapo Manoel do Couto com um tiro lhe fez saltar os miolos debruçando-o sôbre o cadaver da vitima.

Outros oficiais imperialistas vão mordendo o pó, escabujando nas vascas da morte.

Chocam-se homens, cavalos cujo tropel aterra, chovem cutiladas homericas, laminas retinem, faiscam, são quasi imanejaveis as lanças, revolve-se tudo num turbilhão de centauros, fogo, fumo e pó!

O centro e flanco esquerdo de Silva Tavares remoinham enovelados, desfeitos.

O major Caldwell que se bate como um herói, sente de

subito a espada fugir-lhe e a mão pender amortecida ao longo do corpo. Uma bala a trespassara, cortando-lhe os nervos, mutilação que ha de perdurar no resto de seus dias. Rende-se. O major Bernardo Pires, ferido, banhado em sangue, rompe como um leão a trincheira de combatentes que se lhe antepõe.

Ruge a voz de Silva Tavares, chamando á linha os seus que recuam, fogem aos tufões da guerra. Neto e Joaquim Pedro Soares fazem então rolar a avalanche dos cavaleirianos sôbre a direita dos contrarios ainda firme; á sua impetuosidade de inundação a rechassam, a fragmentam, a esmagam.

Os clarins cantam um hino de vitória.

Começa a debandada. Disparam em todas as direções como um bando de avestruzes acossadas por caçadores.

Soa a perseguição.

Já basta de trucidar. A lança é inutil. E' mister apreender, e as bolas e o laço preenchem este fim, cruzando o espaço como serpentes aéreas.

No vasto perimetro da dispersão, onde os corseis devoram a imensidade a toda a brida, ainda aqui e ali se ouvem detonações isoladas, se vêem adagas e lanças que se esgrimam. São combates singulares dos que não querem entregar-se e preferem a morte á rendição, que para êles é ignominiosa. Uns e outros são rio-grandenses, nas veias ferve-lhes o mesmo sangue.

No entanto a arena da liça ficou juncada de cadaveres e feridos. Era um estiva de defuntos, membros espessos, argamassados com os coalhos de copiosa sangueira dum povo essencialmente carnívoro.

Morreram 160 imperialistas, ficaram 60 feridos e 116 caíram prisioneiros. Entre os seus officiais que pereceram, nomearemos David Pereira, Jeronymo Amaro, Francisco de Oliveira e o já mencionado Pedro José Nunes. Os extraviados foram levar a João Crisostomo, em Caçapava, a triste noticia do completo desbarato.

Dos republicanos houve algumas mortes e muitos feridos, cujo numero não podemos precisar, por falta de dados.

A reserva dêstes não se moveu, porque foi desnecessario. Foi uma das pelejas mais cruentas e renhidas da revolução, como um dos seus mais esplendidos triunfos. Relativamente nenhuma se lhe avantaça.

Como se agravasse o ferimento de Caldwell, prisioneiro, os farrapos, a quem os legais denominavam de bandidos e ladrões, que o consideravam, fizeram-no ir de Piratini para Pedras Altas e daí para o Rio Grande, onde entre os seus encontraria mais prontos recursos.

Esta vitória esteve a ser evitada, quasi arrancada á patriótica brigada piratinense.

Tendo Neto feito anteriormente tenaz perseguição por espaço de sessenta leguas a Silva Tavares, este emigrara para o Estado Oriental e passando logo depois ao Brasil pelo Jaguarão, achava-se no territorio de Pedras-Altas, recrutando e exercendo atos de prepotencia contra os que eram revolucionarios.

Em vista disto, a guarda nacional de Piratinim dirigiu uma petição ao comandante das armas, João Manuel de Lima e Silva, apresentando-se para ir combatê-lo.

Nela só apareciam assinaturas de praças de pret, ficando quiçá a officialidade em ansiosa expectativa, por não querer contrariar algum plano do chefe.

Indeferido ao principio, a permissão foi enfim concedida e já vimos qual o resultado.

Foi enorme o entusiasmo que daí derivou, os heróis daquella jornada julgaram-se invenciveis e aptos para o mais audaz cometimento. Vingariam, si lhes fóra ordenado, impervios obstaculos. Neto para os seus bravos companheiros darmas entrou no ciclo luminoso da legenda, tornou-se um indigete.

Já não era bastante pugnar pela fiel observancia do Ato Adicional, isto é, pela execução das conquistas democraticas de 7 de Abril, urgia para elles que seu comandante, como o outro protagonista do mito, com a clava de sua pujança esmagasse duma feita a hidra do Rio de Janeiro que absorvia a seiva das provincias e as escravizava a seu talante.

Sóbretudo no espirito de dous homens, seus amigos, seus

camaradas, aninhara-se um pensamento fixo, radicara fundamentalmente: a federação do Brasil sob a fórmula republicana. Eram êles Manoel Lucas de Oliveira e Joaquim Pedro Soares. Neto acarinhava a mesma idéia, não obstante temia acarretar a sós com a responsabilidade. Mas êles a insuflavam sempre, a cada instante a lembravam.

Afinal sob os risonhos auspícios da vitória do Seival, que os tinha eletrizado, êle mesmo inflamado pelo grandioso ideal se atreveu a franquear o Rubicon. No dia 12 de Setembro no seu acampamento á margem do rio Jaguarão, junto ao passo do Lageado, proclamou êle a república rio-grandense. Mil aclamações retumbaram, explosões de civismo que deviam repercutir em breve de cochilha em cochilha, em todo o territorio rio-grandense, onde pulsasse um coração que servisse nobre e lealmente á causa da liberdade.

Quem poderá contestar o direito que êle usou? Jamais alguém o contestou ao Brasil de emancipar-se da metropole, soltando o brado do Ipiranga?

Jamais alguém o contestou á Provincia Cisplatina de libertar-se do Brasil e constituir-se em república?

Como querem contestá-lo a nós, sob a opressão duma tirania que nos extorquia não só as nossas rendas particulares e públicas, frutos de nosso trabalho, mas ainda todos os direitos inalienaveis, postergando a opinião conteste e soberana do povo?

Queríamos ter o direito de pensar, sem a sanção do centro usurpador, fiscalização de senzalas incompativel com homens livres.

Si a Neto não sobrassem outros titulos de gloria, só êste lhe bastaria para a posteridade.

Nem nos venham dizer que somos irrequietos e insaciaveis.

O que quisemos sempre, o que queremos hoje, o que queremos amanhã, é o respeito á lei, ás instituições democraticas e portanto á soberania popular. Governem-nos nestas condições e não ha povo mais pacifico e menos dado a motins e tumultos. Vou demonstrá-lo com fatos.

Quando em 6 de Março de 1821 foi nomeado por D. João

VI o brigadeiro João Carlos Saldanha para capitão general do Rio Grande do Sul, o conde da Figueira, seu antecessor, deixara a capitania sôbre um vulcão prestes a irromper.

As idéias democraticas, a aspiração natural de independencia, o germen fecundo que a Revolução francesa semeara em todos os espiritos, o exemplo dos outros povos americanos, rompendo os vinculos da tutela transatlantica, eram infiltrações de que altamente se ressentia o Rio-Grande. A alma popular agitava-se em homens afeitos a todos os rigores da guerra, sempre sob as armas, retemperados nas lides marciais em que deslisara toda a sua existencia, movidos de indignação contra os abusos e arbitrariedades dos capitães-môres que, segundo a expressão de Silvestre Pinheiro, ministro de D. João VI, eram em sua maxima parte **desprezados e desprezíveis.**

Saldanha que ulteriormente se tornou o campeão das liberdades constitucionais da antiga metropole e foi o primeiro general português dêste século, estava então no verdor dos anos e na guerra contra Artigas alcançara o posto de general de brigada. Neto do marquês de Pombal pelo lado materno, tinha no sangue algo do maior ministro que até nossos dias teve Portugal; como seu avô, juntara á viril energia a concepção nitida do progresso como consequencia das conquistas democraticas; tinha em seu coração uma ara para a liberdade. Moço pertencia a sua geração.

De Montevidéu vem tomar conta de seu govêrno, atravessando a campanha do Rio-Grande.

Por toda a parte ouve clamores contra a administração dos negocios publicos, é geral o descontentamento dos povos. Antes de chegar a Porto Alegre recebe um emissario enviado pelo senado da camara, reclamando sua presença na capital, por estar a rebentar uma conspiração. Voa á séde de seu govêrno, acalma os animos e faz abortar a tentativa pelos meios prudentes que empregou, sem provocar odiosidades e represalias.

Reune em seguida os homens mais abalisados do lugar, consulta-os a respeito das necessidades urgentes da capitania e com êles delibera sôbre as medidas convenientes a tomar.

Depois que voltou o sossego e que a alegria se estampou nas relações de todos os habitantes pela confiança que êle inspirava, foi percorrer a vasta area de sua jurisdição e ver de perto o estado dos dominios que lhe foram entregues. Por onde passa, convoca os idoneos e criteriosos, ouve as queixas, apasigua os descontentes, promete providencias ou as toma logo sob sua immediata responsabilidade. Retrocedia de Missões, quando é chamado a toda a pressa á capital, em vista de novo levantamento dirigido pelo coronel Ferreira de Brito, distinto precursor de Bento Gonçalves. Chega, prende-o, processa-o, tratando-o mais como um camarada que aberrou do dever num desvario, do que como criminoso de alta traição.

Serenada a tempestade, procurou angariar as simpatias, decepando audazmente os abusos. O que mais vexava então as populações rurais e gravava a fazenda publica, era o contrato de arrematação dos impostos sôbre gado e couros, adjudicado á familia Paiva. Apesar dos inumeros obices que se lhe antolhavam, embora o escandalo fosse inveterado, tivesse mesmo o patrocínio de interessados na côrte do Rio de Janeiro, êle, desprezando tudo isto, cerceou corajosamente a extorção, fazendo reverter a cobrança diretamente para o fisco. O fato estourou como um aerolito nos céus do Rio Grande, onde a principal fonte de receita estava nas mãos dum individuo que desde muito tinha o monopolio da arrecadação. O ato de extrema energia do governador, não transigindo com a gestão da fazenda publica como era feita até então, foi ecoar com espanto no Rio de Janeiro, onde Saldanha teve de ir justificar-se com os documentos em punho, provando á evidencia como era delapidado o erario da capitania.

Apesar da aura propicia que o bafejava, sentia que pisava em terreno falso e tinha sob os pés solfataras de rumores sinistros.

A idéia da emancipação politica fervia nas arterias das massas populares que se moviam impelidas pelo sopro fatal dos acontecimentos, aliás pelo determinismo duma lei historica. Portugal envelhecera e era carcomido pelo caruncho da desorganização, enquanto a colonia atingira á puberdade mais robusta e com exuberancia de viço que jamais tivera o tronco.

Ele de si para si aprovava como legitima a aspiração; si hou-
vera nascido americano não procedera de outra fórma. De-
mais amava os Rio-Grandenses, que lhe retribuiam a afeição.
Com elles, com Garibaldi, aprendera a arte da guerra sul-ame-
ricana, essa guerra de montoneros, cuja tatica e estrategia são
desconhecidas á ciência européa e que tanto mal ao começo
fizera ao exército lusitano: com elles comandando a divisão
de cavalaria cobrira-se de imarcessiveis louros contra Artigas.

Repugnando-lhe combater um povo que pugnava por sua
liberdade, e tendo de fazê-lo pela sua posição official, sem es-
peranças de vencer, pede a demissão do cargo que exercia.
Não lhe respondem nem de Portugal, nem do Brasil. Reite-
ra o pedido. Mesmo silencio. Insiste de novo e obtem-na
afinal.

Eis o que elle dizia, a 20 de junho de 1822, em officio, ao
ministro da marinha, em Portugal: "Entregue a mim mesmo
e sem instruções para me dirigir, o meu principal cuidado tem
sido manter esta provincia **em união entre si, sem me opôr á
opinião publica**, dar-lhe contudo a direção menos desfavora-
vel á grande causa em que os portuguezes se acham empenha-
dos, podendo assegurar a Va. Exa. que tenho conseguindo com
trabalho estes dous grandes fins".

Poderia estender-me ainda muito sôbre o assunto, si a
ocasião fosse oportuna. Foi rapido parentese.

Eis a razão por que, alvorecendo a independencia, o Rio
Grande aderiu immediatamente e seus filhos continuaram a
viver na harmonia em que os deixara Saldanha, ao passo que
nas outras provincias a intriga fervilhava e a anarquia passea-
va satisfeita com o facho aceso da discordia e da luta civil.

E' depois de 7 de Abril que começam a escaldar-se as pai-
xões que um momento estiveram excitadas com os desastres
de Ituzaingô e os aulicos que deram causa a isto. Por um
lado portuguezes mal vistos e perseguidos em Pernambuco,
Baía, Rio de Janeiro e outros pontos, homens de instintos
perversos em revolta contra a invasão das novas idéas e la-
mentando o desaparecimento do regimen colonial, vieram fo-
ragidos aninhar-se no Eden do Sul, aportando ás nossas pla-
gas como uma praga mais prejudicial que os pampeiros de San-

ta Rosa e as enchentes de São Miguel. Por outro lado com êles faziam cômico alguns brasileiros renegados que tinham saudades de antigos privilegios de fidalguia, como Camamú, que a Baía repeliu e veio boiando até nossas praias.

Mas isto nada seria si o govêrno das regencias não fizesse causa comum com essa grei de reprobos contra o elemento nato rio-grandense, palpitante de patriotismo.

A opinião do Rio Grande era manifesta, mas o govêrno quis contrariá-la, impondo a sua, que era o éco dos retrogrados e portugueses, dignos parceiros de D. Miguel.

Dai a conflagração e a tremenda luta.

Não nos mandem, pois, canhões e carabinas, que isto não nos assusta. Mais horrorosa é a disparada do gado chucro e da tropa de baguais e o gaúcho rio-grandense nem disto se preocupa, porque sua vontade inquebrável e seu braço herculeo os domina. Mais forte é a voz do pampeiro que retouça em nossas campinas e as tala, e êle não se apavora, encara o fenomeno de frente erguida e sem pestanejar, sorri das alturas de sua superioridade.

Quando o Rio Grande quer, sabe o que quer e porque quer. Defendendo o seu direito, o protesto que lavra e subscreve é em favor de todo o país.

Ah! Si em doze de Setembro de 1836 a discordia não nos separasse em dous campos, si fôssemos um só corpo, uma só alma, um só pensamento, quem ousaria transpôr um palmo sequer a balisa de nossas fronteiras?!

Basta, porém, de mais ponderações.

Alonguei-me demasiadamente em relação ao combate do Seival, porque foi êle que veio contrastar a catastrophe do Fafá, não infame traição do govêrno central.

A 30 de outubro Neto anunciava a sua brigada o deploravel acontecimento.

Desta proclamação destacarei os seguintes periodos:

“O revez que soffremos, é grande, mas é um só no circulo de tantos triumphos; por isso redobrai vosso valor e vencemos.

“Sim, patricios, si ousarem nossos antagonistas disputar

a contenda formados em campo de batalha, conto, repetireis, a terrível lição do Seival.

Mas o entusiasmo emanado do feito de 10 de Dezembro de 1836, ao saber-se das ocorrências do Fanfa, em vez de entibiar, subiu de ponto.

A republica tinha sido proclamada a 12 de Setembro, mas era preciso instalá-la, jurá-la.

Era a maneira de mostrar ao imperio que, sem o chefe da revolução, com o maximo infortunio da ilha do Fanfa, a causa que não era de homens e sim de principios, seguiria avante e imperturbavel. Bento Manoel, o Effialtes paulista, o perfido que apenas obedecia ás sugestões de seus interesses, e ás paixões tacanhas de sua personalidade declarou em vão o extermínio da anarquia e o restabelecimento da ordem. (Pallavras da parte official de 9 de Outubro).

Os republicanos responderam a 6 de Novembro, organizando o governo da republica em Piratinim.

Era o guante lançado á face do imperio, que fementida e cavilosamente rasgara a Convenção de 4 de Outubro, infringindo preceitos de honra e pundonor que até em suas quadri-lhas os respeitam os salteadores.

Julgara êle que sufocava o movimento que era nacional, prendendo deslealmente Bento Gonçalves?

A série de sucessos posteriores mostraram-lhe o reverso.

O Rio Grande do Sul não pertence a homens. Em determinadas épocas esta ou aquella individualidade pode consubs-tanciar o complexo de aspirações dum povo inteiro, sem absorver-lhe a liberdade, a consciencia, a ombridade de seu caráter.

Os homens passam, as idéias prosseguem.

Apolinario Porto Alegre.

(Do Cancioneiro da Revolução de 1835).

As Missões Orientais do Uruguai e o coronel Joaquim Antonio de Alencastre

Tradições de família, guardadas religiosamente, faziam-me admirar os meus antepassados pelos serviços que prestaram á Patria e sobretudo pelo caráter firme que tinham revelado.

Estimulado por prendas morais, reveladas por meu pai, procuro mantê-las no animo de meus filhos e fazê-los cultivar os nobres e elevados exemplos de meus antepassados. O que chegou a mim através da palavra e da vida paterna revelou caracteres de nobreza, energia e elegancia moral. Admirava os meus avós, como venerava a meu pai.

Tenho em mãos um livro do Dr. Hemeterio Veloso da Silveira sobre as Missões Orientais do Uruguai, trabalho aliás de grande valor. Surpreenderam-me os juízos por elle externados sobre meu bisavô o brigadeiro reformado Joaquim Antonio de Alencastre.

Era um desmentido ás tradições de família e á verdade historica. Procurei tomar contato com a ação do coronel Alencastre no comando geral das Missões. Reconheci com satisfação que o Dr. Veloso fôra infeliz na sua afirmação.

Os seus conceitos, não documentados, não podem destruir o que existe nos arquivos publicos do Rio de Janeiro e do Rio Grande do Sul, assinado pelo Visconde da Laguna, que comandava em chefe o nosso exército, Visconde de Castro, comandante da Fronteira do Rio Pardo, Salvador José Maciel, pre-

sidente da Província de São Pedro do Rio Grande do Sul e pelo que deixou escrito o general João Manoel de Lima e Silva.

Fiquei satisfeito, quando manuseei no Arquivo Publico Nacional, os documentos relativos á occupação de Rivera nas Missões, justificativos da ação do coronel Alencastre.

Continuei no meu lar a apontar a meus filhos a vida dos meus antepassados como exemplos dignos de imitação e de respeito.

O coronel Alencastre teve um filho o alferes de estado maior de 2.^a classe Serafim Joaquim de Alencastre, que tambem revelou um caráter firme, inquebrantavel. Tomou parte na Guerra dos Farrapos, tendo alcançado o posto de tenente coronel. Foi na Republica Farroupilha Ministro da Guerra e da Marinha e deputado á Assembléa Constituinte, sendo o terceiro em votação.

Era republicano antes da Revolução de 35, tendo sido por esse motivo perseguido por Bento Gonçalves e retirado da fronteira. O decreto que o nomeou ministro é um documento original. Vou transcrevê-lo:

“Sendo indispensavel organizar-se o ministerio para não soffrer o expediente a cada uma das repartições correspondentes e concorrendo na pessoa do tenente coronel Serafim Joaquim de Alencastre os requisitos necessarios para bem desempenhar as funções inherentes a quaisquer das referidas repartições, apesar da repugnancia que tem manifestado em aceitar tão laborioso encargo, o vice-presidente da Republica ha por bem nomeá-lo interinamente Ministro e Secretário de Estado dos Negocios da Guerra e da Marinha”.

Esse original documento está assinado por dous dos maiores vultos da Revolução: José Mariano de Matos, presidente em exercicio e Domingos José de Almeida, ministro da Fazenda e talvez o mais denodado mantenedor e o maior sustentaculo da jovem Republica (Caso interessante: nenhum dos dois era riograndense).

Nunca tive noticia de que uma pessoa qualquer tivesse repugnancia em ser ministro e que esse fato fosse narrado em um decreto.

O joven tenente coronel da República Farroupilha bem

pode ser apontado aos contemporaneos como exemplo a ser imitado.

O tenente coronel Alencastre conservou-se intransigentemente republicano durante a vida inteira. O Govêrno Imperial nunca quis promovê-lo. Tendo sido promovido a alferes em 1827, morreu como alferes em 1858, isto é, 31 anos depois.

Continuarei como meu pai, a apontar aos filhos os exemplos dos nossos avós, para serem imitados, ajuntando-lhes os meus proprios exemplos.

Tenho procurado transmitir a meus filhos o que recebi de meu pai e dos seus maiores, um caráter firme, nobre e resolutivo, que faz cumprir o dever com devotamento e encarar a adversidade e as injustiças com altaneria e com orgulho.

NA TERRA PAMPEANA.

A história do Rio Grande foi muito agitada, desde que começou a catequese dos indios.

O padre Roque Gonzalez, um verdadeiro martir, foi barbaramente assassinado com mais dous companheiros pelo moribundista Nechum e seus adeptos.

O padre Roque, pertencia ás missões jesuiticas do Paraguai que catequizavam indios nas margens do Paraná e Uruguai.

Com a expulsão dos jesuitas das margens do rio Parana-panema pelos bandeirantes intentaram elles a catequese em ambas as margens do Uruguai, hoje fronteira argentino-brasileira.

O padre Roque esteve seis annos na margem direita do Uruguai procurando penetrar na margem esquerda. Durante esse tempo escreveu as obras que deixou.

Enfim depois de inumeras tentativas pôde penetrar no solo rio-grandense e começou a trabalhar fundando nucleos de indios, a que chamavam reduções. Em 15 de Novembro de 1828 foi morto o valoroso martir da fé católica.

Os povos do Prata e do Rio Grande comemoraram o tricentenario da sua morte.

O padre Roque deixou uma tradição de santidade. Dêle se contam muitos milagres.

Já se iniciaram em Roma os trabalhos para tratar da sua canonização.

Com o sacrificio do martir americano não terminou o trabalho dos jesuitas espanhóis. Outros vieram depois e com grande destemor continuaram na missão de chamar á civilização os indios selvagens.

Em pouco tempo ficaram senhores do territorio de todo o estado: Fundaram reduções e estancias, espalhadas pela região serrana e pela baixada rio-grandense.

São Miguel era a capital das missões orientais do Uruguai. As suas ruínas grandiosas ainda atestam as grandes construções feitas.

Em São Nicolau ainda se podem vêr as ruínas do cabildo, da igreja, do cemiterio, construções que provocam admiração.

As outras reduções capelas e estancias são hoje grandes e importantes cidades: Santo Angelo, São Luiz, Cruz Alta, Santa Maria, São Gabriel, Santa Ana do Livramento, Itaqui, São Borja, Alegrete, Uruguaiana, Quaraí, Rosario e D. Pedrito.

Estavam as missões em grande progresso quando surgiram os bandeirantes, os teriveis mamelucos.

Os indios defenderam-se a ferro e fogo. Houve até batalhas navais no rio Uruguai.

Os mamelucos arrazaram tudo com extrema ferocidade.

Não poderam os indios guiados pelos jesuitas resistir ao ataque barbaro dos bandeirantes.

Começou o declinio das missões que passaram por diversos alternativos, mas não conseguiram voltar ao antigo esplendor.

A ação dos bandeirantes caracterizava-se por uma extrema violencia. Para os cisplatinos daquela época o mameluco era uma expressão de ferocidade.

E' forçoso reconhecer que êsse tragico caçador de indios fazia uma manifestação de brasilidade. Agia em nome de nossa bandeira.

A êle devemos o enfraquecimento do Imperio Jesuitico Espanhol.

Em 1725 começaram a descer da Laguna os primeiros colonizadores paulistas que povoaram o Rio Grande.

Sem a ação dos bandeirantes em cem anos teriam os jesuítas se fortificado e engrandecido de tal fôrma, que seria impossível naquela época a formação do atual Rio Grande.

Devido ao ataque dos bandeirantes as Missões Orientais do Uruguai são representadas hoje por belas e progressistas cidades.

Duas foram as correntes de colonização rio-grandense, que começaram depois de 1825.

Uma entrou pelo Nordeste, vindo da Laguna. A outra entrou pelo sul do Rio Grande com o general Paes.

Depois vieram os açorianos que fundaram Porto Alegre.

Até 1801 era o Rio Grande uma faixa estreita de terra que passava por Bagé, Rio Pardo, entre o mato castelhano e o mato Português.

Em 1802 dous gaúchos Manoel Pedroso e José Borges do Canto num rasgo genial de bravura conquistaram as missões orientais do Uruguai aos espanhóis.

Pouco custou-nos a conquista. Muitos sacrificios representa a conservação da posse. Artigas jogou André Artigas contra nós na fronteira das Missões.

Defrontou-o com vantagem o General Chagas.

O Governo Português resolveu destruir o poderio de Artigas.

Lecór comandou as tropas de ataque. Sotel destacado por Artigas devia reforçar Andresito que cercava São Borja ocupado pelo general Chagas. Salvou-o de um desastre a intervenção rápida e ativa do general Abreu que atacou a Sotel e depois destruiu Andresito inflingindo-lhe uma grande derrota.

O General Chagas passou o Uruguai, disposto a arrazar e destruir. Se bem pensou, melhor executou.

Os portugueses operaram com duas colunas sôbre Artigas. Lecór teve como objetivo a ocupação de Montevidéu, devendo desembarcar em Maldonado ou noutro ponto mais conveniente.

A outra coluna, atuando pelo centro do pas, seguia sob

o comando do Marquês de Alegrete, capitão general do Rio Grande do Sul.

Lecór desembarcou em Santa Catarina acompanhando a costa até Montevidéu.

Além dessas duas colunas principais, Chagas sôbre o Uruguai agia como flanco guarda ou guarda da retaguarda.

Curado, destacado para a frente por Alegrete, seguia pela linha central.

Lecor desprendeou dous destacamentos de cobertura, sob o comando do general Sebastião Pinho e do General Bernardo da Silveira que enfrentaram Otorquez e Rivera.

Artigas que dispunha de mais de 6.000 homens dividiu a sua fôrça em quatro destacamentos comandados por Sotel, Verdun, Andresito e pôr êle em pessoa. Sotel teve por missão auxiliar Andresito no ataque a Chagas parecendo pretender atacar a retaguarda de Curado.

Como plano de operações parece-me obra de artifício, dissentido da logica. Obra de pouca imaginação sem contato com a realidade.

Artigas tendo dois grupos na sua frente em distancias desiguais, devia procurar em primeiro lugar bater o mais fraco que era o que estava mais perto.

As operações de Curado foram antes felizes do que acertadas. Bateu-se por vezes com inferioridade numerica. Foi o caso de Mena Barreto, que nessas condições derrotou a Verdun.

A guerra começada em 1816, só terminava em 1820, pela Batalha de Taquarembó. Três anos de guerra para destruir Artigas!

E' muito. E' demais.

A 13, de Janeiro de 1817, deu-se o combate de Arapeí. A 4 de Janeiro de 1817 ganhamos o recontro de Catalão.

A 2 de Janeiro de 1817 entrou Lecor em Montevidéu ligando-se com a esquadra do conde de Viana.

Sena Pereira com a sua esquadra dominava o rio Uruguai hostilizado por organizações feitas por Artigas.

Bento Manoel passa o Uruguai de noute com 500 homens

com cavalos pelo cabresto e realiza uma das mais brilhantes façanhas conhecidas nas nossas guerras.

No dia 22 de Janeiro de 1820, feriu o conde de Figueira a batalha de Taquarembó que deu definitivamente por terra com o poder de Artigas.

Levou três anos Lecór para destruir o poderio de Artigas. Desajudado de qualquer aliado, a resistencia de Artigas parece mostrar que, pelo menos, as operações foram levadas com certa lentidão.

Não compreendo que houvesse necessidade da ligação immediata com as forças navais, obrigando Lecor a marchar pelo litoral para manter com elles o contato.

Penso que seria mais acertado marchar o nucleo central por uma linha que fosse o eixo central de manobra. Dê-se nucleo central forte seriam desprendidos os destacamentos necessarios que nêle se apoiariam. Os nossos generais disporiam sempre de superioridade numerica.

A campanha seria dominada com mais rapidez e eficiencia. Lecor realizaria em todas as situações o principio da concentração, dos esforços, sendo sempre o mais forte no ponto e no momento precisos.

Não ha razão que justifique Lecor o ter desdobrado as suas forças em duas colunas, ficando a mais fraca com inferioridade numerica, ás barbas do inimigo.

Chagas cercado por Andresito, foi reforçado por Abreu, que, depois de inutilizar Sotel, bateu em São Borja as forças que o cercaram.

Abreu realizou um movimento feliz, rematado por uma vitória conquistada pela sua habilidade.

Chagas passa do Uruguai. Derrota o inimigo. Destrói e saqueia as povoações de Japejú, berço de San Martin, Cruz, São Tomé, Santa Maria, São Xavier, Martirios e Conceição, saqueando outras.

“OS CONQUISTADORES”

Em 1801 foi realizada a conquista das missões por José Borges do Canto e Manoel dos Santos Pedroso. Foi narrador da campanha Gabriel Ribeiro de Almeida, que tambem to-

mou parte brilhante na ousada façanha. Desajudados de recursos oficiais, imaginaram a arrojada conquista e rapidamente executaram-na. O Rio Grande era muito pouca cousa: uma faixa de terra que passava por Bagé, Rio Pardo entre o mato Castelhana e o mato Português nos municípios de Passo Fundo e da Lagôa Vermelha. A obra é grandiosa nas suas consequências. O vasto territorio onde existem tantas cidades ricas e progressistas, a riqueza pastoril do Rio Grande não existiria hoje se não fossem aqueles heróis. Se encararmos os fatos pelo valor das ações que elles representam, arriscamo-nos a fazer uma apreciação injusta, porque o meio era desconhecido para nós. Estudado, entretanto através das suas consequências, não ha em toda a história brasileira atos de maior relevancia para o engrandecimento da nossa nacionalidade.

Não se descobre facilmente uma unica razão que justifique o motivo porque jazem na mais completa obscuridade os heróis primaciaes da grande conquista. Se ha alguém que tem direito no Rio Grande a ser representado por uma estatua na praça publica, são os dous heróis da conquista. Não têm, entretanto, um nome nas ruas das cidades. O Rio Grande desconhece-os. O Brasil não suspeita a sua existencia. É uma injustiça da posterioridade. Ha de brilhar ainda a verdade em todo o seu esplendor. A justiça será feita. Os dous heróis serão exaltados como merecem. Nós, que gozamos dos beneficios da grande ação, não temos o direito de esquecê-los. Cultuemos a sua memória. Veneremos os heróis que nos fizeram brasileiros. Proclamemos bem alto os serviços que elles nobremente, patrioticamente, prestaram á grandeza da nossa Patria.

Manoel Pedroso e Borges do Canto são dous legitimos heróis. Heróis, pela façanha sem par que realizaram. Heróis por uma vida inteira de devotamento á causa publica. Outra cousa não fizeram além de pelejar denodadamente. Ninguém fez maiores sacrificios. Ninguém lutou mais. A vida dêsses dois homens é um acervo de devotamento e de bravura.

Humildes a principio, elevaram-se aos pincaros da gloria. No Rio Grande não tem par á sua façanha. No Brasil não tem par a sua proeza.

Aquêles dois homens foram iluminados pela mesma centelha, pela mesma inspiração. Ao mesmo tempo. Dir-se-ia que um lampejo de genealidade brilhou naquelas inteligencias sem cultura.

Vivendo no meio de aventuras, agitados por elas, eram os dois gaúchos aventureiros. Mas não trataram de interesses proprios. Tratavam do engrandecimento do solo patrio. Eram construtores. Eram realizadores.

O Rio Grande de hoje, na sua pujança, nos seus esplendores, não pode deixar de representar no bronze os heróis principais da sua grandeza.

Dir-se-ia, talvez, que a glorificação está no “colar das cem cidades deslumbrantes” que povoam o solo conquistado. Cada cidade da baixada riograndense é monumento elevado á memória dos dois campeadores. Cada cidade da região missioneira é a representação perpetua dos dois indefessos batalhadores.

Homenageie a politica os heróis do dia. Cerque-os de distinções, de regalias elouvaminhas. Caiam sôbre êles as bênçãos dos povos agradecidos ou enganados. Cultue-se os poderes e os poderosos.

Os vitores, as encenações, a cinematografia dos aplausos e das manifestações publicas, os bravos dos interessados, os hurraads! dos entusiasmos engrandecem momentaneamente as personalidades. São os julgamentos do dia, falhos do senso da história. São as mentiras do presente. Nem siquer preparam o herói para penetrar na immortalidade. E’ a gloria falsa dos valores artificiais. E’ o brilho dos brilhantes quimicos, que a poeira do tempo apaga e escurece.

Enquanto os agitadores da politica, os exploradores da politica, enfim os mãos politicos constróem uma auréola enganadora de prestigio, vão crescendo os verdadeiros heróis. Vão emergindo do passado serenamente. Crescendo com o tempo. Crescendo com as tradições. Crescendo com as nacionalidades.

Podem os homens, hoje, movidos por sentimentos subalternos ou por más inspirações deixá-los relegados para um plano secundario. Podem os governantes mal orientados votá-los ao olvido. Debalde.

Todos aqueles que voltarem o olhar para o passado, verão que uns vão desaparecendo na camada de poeira que o tempo vai acumulando. Outros vão emergindo, e definindo com mais precisão as linhas gerais da personalidade. E' que a obra dêesses realizadores vai crescendo com o tempo. A dos outros diminue, desaparecida na voragem em que se acabam as cousas passageiras.

A obra de Borges do Canto e Manoel Pedroso hoje já é maior do que ontem. Amanhã quando na zona pampeana brilharem os esplendores de uma grande civilização; quando na zona missioneira dominarem as excelencias industriais da vida moderna, resplandecerá a figura dos dois batalhadores com as fôrmas legendarias dos ciclopes e dos argonautas. Serão gigantes, capazes de escalar o céu. Super-homens. Semi-deuses.

Os posterios que gozaram ou que gozam os beneficios da conquista dos dois gladiadores ainda não reconheceram o impressionante valor da conquista e a grandeza dos heróis.

Revolta-me contra êsse silêncio. Contra essa injustiça. Brado: "Não o reconheceis, não o admirais, não o homenageais porque sois pequenos para compreender a obra grandiosa. Vós desaparecereis e êles brilharão em dias melhores com maior esplendor".

Não moveu os dois campeadores o desejo de recompensa ou o interesse. Inspirou-os alto sentimento da nacionalidade. Nobres foram êles. Desinteressados se mostraram. Bravos, revelaram-se. Altaneiros. Impressionantes.

"O JULGAMENTO DOS VENCIDOS"

Os que julgam uma personalidade impressionados por um unico ato de sua vida, arriscam-se na maioria dos casos a formular juizos injustos.

Quem julgar Napoleão unicamente pela batalha de Marengo, ganha pela intervenção inesperada de Dessaix, supo-lo-á um general feliz. Apreciando-o exclusivamente como vencido de Waterloo, verá nêle um general derrotado.

Julgando a obra de Bismarck sómente pela derrocada do Imperio Alemão que viu esboroarem-se as conquistas do seu

grande chanceler na Guerra Européa, só veria que a parte principal do seu edificio politico tinha desabado fragorosamente.

O observador que quizer ajuizar do valor de D. João VI pelos frangos que comia, não chegaria a convencer-se de que êle lançou os fundamentos da nossa nacionalidade.

Nêsse erro têm caído muitos dos nossos pesquisadores de cousas historicas. Preocupam-se simplesmente com o que tem á altura do nariz. Não se interessam pelo valor dos acontecimentos, pela sua vida de correlação, pela sua relatividade. Pela sua posição no tempo e no espaço. Não cogitam do meio politico, social ou militar da época. Não atendem ao meio cosmico.

Falta-lhes intelligência aguda para apreender os phenomenos nos seus aspétos gerais. Só vêm um lado das cousas. Escapou-lhes que o fenomeno tem diversas characteristics. A pedra, que êles manuseiam, tem diversas facetas, com brilho e lavrados diferentes. Não distinguem nada.

Apesar das diversidades das manifestações do fato em questão, não dispõem de recursos intellectuais para estudá-lo. Não têm largos horizontes.

Como consequencia o observador imperfeito obtem imagens desfocalizadas. A realidade é diferente; tem outras tonalidades. Se fôr um julgamento que o estudioso deve fazer, formula-lo-á impreciso e falso. Quando acertado, que tambem pôde acontecer, representa, quando muito, uma particularidade bem apanhada.

Quando se faz o estudo da história com uma mentalidade insufficiente, o cabedal adquirido não pôde ser uma representação bôa de valores. A história não comporta um criterio estreito sem descortino e sem visão.

E' inutil acentuar a dissemelhança das atitudes. A vittima dos juizos injustos de individuos, que dizem da história, agiu em um meio violento, dominador, sem recursos; sofreu resignadamente. Tem um alto espirito de sacrificio que lhe permite suportar resignadamente as maiores injustiças. Errou. Foi derrotado.

O analista, o critico, o comentador, sentado em uma bôa

poltrona, acolchoada com os requintes de obra da civilização hodierna, exclama indignado: é um covarde.

Esse covarde que tu, sibarita avelhantado pelo gôzo de uma vida facil, insultaste, tem uma existencia inteira de devotamento á Patria. Pelejou em combates heroicamente. Escreveu na história dos nossos adversarios uma bela página de heroismo.

Enquanto tu te cobres com colchas de seda sôbre colchões de plumas, êle dormia nos arreios, coberto pelo poncho, sob a cupola imensa do firmamento.

Enquanto tu passeias nas avenidas asphaltadas de uma grande cidade, gozando os esplendores da civilização, êle, o pusilanime, depois de uma vida heróica perdia até a propria fortuna particular.

Convenhamos: tu és um herói. Julgas-te um herói. O outro um vilão. Nunca arriscaste a vida em beneficio da Patria. Não faz mal.

Que bela é a vida para epicurista que sabe gozá-la, que não conhece nem respeita as amarguras alheias!

Respeite-se, que é ato de justiça, aqueles que caíram ou foram vencidos no cumprimento do dever, desajudados da sorte no último lance da sua vida.

Não ha profissão ingrata como a vida militar. Ai! da-quele que é vencido. No dia seguinte está espesinhado.

Cunha Matos foi prisioneiro de Lopes. Um deputado da tribuna da camara, chamou-o de traídor da Patria, por um motivo insignificante: Cunha Matos defendeu-se de um ataque que o tal deputado lhe fizera. Ainda ha hoje escritores que acham logico e legitimo que um deputado, agachado atrás das imunidades parlamentares, insulte e calunie. Aceitam o fato como praxe consagrada. Defendem o deputado e accusam o militar.

Podemos citar os escritores que assim pensam: Tobias Monteiro, Oliveira Viana, Rocha Pombo, Viriato Corrêa. São todos de alta valia como homens de letras.

Cadorna, comandante do exército italiano na grande guerra, foi destituído do comando e atirado a um canto, pobre e

sem recursos. A justiça veio depois de ter êle curtido as maiores amarguras, as maiores humilhações.

O historiador na justiça dos seus julgamentos não se pôde desatinar em manifestações inconvenientes. Pautadas as suas observações por uma apreciação exata dos fatos, as suas impressões traduzir-se-ão em termos sinceros, comedidos. A sua linguagem deve expresar a verdade com cortesia, com elegancia. Condena-se o movimento, não pela adjetivação pesada e ferina, mas pelo conceito desabonatorio escrito em terminologia de salão. A linguagem do arrieiro, os excessos de linguagem das marafonas não podem figurar em uma pagina de história.

A inconveniencia das expressões, o juizo contrario expreso em termos offensivos e difamatorios, são proprios das seções policiaes de imprensa diaria.

Vem-me á lembrança certos escritores que entendem que fazer **humour** é achincalhar o proximo. Dizem-se **humouristas**. **Humour** — é a ironia que se disfarça com elegancia. Não faz **humour** o que critica, ridiculariza personalidades. Faz ironia o que acentua o fraco de certos costumes. O ridiculo de certas praxes. A **gaucherie** de alguns habitos.

Não faz tambem história o que ofende, sem estudar, personalidades.

A impropriedade da expressão, a inconveniencia dos termos empregados são qualidades negativas para o historiador. Antes de tudo deve ser o historiador verdadeiro, exato na apreciação de fatos. Estuda o analista fatos, conjunto de acontecimentos. O cronista não podendo confiar no valor dos seus remigios não alcança aquelas alturas. Preocupa-se com os individuos. Fere-os. Maltrata-os.

A insuficiencia em qualquer atividade é depressimente. De uma cota de nivelamento muito baixou. São prejudiciais os que sem senso historico estudam fatos da vida nacional. São acreditados porque tomam ares doutorais. Falam como tem fôrça para impôr uma doutrina com convicção. A fragilidade dos alicerces não corresponde ao vulto da construção. Quem os estudar calmamente, verá que êles constróem em falso. O

mal ficou feito. O povo em geral gosta da maledicencia. Goza o ridiculo alheio.

Fazem uma observação injusta e formulam-na nos seguintes termos: Fulano foi um cobarde. Aparecerão muitos escritores que sem mais formalidades adotam a sentença.

Já me tenho ocupado de alguns aspétos desagradaveis dos nossos letrados. No principio dos "Comentarios" occupo-me de alguns. São três espécies que coloco na mesma categoria: Jornalistas que caluniam e agriDEM violentamente; promotores que ofendem os réos; criticos que atacam ridicularizado e enxovalhando.

Para alguma cousa deve servir no mundo moderno o desenvolvimento intelectual. Não atinge a questão moral a um alto nivelamento, apesar do elevado prestigio moral das sociedades hodiernas. Póde corresponder a intelligencia grande desregramento de paixões.

Os letrados, mal havidos com a cortesia e as regras de bem viver, desrespeitando o proximo, representam um desequilibrio social. Nos diversos departamentos de atividade humana não ha paralelismo no progresso.

Já tenho escrito que a critica subordina-se á educação social e domestica do individuo. Um desabusado, um desabotinado de pena na mão, tornar-se-á fatalmente um individuo grosseiro, desalmado. E' preciso ter com elle cuidados espedeciaes. Um malcreado, dêsses que não tomaram chá em pequeno, anda com as mãos cheias de pedras.

Dai uma pena a um gentleman. Tereis critica fina, cortês, sem palavra ofensiva a quem quer que seja.

A palavra má, ferina, insultosa representa um juizo defeituoso ou falso conhecimento da materia que se estuda.

Se eu não devo insultar, porque o meu pensamento é justo; se eu não tenho o direito de ferir porque devo respeitar o proximo; si é necessario porque o exige a consideração aos acusados, deixemos para os transviados dos bons costumes o mão gesto, a má palavra, a descortesia.

Alcides Cruz não foi um historiador. Foi um ensaista que tinha senso historico. Estudava os acontecimentos e condenava os homens, sem feri-los. Tinha elegancia moral.

Estudou êsse escritor a invasão de Rivera nas Missões. Fê-lo com elevação de conceitos. O coronel Alencastre justificou-se entre outras razões, mostrando que os seus comandados se tinham passado para o adversario. Não pôde haver argumento de maior valia do que o que foi apresentado pelo vencido. Não o aceitou, entretanto, Alcides Cruz.

A mim, cabe-me respeitar a sua opinião exposta com sinceridade e nobreza de intenções.

O historiador que estudar seriamente o caso não pôde deixar de aceitar a justificação do coronel Alencastre.

A sua situação é precaria. E' a situação do vencido. Todos voltam-se contra o derrotado. Especialmente os generais de avenida.

Os fatos são eloquentes. Impressionantes. Mesmo assim surgiu a acusação de espiritos menos avisados.

Que significa o fato de ter-lhe o inimigo tomado 5.000 patações, sua fortuna particular? Significa que êle só fugiu á última hora com a deserção dos homens que passaram para Rivera. Significa tambem que êle esperava o inimigo e só se retirou por estar desajudado de elementos de resistencia.

Combinaí o seu passado de grandes serviços á Patria e as suas notaveis façanhas militares, onde esbanjou bravura e espirito de sacrificio, com a retirada á última hora e a deserção dos poucos elementos com que contava e certamente reconheceréis que outra cousa era impossivel fazer. Das duas, uma: ou fugir ou cair prisioneiro.

Essa acusação de pusilanimidade não tem valor algum. Foi formulado aereamente, sem a previa consulta aos acontecimentos.

Quem foi herói em Sarandí; quem foi herói na passagem do Paraná; quem foi recomendado ao Govêrno para a promoção a general por sua ação em Ituzaingó; não podia ser covarde.

Só ha um official brasileiro que tem escrito na História Argentina uma pagina mais honrosa do que o coronel Alencastre. E' Osorio.

O erro de Alcides Cruz está no fato de supôr que o coro-

nel Alencastre tinha dous regimentos de cavalaria nas Missões, 24° e 25° de índios guaraní. Guarnecia Missões o 24°. O 25° fazia parte das forças comandadas pelo general Sebastião Barreto.

O 25° tinha sido retirado das Missões em Janeiro de 1828 e foi encorporado ás forças dêsse general em Jaguarão.

Antes de iniciar-se um estudo critico, quer de obra artistica, e scientifica ou de acontecimentos historicos, deve o observador desprender-se de precauções preconcebidas.

A nossa história está sendo escrita. Os que a estudam, os que a esmiuçam nem sempre são historiadores. Alguns estão desajudados do conhecimento aprofundado do assunto, que encaram. Surgirão os bons historiadores e os máos historiadores. Aparecerão os que só se abalançam a ser daqueles e sem mais minucias vão logo repetindo a opinião dos que os antecederam.

Hemeterio Veloso da Silveira, não satisfeito com Alencastre, porque não reduziu a pó as missões occidentais do Uruguai, chamou-o de pusilanime.

Foi o quanto bastou. Apareceram os imitadores que o repetem sem estudar os acontecimentos.

A situação do coronel Alencastre é a do vencido. Situação desagradavel para um chefe. E' difficil a justificação de um chefe que foi batido. A derrota traz sempre atrás de si um cortejo de fatos desagradaveis.

São os espinhos da vida. Ninguém quer reconhecer que o revés é um acidente da vida militar, especialmente entre aqueles que sofrem directamente as suas consequencias. O general derrotado é um general perdido. Na vida publica todos podem errar. Um general, não. E, no entretanto, o mais difficil na guerra é acertar. Um combate é um encontro de duas vontades poderosas que se defrontam, cada qual querendo impôr-se, apesar da ação do adversario.

O primeiro dever do general é ver os elementos com que conta e depois sondar, adivinhar as intenções do adversario. Estão em cena duas vontades coletivas, representadas em duas individualidades. Ao serviço delas, todas as cien-

clas. Todas as industrias se mobilizaram. O chefe, nos tempos modernos, age como um tomem que tem em suas mãos o destino de uma nacionalidade.

Se não for um homem de um excepcional valor moral, não é digno da empresa.

As situações de guerra são as mais variadas possíveis. Ha algumas prementes, desesperadas. Só um poder sôbre humano não deixa periclitir uma consciencia. Tal Joffre no Marne.

Nós outros que estavamos longe da contenda sentiamos a marcha rapida, avassaladora do Exército Alemão. Chegamos a ouvir o éco das suas canções vitoriosas ás portas de Paris. Eis que os quatro pontos cardeais do universo foram abalados por um brado estupendo: Alto! Era Joffre victorioso que impunha a sua vontade no Marne.

A vitória de Joffre ainda é contestada. Nem por isso ela é menor. Nem por isso Joffre ainda deixa de ser um dos grandes generais do mundo moderno.

Ha a proposito uma resposta de Joffre de grande oportunidade.

Em um salão, uma senhora fez a Joffre a seguinte pergunta:

— Mas afinal de contas, Marechal, quem ganhou a batalha de Marne?

Ao que respondeu Joffre com toda a naturalidade:

— Quem ganhou, não sei: Mas se ela fosse perdida eu sei quem seria responsabilizado pela derrota.

De fato se o exército francês fôsse derrotado, Joffre seria o responsavel pela derrota. Ninguem discutiria. Teria que mover o mundo inteiro para justificar-se e não o conseguiria.

A vida militar, se tem de um lado certas exterioridades brilhantes, exige dos que a ela se dedicam, não só o sacrificio da familia, da vida. Exige sempre a vitória.

Ninguem quer saber se o vencido foi um chefe que prestou os maiores serviços, que deu extraordinarias provas de bravura e de sangue frio, se a sua vida inteira foi dedicada ao serviço da Patria. Só se quer saber que êle não venceu.

Os mais asperos na critica são aqueles que não conhecem o pêso das responsabilidades alheias e que não sabem o que são dificuldades insuperaveis.

Sempre tivemos no Brasil a escola da imprevidencia ou melhor o culto de imprevidencia. Tivemos ontem. Temos hoje. Teremos amanhã.

Vivemos enamorados da grandeza da Patria. Somos o povo mais rico da America do Sul. Temos 8 milhões e meio quilometros quadrados e 42 milhões de habitantes. A soma da população de todos os povos da America do Sul é menor que a nossa. E vivemos embalados nêsse sonho de grandeza.

Não critico a ninguem. Eu tambem formei e formo entre os imprevidentes. Para mim vagamos em mar de rosas. Não temos nuvens no céu. O nosso horizonte é limpo, brindando-nos com crepusculos estupendos, pela maravilhosa coloração das suas nuanças. Vivo deslumbrado pelas nossas riquezas. Fico absorto quando penso que as nossas possibilidades são ilimitadas.

Mas lá um dia (quem sabe?) não serei despertado violentamente dêsse sonho, como os nossos antepassados?

“SARANDÍ”

O Coronel Joaquim Antonio de Alencastre tomou parte nas nossas guerras do Sul até á invasão das Missões Orientais do Uruguai por Fructuoso Rivera.

Por ocasião da referida invasão o Coronel Alencastre desempenhava o importante cargo de Comandante Geral.

Varios ensaistas, cujas obras têm chegado ás minhas mãos, apenas se preocuparam com o último acontecimento da vida militar dêsse official, que lhe foi desfavoravel, esquecendo as ações onde atuou, como figura principal, e que o cobrem de glorias e foram apreciadas e exaltadas pelos proprios inimigos.

Rocha Pombo na sua magnifica História do Brasil nar-

ra unicamente o successo principal da última parte da actividade militar do Coronel Alencastre.

Diz Rocha Pombo, narrando o combate de Sarandí: "Trava-se o combate. Ao primeiro choque, pareceu que os uruguaioes estremeceram de terror, sentindo a temeridade da investida violenta. Quando viram porém, o precipicio, em que se meteram, levados pela audacia de seu comandante, foram esmorecendo os imperiaes, principalmente desde que se soube da defeccão da infantaria guaraní.

Não demorou que começasse a dispersão geral dos nossos, abandonando o campo de batalha. Bento Ribeiro, com os destroços da sua columna, retirou-se para Sant'Ana, perseguido até certa distancia pelos republicanos; Bento Gonçalves com o seu regimento (ileso porque não chegou a entrar em fogo) dirigiu-se para a fronteira do Jaguarão sem ser incomodado pelo inimigo; o regimento de dragões retrocedeu para Montevidéu; e o Coronel Alencastre teve de depôr as armas com as fôrças que comandava".

Vejamos o que diz Baldrich na sua "História de la Guerra del Brasil" referindo-se ao Coronel Alencastre: "La masa enemiga semejante a los hojarascas de la selva, arrojadas por la tempestad se dispersó, traz breves remolineos, animada por las locas energias del panico. Solo el bravo y sereno comandante Alencastre, semejante a Ordoñez en el campo luminoso de Maypo, logró reunir en torno suyo a quatrocientos soldados y cincoenta oficiales, reliquias de la brillante division. Logró imponer-se en el primeiro momento y se retiró en orden y amenazante al otro lado del Sarandy, alentando una suprema esperanza de salvacion, hasta que al fim acosado por todos lados y no viendo otra solucion que una inutil carniceria, se rindió, reclamando para el y los suyos las consideraciones devidas a los prisioneros de guerra que le fueron acordadas ampliamente".

Reproduzimos o que diz o General Tasso Fragoso, com a sua grande autoridade, na notavel obra "A Batalha do Passo do Rosario", citando Rio Branco: "Eis agora a narrativa de Rio Branco, sempre singela e vibrante de verdade:

“Bento Manoel, orgulhoso com as passadas vitórias, mudou de cavalos e lançou-se á carga com 1411 homens, todos de cavalaria (S. Leopoldo enganou-se dizendo que tínhamos infantaria) os esquadrões de linha, comandados pelo Coronel Alencastre romperam o centro do inimigo (Coronel Manoel Oribe) e dispersaram a sua reserva (Coronel Leonardo Oliveira), mas a nossa direita Coronel Bento Gonçalves foi rechaçada pelo General Rivera e a esquerda também atacada de frente e flanco por forças superiores, ficou derrotada.

No Passo do Sarandí, Bento Manoel sustentou-se duas horas até que se lhe reuniram Bento Gonçalves e muitos dos dispersos e com 550 homens fizeram êsses dous chefes a sua retirada pelo Passo do Polano do rio Yi para Sant’Ana do Livramento. Com êles seguiram o Ten. Cel. Bonifacio Isas Calderon e os majores Felipe Nery de Oliveira e Albano de Oliveira Bueno. Alencastre cercado pelo inimigo capitulou depois de três horas de combate, ficando prisioneiro, com 36 oficiais e uns 400 soldados. No dia seguinte ainda os orientais fizeram alguns prisioneiros no Perdido (Major Oliveira e 125 homens) e no Maciel (Tenente Coronel Pedro Pinto e um soldado). Ao todo ficaram prisioneiros 575 homens (entre êles 25 oficiais e 133 homens feridos); e como em diferentes direções se pudessem salvar 730 homens, segue-se que os nossos mortos não deviam ter chegado a 200 (segundo a parte oficial de Lavalleja foram 572). Os orientais tiveram 35 mortos e 70 feridos”. Aí temos a opinião de duas grandes autoridades sobre a Batalha de Sarandí — Tasso Fragoso-Rio Branco. Essa opinião ajusta-se perfeitamente á de Baldrich.

Em termos semelhantes narra Osorio o combate de Sarandí, onde diz que Alencastre, á frente de 400 homens vitoriosos, teve que capitular.

Pelas descrições acima vê-se que foram atores principais no memoravel combate os coroneis Bento Ribeiro, Bento Gonçalves e Alencastre.

A carga dada por Alencastre tem alguma cousa de épico. Rompe o centro inimigo, desbarata as reservas de cavalaria inimigas. Detem-se unicamente diante de uma infan-

taria apoiada em um canhão. Como diz Baldrich: “**logró imponerse em principio**”. Empenhado nessa luta formidável a arma branca (“traz breves remolineos”) a tropa não se dispersa. Concentra-se em torno de seus chefes e recebendo e dando cargas de cavalaria luta durante três horas, dá tempo a que seus companheiros retirassem sem uma perseguição eficiente.

Os prisioneiros foram remetidos para a Argentina, no Paraná. Ao passarem o Rio, Alencastre organiza e dirige a revolta, tomando conta do navio, em que escaparam.

A revolta dos prisioneiros brasileiros, imaginada e dirigida pelo Coronel Alencastre é um dos mais belos episódios das nossas guerras.

Não se sabe o que mais admirar, se a bravura dos prisioneiros brasileiros, se a grandeza moral que revelaram.

A parte dada pelo Coronel Alencastre é um documento, digno, nobre onde se revela uma alma inquebrantável, patriótica e profundamente afeta a seu soberano.

E’ digna de ser conhecida. Ei-la:

“Parte do Coronel Alencastre”

TENHO A HONRA e o mais completo prazer de participar a V. Excia. que tendo embarcado no dia 5 do corrente, eu e os mais oficiais e soldados constantes da relação junta na Vila do Paraná, Capital da Provincia de Entre-Rios, para a de Santa Fé, formei a distancia de 3 leguas d’aquelas Capitais, e sôbre as aguas do mesmo Paraná, o feliz projéto de libertarmos dos nossos inimigos; para verificá-lo preveni ligeiramente ao Tenente Coronel Pedro Pinto de Araujo, para assegurar-se do Tenente Coronel Lauriano Marques, Comandante da Escolta; ao Major Theodoro Burlamaque — para que com 12 oficiais que se achavam sôbre o convés, se arremessassem as mãos limpas a um alferes e 34 sargentos e soldados, que armados de clavinhas e espadas guarneciam as amuradas do barco em nossa segurança; ao Tenente do 5.º Regimento de Cavalaria — Felisberto Fagundes de Souza, para a segurança do Capitão Felix Bracellario, que um pouco apartado estava da referida escolta.

Esta operação devia ser determinada por um VIVA — a S. M. IMPERIAL: com efeito eu pronunciei com veemência a meio-navio; com entusiasmo foi ouvido, e a obra ficou feita.

A escolta que se defendeu valorosamente deu motivo a ferir-lhe o Capitão, o Alferes e um Sargento, e eu tive feridos o Major dos Esquadrões de Lanceiros de Uruguai Lourenço José Ferreira, o Capitão do Quinto Regimento de Cavalaria Manoel Ribeiro de Moraes, e o Tenente de Melicias do Serro Largo Pedro José de Avila, que sendo muito mortal, existe ainda: estes Officiais se portaram com muito valor.

Concluido assim este primeiro impulso, tive de forçar o mestre, e o pratico do navio a tomar a direção que lhe dei do Paraná, de onde 10 leguas abaixo tinha de passar no lugar chamado — La Bateria —, onde 6 bocas de fogo, e sua guarnição a distancia de uma quadra do canal, nos ameaçam do maior perigo, e todavia aqui fraqueia o vento, o barco faz prôa a terra, atravessa, e a fôrça dos esforços somos favorecidos pelas aguas, que nos põem a salvo d'aquêle iminente perigo.

Sigo as aguas do mesmo rio, e sirvo-me da bandeira da Patria não só para passar aquella bateria, mas tão bem para poder enganar as povoações de São Lourenço e Rosario, situadas na barranca austral do Paraná, restando-me vencer a saída pelos canais de S. Nicoláo, cujas baterias o atravessam; e sabendo de certo, que alí estariam lanchões artilhados a nossa espera, bem como em S. Pedro Serrate (para o que havia tempo de participações), furto-lhe a noite aquêle rumo, e entro no rio Pavão, sem mais certeza de ocorrer das aguas, porque a marinhagem desconhece aquêle rio.

Passamos dêste ao Guassú, da mesma fórma desconhecido, e temendo o encontro de canhoneiras armadas, de que tinha fundadas desconfianças, apesar de prontos para meter-lhe a prôa, e abordagem, foi neste rio onde encontro embaraços maiores que os vencidos.

Tenho inimigos a bordo, já conto então 3 dias, e duas noites de viagem, não tenho mantimentos; os seis feridos são alimentados com caldo de carne salgada, e sem ter curativos em suas feridas, acaba-se a pouca carne sêca, com que em cada 24 horas dou ração de onça a cada uma de cento e dezanove

praças; vejo-me obrigado a pesca, mas eu não devo ter demora na saída.

E' nesta ocasião que lembrando-me da grandeza e Munificencia do Nosso Augusto IMPERADOR, faço vir os Officiaes e soldados da escolta ao convés e com toda a energia lhes digo "QUE S. M. IMPERIAL o MUITO alto e PODEROSO SENHOR DOM PEDRO PRIMEIRO, é tão grande e benificante que eu em Nome do Mesmo AUGUSTO SENHOR os mandava por a salvo no seu país, fazendo saber áquelas Provincias, que S. M. IMPERIAL sabe mesmo entre os estrondos da guerra, derramar beneficencia e grandeza e aí nossos poucos dinheiros, liberalizamos com êles, bem como o resto de nossa roupa, e arreios, que receberam derramando lagrimas de gratidão, e no povo de Guauguai os mandei lançar, ficando em meu poder — Vinte e cinco clavinas, Vinte e duas espadas, cananas, e cartuchos com que estavam armados.

Aliviados desta maneira, tento seguir pelo arroio Gutierrez, as aguas dêste riacho me dificultam a saída, e exponho a varar esperançado encontrar na sua barra navios imperiaes; não encontramos estes, mas encontramos aguas, e fazendo saída do Uruguai, pondo a prôa a Martin-Garcia, vencemos em quatro dias e três noites e poucas horas vêr tremular bandeiras imperiaes na flotilha do Uruguai, faço calcar aos pés a da Patria de que até ali usava para engano, e ao momento fazemos tremular uma feita de forros dos nossos ponches, erguida no mastro grande, ao som de Vivas a S. M. IMPERIAL.

O insignificante barco que nos conduzia, barco desarmado, de conduzir madeira do comércio, em Nome do Mesmo Augusto Senhor, o cedí a marinagem, sem cujos homens, seria impraticavel a nossa salvação.

Este projéto felizmente realizado me assegura ter alguma importancia na justiça e reconhecida imparcialidade de V. Excia. sempre que se pondere — ter sido feita a vista das Capitais daquelas Provincias, sem combinação, sem auxilio de terceiro, sem armas, sem mantimentos, em um barco desarmado, sem um homem morto, ou ao mar, a cento e quarenta leguas de Martins Garcia, me dá toda a confiança de recomendar a proteção de V. Excia., muito particularmente o Tenente

Coronel Pedro Pinto de Araujo, que verificando a segurança do Tenente Coronel Comandante da escolta, volta a desarmar ainda soldados, e trabalha como Oficial, como soldado, e até como Marinheiro; o Major — Theodoro Burlamaque que arrojado com entusiasmo desarma o Alferes, e a escolta, e trabalha sem descanso na salvação de todos; o Tenente Felisberto Fagundes de Souza, que seguro do Capitão continua a desarmar soldados, e presta-se em tudo o que pôde fazer o homem.

O menor quinhão desta empresa, Excelentissimo Senhor, é o que me cabe, e o que eu cedo a favor dos mais Officiaes e soldados, que unido ao seu entusiasmo e bravura, o respeito que me deviam, se fazem Credores de minha recomendação.

Entre o prazer que me cobre na salvação de cento e desnove homens, provo o desgosto de não poder resgatar a duzentos e sessenta soldados, que em diferentes barcos passarão a Santa Fé, com os quais sempre me foi prohibida a comunicação.

Tenho detalhado veridicamente a V. Ex. os sucessos deste fato, resta-me pedir encarecidamente a V. Ex. duas cousas A primeira a suplicar a S. M. Imperial me perdôe o arbitrio que tomei de lançar aquela escolta em terra, e conceder o ordinario barco a marinhagem, a quem tanto devemos a nossa salvação; e a Segunda — permitir V. Ex. quanto antes que eu, e estes valorosos soldados e Officiaes, não tenham por mais tempo ociosos uns braços, que armados saberão empregar na defesa da Patria, pugnar pela prosperidade e grandeza do Imperio, e defender e sustentar a magestosa dignidade do Nosso Augusto Imperador — Deus Guarda a V. Excia. por muito anos. Ilm.^o e Exm.^o Snr. Francisco de Paula Magessi Tavares de Carvalho — General e Chefe do Exército do Sul, Assinado Joaquim Antonio de Alencastre — Coronel Graduado de 1.^a Linha.

RELAÇÃO NOMINAL dos Officiaes e mais praças do Exército do Brasil que no estado de prisioneiros de guerra se libertaram com a maior braveza no dia 5 de Março de 1826.

Coronel Joaquim Antonio de Alencastre — De 1.^a linha.

Tenente Coronel Pedro Pinto de A. Corrêa — Do 6.^o Regimento de Cavalaria.

Tenente Coronel João Marques da Silva Prates — De Melicias do Rio Grande.

Tenente Coronel Manoel Soares da Silva — Idem idem.

Major Simão da Silva Figueredo — do 9.º Bm. de Caçadores.

Major Ignacio José Cabral — De Melicias do Rio Grande.

Major Lourenço José Ferreira — Do Esquadrão de Lanceiros do Uruguai.

Capitão Francisco Fernandes Anjo — Do 5.º Regimento de Cavalaria.

Capitão Martinho Ruz — Do 6.º Regimento de Cavalaria.

Capitão Manoel Ribeiro de Moraes — Do 5.º Regimento dito. Chefe do Estado Maior de G. M. de Caçapava.

Capitão Manoel José de Abreu — De Melicias de Entre Rios.

Capitão Candido José de Abreu — Idem Idem.

Capitão Antonio Gonçalves Meirelles — Melicias do Sero Largo.

Capitão João Baptista Meirelles — Idem Idem.

Capitão Manoel José Cavalheiro — Idem Idem.

Capitão Gabriel Cavalheiro — Idem Idem.

Capitão Manoel Blanco — De Guerrilhas de Montevidéu.

Tenente Antonio Lopes de Siqueira — do 3.º Regimento de Cavalaria.

Tenente Sebastião José de Britto — Idem Idem. Porto Alegre.

Tenente Zeferino Domingues de Oliveira — Do 4.º Regimento de Cavalaria.

Tenente José Joaquim da Cruz — Do 5.º Regimento de Cavalaria.

Tenente Felisberto Fagundes de Souza — Do 5.º Regimento de Cavalaria.

Tenente José Antonio de Oliveira — Do 3.º Regimento de Cavalaria.

Tenente Mathias José de Barros — Do Esquadrão de Minas.

Tenente Francisco Pinto Bandeira — De Melicias de Porto Alegre.

Tenente Marcos Gularte Pinto — De Melicias de Entre Rios.

Tenente João Antonio Serrão — De Lanceiros do Uruguai.

Tenente Pedro José de Avila — De Melicias do Serro Largo.

Tenente Joaquim de Brun — Idem idem.

Alferes José Silveira de Azevedo — De Melicias do Rio Grande.

Alferes José Antonio Baptista — Do 3.º Regimento de Cavalaria.

Alferes Ponciano Gomes de Leiras — Do 4.º Dito.

Alferes José Vitorino Pereira Coelho — Do 5.º Regimento de Cavalaria — Tenente Reformado. Porto Alegre.

Alferes João Manuel Belmudes — Do 6.º Regimento de Cavalaria.

2.º Tenente José Joaquim de Paiva — Do Trem de Montevidéu.

2.º Tenente Ferreira Barbosa — Do 2.º Corpo de Artilharia.

Alferes Ajudante — Sebastião Francisco da Silva — De Melicias do Rio Grande.

Alferes Firmiano José de Oliveira — Idem idem.

Alferes Francisco José de Lemos — Idem Idem.

Alferes Inacio Alves da Costa — Do Regimento de Guaranís.

Alferes Agostinho Antonio de Mello — De Melicias do Rio Pardo.

Alferes João Borges — Do Regimento de Lunarejo.

Alferes Francisco Solano — De Lanceiros do Uruguai.

Alferes Francisco Pinto de Moraes — Da Guarda de Honra de Sua Magestade.

Alferes Teodoro de Avila — De Melicias de Serro Largo.

Alferes Joaquim Gomes de Araujo — Idem. Idem.

Alferes Antonio Leite de Siqueira — De Melicias de São Paulo.

Alferes Albano Batista Soares — De Melicias do Rio Grande.

Todos	49
Cadetes e Porta-Estandartes	2
Sargentos, Forrieis, Cabos e soldados	68

119

Ilha de Martin Garcia, 12 de Março de 1826.

Assinado Joaquim Antonio de Alecastre
Coronel de 1.^a Linha.

Essa pagina revela uma grande elegancia moral. A' simplicidade da narrativa, aliam-se os sentimentos de humanidade, as explosões de um patriotismo sadio e a veneração pelo soberano.

Mostra ela o perfil de um verdadeiro soldado. E' o documento nobre, desinteressado, patriotico de um soldado de escol. O coronel Alencastre extremou-se em atos de generosidade.

Engrandeceu a ação dos seus comandados. Enobreceu por conseguinte, a sua propria personalidade e termina a sua parte nada desejando para si. Tudo que lhe podia tocar da proeza, cousa que Alencastre julgou cousa de menor quantia, cedia a favor dos seus officiais e soldados.

Não ha na nossa agitada vida militar, documento mais sadio, mais nobre, revelando lealmente a bravura alheia e a generosidade do signatario. A primeira vez que o li senti profunda comoção e um momento de legitimo orgulho quando vi o meu nome encerrando a exposição.

Não ha, não conheço na nossa história outro documento que o sobrepuje em beleza moral.

Nenhuma palavra para enaltecer a ação do chefe. Nenhum gesto a seu favor. Só um pedido formulou êle: Que lhe fôsse permitido sem demora tomar outra vez armas para defender a Patria.

A parte do Coronel Alencastre foi publicada na ordem do dia do Exército, com o seguinte elogio:

“N. 17. — Quartel General de Montevidéu, 25 de Março de 1826.

ORDEM DO DIA.

“Quantas mais ocasiões se apresentam a S. Ex. o Sr. Francisco de Paula Magessi Tavares de Carvalho Presidente desta Provincia, e Comandante em Chefe do Exército, para fazer elogios que merecem alguns militares do mesmo Exército, do seu comando, são outros tantos motivos de justo prazer e satisfação, com a qual agora vai patentear-lhe nova ação de heroismo praticado pelos nossos irmãos de armas, os Officiaes, que se achavam prisioneiros dos Rebeldes depois do combate do Sarandí.

“Estes bravos Officiaes, dirigidos pelo mui digno e benemerito Coronel Alencastre, tendo dado nesta ação as maiores provas de valor, desbaratando por muitas vezes os Rebeldes, naquêlê dia, e tendo de ceder ao grande numero que os atacava (não sem deixarem o campo do Inimigo coalhado de seus proprios cadaveres) acabam de mostrar novo valor, e patriotismo levantando-se desarmado contra a tripulação, e tropa da embarcação que pelo rio Paraná, os transportava a Santa-Fé; e tendo usado com estes inimigos toda a generosidade, depois de rendidos, dando-lhes todo o dinheiro que possuíam, e pondo-os livres em terra, seguiram sua viagem arrostando outros muitos perigos, e conseguiram chegar felizmente á Praça da Colonia: 49 officiaes, 70 inferiores e soldados, ficaram livres e restituídos a sua Nação para se vingarem mui breve dos Rebeldes que a atraíçoaram.

“Tanto valor e patriotismo cabe em peitos brasileiros que verdadeiramente amam o Imperador e a Patria! Eles se tornam dignos de sua paternal contemplação e da virtuosa emulação dos seus camaradas: S. Ex. assegura a estes dignos Officiaes a sua estima e aprovação em tudo que praticaram, assim como que vai pôr na presença de Sua Magestade Imperial seus nomes e gloriosos feitos, afim de que o Mesmo Augusto Senhor conheça os fieis subditos que com tanta honra e brio o servem.

“Não póde S. Ex. fazer-lhes maior elogio do que mandar

publicar ao Exército a carta (abaixo transcrita) que lhe dirigio o Sr. Coronel Alencastre, na qual brilha o valor, patriotismo e generosidade de tão brava gente brasileira”.

“A FUGA DO CORONEL ALENCASTRE”

Alcides Cruz em sua memoria “Incursão do general Frutuoso Rivera ás Missões” entende que as explicações, apresentadas pelo coronel Alencastre não são aceitaveis. Basta acompanhar entretanto, a sua narração para se chegar a um resultado completamente diferente. A justificação feita por êsse official não póde deixar lugar á menor dúvida.

O erro de Alcides Cruz está em afirmar que havia dous regimentos em Missões. Só havia um, o 24.º de indios guaranís. Era seu comandante o tenente coronel Palmeiro.

Tinhamos três autoridades superiores nas Missões. Além do coronel Palmeiro, que era o comandante da tropa, havia o administrador geral tenente coronel Manoel Pereira do Lago.

O responsavel pela disciplina e fidelidade da tropa era o comandante do regimento. O comandante geral tinha sob sua direção uma zona imensa que ia do Norte do Ibicuí até Cruz Alta e Santo Angelo.

Diz Alcides Cruz: “A conduta de Alencastre causou a mais viva impressão, precisamente devido a sua invejavel folha de serviços, graças aos meritos evidenciados na mesma guerra, pelos revelantes feitos de energia e disciplina”.

“Alencastre procurou atenuar o mau efeito causado, attribuindo o fiasco a dous motivos, pouco justos sem dúvida: o afastamento da tropa que fracionada em varias guardas, partidas e destacamento, não foi possivel reunir no momento devido, e á defecção, pois a que não estava reunida, passou-se para o inimigo, a ponto de só permanecerem fieis á nossa bandeira, um sargento e seis praças”.

Não merece censura Alencastre por ter fracionado parte de sua tropa em guardas. Militarmente agiu bem. Que competia fazer a um chefe que tinha a guardar uma grande zona? Fazer um serviço de cobertura.

Como poderia ser feito? Por meio de guardas nos pontos

principais. Seria preferível que êle reunisse a sua gente abandonando o serviço de segurança, que mantinha? Não. Absolutamente não. O serviço de segurança é capital. Não deve nunca ser sacrificado a qualquer conveniência.

Sob um ponto de vista militar revelou-se Alencastre um chefe experimentado e conhecedor do *métier*. Qual era a finalidade militar dessa cobertura? Cobrir a zona á retaguarda e informar, pondo o chefe ao corrente dos acontecimentos. Executou a cobertura a sua missão? Sim, porque o comandante geral esteve sempre informado dos movimentos de Rivera.

Que competia fazer á primeira autoridade militar? Qual era a sua missão? Informar aos seus chefes ou a autoridades que estivessem imediatamente á retaguarda e resistir.

Cumpriu corretamente a primeira parte, porque trouxe os seus chefes perfeitamente informados (Of. de Abril e Maio existente no Arquivo Publico Nacional).

Quando o chefe tem uma missão tática, uma das primeiras cousas que faz é vêr os meios de que dispõe para cumprir a missão que recebeu. Foi o que fez Alencastre. Compulsando as forças de que dispunha reconheceu que elas eram insuficientes e pediu reforços.

Foi atendido? Não. Havia possibilidade de formar tropas na região? Não, porque era lugar pouco habitado e pela falta de armamento. Os recursos deviam vir da retaguarda. Não vieram. Alvear estava com os seus quartéis de inverno em Mello sem poder agir pela falta de recursos. As tropas uruguaias já tinham debandado, além disso estavam adiantados os trabalhos de paz e suspensas as operações de guerra.

Abandonado, sem os recursos precisos, só lhe restava ao bravo de Sarandí, da Passagem do Paraná e de Ituzaingó, resistir de acôrdo com as suas possibilidades. Não era o caso de resistir até o completo aniquilamento para garantir qualquer posição.

Poude o coronel Alencastre cumprir essa missão? Não. Porque? Porque os soldados do 24.º Regimento abandonaram o seu comandante, tenente coronel Palmeiro, passando para o inimigo.

Que podia fazer o coronel Alencastre quando o tenente coronel Palmeiro apresentou-se a êle sem um soldado? Esperar que o inimigo o aprisionasse, fugir ou meter uma bala nos miolos.

A última solução era inadmissivel, porque o coronel Alencastre cumpriu rigorosamente os seus deveres militares.

Além disso dêra em toda sua vida provas exuberantes de uma grande energia e não recorria a tal extremo.

Restava ao coronel Alencastre o recurso da fuga para evitar a humilhação de ser prisioneiro sem ter combatido.

Toda a dificuldade estava em retirar-se no momento, oportuno. Os acontecimentos mostram que Alencastre foi o último a bandonar o posto. Tanto isso é verdade que foi o unico alcançado pelas avançadas de Rivera, que tomaram a sua bagagem, inclusive 5.000 patações e 500 pesos de sua fortuna particular.

Por aí se vê que o coronel Alencastre andou muito perto de ser aprisionado, o que significa claramente que retirou em último lugar.

Todos os atos do coronel Alencastre foram acertados. Houve uma série de erros. Muitos erraram. Foi o coronel o bóde espiatorio. O capitão de fragata Justo Yegros tambem retirou com a sua guarnição. Era o comandante do destacamento naval de Itaquí.

A prova incontestavel de que a situação das Missões era precaria é o fato de ter Rivera se conservado de Abril a Dezembro sem ter sido encomodado na posse dessa região.

Essa situação mostra claramente que era impossivel organizar novas forças depois da defecção das forças do coronel Palmeiro. Rivera conservou-se nas Missões enquanto quis. Ninguem o aborreceu.

Quando êle retirava passou por Alegrete, Bento Manoel, que ocupava essa cidade, teve ordem para sair ao seu encalço. Rivera levava um comboio imenso com objéto roubados. As vacas das missões tornaram-se celebres. Foram distribuidas aos milhares pelos amigos de Rivera. Não foi só o armentio, não foram só os paramentos das igrejas que foram transportados, foram familias obrigadas a expatriar-se.

Bento Manoel preferiu parlamentar com Rivera a combatê-lo. Não foi só Bento Manoel que teve uma atitude estranha para com êsse general. Foi também o general Sebastião Barreto, que vindo de Jaguarão com uma grande fôrça de cavalaria também entrou com êle em acôrdos.

Pelo exposto vê-se que foram muitos os que erraram. A culpa de todos caiu fulminantemente sôbre o unico dos chefes que cumpriu rigorosamente o seu dever.

Como descendente do coronel Alencastre cabe-me a honrosa tarefa de defendê-lo. Levanto a luva que lhe foi atirada por escritores mal inspirados. De todos os chefes que agiram na questão de Missões foi o unico que cumpriu rigorosamente, militarmente o seu dever.

Foi, entretanto, acusado de covardia, depois de ter dado provas eloquentes de grande destemor e de energia. E' ingrata a vida militar. Af! do vencido. Raramente escapa da condenação.

Stoessel, herói maximo de Porto Artur, compareceu a um conselho de guerra, composto de generais de Avenida. A derrota fulmina. A vitória domina as impressões populares. A derrota ainda que plenamente justificada é uma mancha.

Toda a ação de guerra é uma dependencia dos meios. Quando êles abundam, póde-se tentar grandes operações militares. O material e o pessoal representam os meios de execução de uma manobra. Os comentadores raramente se preocupam com a falta de recursos dos executores. Cedem ás primeiras impressões. Atendem á tradição oral nem sempre verdadeira, porque a traduzem interessados ou individuos pela memoria.

Pela nossa exposição depreende-se claramente quais são os responsaveis pelo desastre. Foram os chefes que não atenderam aos pedidos de reforços do coronel Alencastre e que dispondo de fôrças suficientes permitiram que Rivera se conservasse nas Missões durante o tempo, que quis. Foram os comandantes que dispondo de fôrças e tendo ordem para ba-

tê-lo não o fizeram, e deixaram que êle levasse para o Uruguai o produto do saque.

Sebastião Barreto, quando com êles parlamentou, comandava a 3.^a Brigada de Linha, composta do 3.^o de linha e do 20, 22, 23, 25, e 40.

No Arquivo Público Nacional, na correspondencia do presidente da Provincia de São Pedro do Rio Grande do Sul com o Ministro da Guerra, existe officio do Visconde de Castro comunicando que o Coronel Alencastre retirou com dous soldados porque o resto da tropa com officiais se passára ao inimigo.

Em officio de 30 de Abril ao Visconde de Castro, comandante da Fronteira do Rio Pardo, comunica o Coronel Alencastre: "As minhas partidas se lhe apresentam (á Rivera), as guardas não se me reuniram e a pouca tropa que comigo conduzia diariamente, me abandonava, apresentando-se ao inimigo".

O Visconde da Laguna avisa ao Ministro da Guerra em 5 de Maio da passagem de Rivera na Barra do Arapeí e que não lhe era possível desmembrar mais forças do Exercito.

Ainda o Visconde da Laguna em comunicação ao Ministro, 8 de Maio, diz que o coronel Alencastre "retirava com as poucas praças que restavam da fuga geral daquela guarnição não eram suficientes para vedar a invasão e conter a revolta dos indios, que dera consequencia certa".

E' o proprio general comandante do Exercito que reconhece a impossibilidade de resistencia por parte do seu commandado.

A sua previsão realizou-se. Os indios revoltaram-se e atacaram as bagagens do comandante do destacamento naval de Itaquí.

Os chefes militares que tomaram conhecimento do ataque e tomada de Missões não fazem a menor accusação ao seu comandante geral. Nem o Visconde de Castro. Nem o Visconde da Laguna. Nem o presidente da Provincia de São Pedro do Rio Grande do Sul, Salvador José Maciel.

O primeiro Chefe militar que escreveu sôbre o assunto justificou o coronel Alencastre. Foi o general João Manoel de Lima e Silva.

Só se póde admitir que os posteros o condenem diante de documentos. Esse instrumento de prova não existe. Os que foram subscritos pelas autoridades que intervieram na questão aceitam, narram ou veículam as declarações do coronel Alencastre, convencidos de que lhe era impossivel qual-quer resistencia, em vista da deserção das forças do tenente coronel Palmeiro.

Não se justifica pois, que escritores de oganho procu-rem destruir uma brilhante fama de heroismo, que foi con-quistada em bôa lei. As condecorações do coronel Alencas-tre, as suas medalhas militares, datadas algumas de 1811, os seus heroicos feitos militares representam serviços reais prestados á Patria nas campinas rio-grandenses.

Podemos tambem recorrer aos dados numericos publica-dos por Alcides Cruz. Diz êle que o coronel Alencastre só ficou com seis soldados fieis á sua causa. No dia 25 de Abril o tenente Pavão desertou com 25 soldados. No dia seguinte um capitão com todos os seus homens. A 27 o capitão Boa-ventura tambem com todos os seus homens. José Silveira a 2 de Abril com 24 praças.

Supondo que o capitão que desertou com todos os seus soldados tivesse o mesmo efetivo que tinha o capitão Boa-ventura, hipotese logica, obteremos o seguinte resultado:

Capitão Boaventura e seus homens.....	122
Capitão X e seus homens.....	122
Tenente Pavão	35
José Silveira	24
Passo Mariano Pinto	20
Total.....	323

A guarnição de Missões era composta unicamente pelo 24.º Regimento de 2.ª linha, como assevera Rio Branco, au-toridade que não se póde contestar. Restavam, por conse-guinte 77 indios guaraníes que depois se revoltaram.

E' o proprio Alcides Cruz que fornece os elementos para a defesa completa do coronel Alencastre. O seu erro está

em que êle declara que guarneciam a Fronteira de Missões o 24.º e 25.º Regimentos de 2.ª linha. O 25.º tinha sido retirado em Fevereiro e fazia parte das forças comandadas pelo general Sebastião Barreto, como já disse.

Alfredo Varela, nas "Duas Grandes Intrigas", referindo-se á invasão de Rivera nas Missões orientais do Uruguai, diz: "Fraccionada pelo general (Rivera) a tropa a 23, mandou êle sôbre a Capêla de São Francisco, Felipe Cabalero com um contingente, em que se viam" entreverados, tanto castelhanos, como portugueses".

E mais outra, sob as ordens de Barnabé Rivera a rumo da séde administrativa de Missões. Como a maior internou-se o proprio chefe supremo, ao ter novas de que o Coronel Joaquim Antonio de Alencastre, Comandante de Missões, fugiu á redea solta, direito a Cruz Alta, seguido de raros fiéis e dos mais assustadiços, incientes ainda dos métodos postos em prática em toda a região".

Todas as narrativas de invasão assemelham-se a essa excepção feita do Dr. Hemeterio Veloso, que se extremou no assunto, chamando o Coronel Alencastre de pusilanime e irresoluto (Historia das Missões) e a do General Luiz Manoel de Lima e Silva (Anais do Exercito Brasileiro, anotado por Rio Branco) que fez plena justiça ao Coronel Alencastre.

Os Anais do Exercito Brasileiro foram mandados publicar pelo Estado Maior do Exercito. O General Tasso Fragoso, no proemio, com que apresenta a obra diz: "Desejo que ela represente a modesta contribuição do Estado Maior do Exercito para o primeiro Centenario da Batalha do Passo do Rosario".

Essas palavras do General Tasso mostram o grande valor do livro. A opinião do General Tasso ao lado do interesse de Rio Branco que a anotou mostram-nos a importancia da obra.

O General Luiz Manoel de Lima e Silva pertencia a uma familia de generais. Era tio do Duque de Caxias.

Diz Lima e Silva: "Em 5 de Maio, achando-se ainda o Exercito acampado na Estancia do Marquez, chegaram ao Quartel General participações do Coronel Joaquim Antonio

de Alencastre comandante então da Fronteira de Missões, que Fructuoso Rivera com 400 homens, depois de passar a linha na barra do Arapeí penetrou o territorio da Provincia até Jaráo, ponto que fica proximo áquella fronteira e ali pre-existia em attitude de alguma tentativa, que estava pondo os povos em contribuição de gados, passando-os para o outro lado do Uruguai e fazendo reunião de indios e bandidos correntinos e que finalmente o mesmo coronel não tinha meios, nem forças para batê-los e se poria em retirada até encontrar recursos, que em continente tinha pedido ao comandante da Fronteira do Rio Pardo, o Visconde de Castro, que o mesmo Fructuoso se intitulava comandante em chefe do Exercito do Norte”.

“Comandava então a fronteira de Missões o Coronel Alencastre o — Herói do Rio Paraná em 1826 —, o qual adoecendo gravemente recolheu-se a sua casa, recaído o comando ao Coronel de 2.^a linha Palmeiro que comandava o regimento n.º 24”.

Agora uma nota de Rio Branco, que elucida completamente o assunto: “Só tínhamos, então, em Missões, guardando toda a Fronteira do Uruguai até o Quarai e Arapeí o regimento 24 de milicia composto principalmente de guaranis e cuja força alcançaria 400 homens. O 25 tinha sido retirado daquela Fronteira no mês de Fevereiro e chamado ao Exercito, acampado no Jaguarão. O 24 que havia sido, em 1825, surpreendido e derrotado em Rincão com o 25 fôra disperso e posto fóra de combate no dia 20 de fevereiro de 1827”.

De São Borja ao Arapeí deve mediar uma distancia de 100 leguas. Calcula-se um regimento de indios guaranis para cuidar essa zona toda! Se era possivel em caso de necessidade defender cousa alguma. O comandante não se deixou surpreender e fez todas as comunicações ainda em tempo quando o inimigo atravessou a Fronteira do Arapeí.

Dados os seus antecedentes de bravura e de temeridade, temos o direito de não duvidar que o Coronel Alencastro teria organizado alguma resistencia, se não tivesse adoecido gravemente.

A prova de que não era possível a organização de uma resistencia, diante da surpresa, está em que Rivera entrou nas Missões, fez um passeio triunfal e retirou-se, quando quis, sem ser molestado.

Só lhe resistiu a guarda do Passo Mariano Pinto, que foi surpreendida.

Vejamos o que diz o General Tasso Fragoso na "A Batalha do Passo de Rosario":

"Aproveitando a nossa incapacidade e o estado de quasi abandono em que deixamos a região ocidental do Estado, Fructuoso Rivera invadiu-nos e tomou conta de um grande trecho da região missioneira.

"Vimos antes como êste general uruguaio desaparecera do teatro da guerra. Em comêço de 1828 acode-lhe o desejo de cooperar para a libertação da Pátria. Não conta a principio com o auxilio do governo argentino, mas por fim Dorrego apoia-o e ministra-lhe tudo. Cruza o Uruguai, entra em Soriano, e avança grupando uma chusma atrás de si. Dizem que ascendia a mil homens. Lavalleja, aterrado com o aparecimento do rival, manda-lhe tropas ao encontro, sob o comando de Manuel Oribe, o qual nada consegue. Ameaçam de fuzilamento quantos não o abandonem, mas tudo é vão. No dia 21 de Abril de 1828, Rivera atravessa o Ibicuí, no Passo do Mariano Pinto. Segundo êle declarou em parte a Dorrego, "*con los sables en la cintura e las pistolas atadas en la cabeza*". Na realidade, depois de armar uma cilada ao canoeiro do referido passo.

"Grupou em três divisões as suas tropas: uma sob seu comando, outra sob o de seu irmão Barnabé, e outra sob o do capitão Felipe Caballero. A segunda encaminhou-se a São Francisco e a terceira a S. Borja. Rivera atacou o coronel Joaquim Antonio de Alencastre, comandante da fronteira de Missões, que lhe não resistiu com os poucos elementos de que dispunha.

Rivera queria conseguir com bandos irregulares e formados de gente de tôda a casta, o que Lavalleja não ousara com tropas relativamente normais e disciplinadas. Tudo quanto êle pretendeu fazer foi o que efetivamente fez: penetrar por surprêsa em uma zona mal defendida e longinqua do Rio Grande do Sul, e nela estabelecer-se como senhor, explorando-a a seu talante, enquanto o verdadeiro dono lhe não acudia”.

Vejamos o que diz Alfredo Varela, nas “Revoluções Cisplatinas” sôbre o assunto que nos preocupa:

“Isto se dava em 1827; em 1828, Rivera faz a sua audaz erupção em Missões: igualmente com a idéia que motiva as adesões referidas, surgem outras, explorando arditamente o astuto caudilho, o sentimento do comum, que sabia penetrar, como poucos. Segundo consta de documentos — coevos, do ensaio da fundação que Rivera tentava, participaram homens de reconhecido civismo, como Boaventura Soares. O brioso oficial, á frente de uma guarda, no Mariano Pinto, tinha tentado embargar o passo ao invasor; êle, porém, soprou-lhe no ouvido, que vinha lançar os esteios de um novo Estado democratico, para cuja constituição tratou logo de convocar uma assembléa, e o ardente moço, com outros, se lhe uniu, seguindo alguns a sorte das armas orientais até muito depois de 1835, como orientais de todo, e, lutando, quisessem deixar, um no campo do outro, os penhores antecipados, para o trato da realiança vindoura.

“Conforme consta de carta do tenente-coronel Manoel da Silva Pereira do Lago, remetida ao ministerio da guerra a 9 de dezembro de 1829, por Manuel Jorge Rodrigues; além do capitão Boaventura, haviam aderido a Rivera os capitães Fabiano Pires de Almeida e Antonio Castanho de Araujo, os tenentes Serafim, “hoje alferes” (todos do 24.º regimento de 2.ª linha) e o alferes Francisco de Paula Xavier, de S. Paulo, comandante do distrito de S. Miguel, no sobre-dito ano de 1829. Junto a carta se vê a seguinte nota: “Paisanos que serviram á Patria quando alí Fructuoso Rivera, foram oito: cirurgião Marcelino Lopes, Francisco Borges do Canto, presidente do Congresso, Alexandre do Val, Francis-

co Fernandes, José de Souza Nunes, Vicente Alves de Oliveira, Albino de Lima". A lista por força é deficientíssima; San Vicente ("Correspondencia", de Gabriel A. Pereira, I, 113) diz que o "exercito" de Rivera "consta de 2.000 praças" e não podiam ser todas das aldeias dos indios. Parte dos brasileiros o abandonaram depois, naturalmente quando viram frustrar-se a sua fundação, mas deviam ser mais do que enumera Lago. Na citada "Correspondencia", Gabriel A. Pereira (I, 114) afirma que se bandearam para o conquistador de Missões "todos os soldados que acompanhavam o coronel Alencastre, chefe brasileiro que tinha comando na zona; e, Lavalleja, em carta a Pedro Trapani, de 28 de junho de 1828 (vide "Constitucional riograndense", de 17 de setembro) noticia que quando Oribe alcançou Rivera (quer dizer ao invadir Missões), "já se lhe tinham unido mais de 200 portugueses".

Diz ainda Varela no livro citado, pagina 166, citando Osorio: "Pertencí á força de cavalaria (1600 homens) que em dezembro de 1828 marchou de Bagé e que em dias do mesmo mês esteve na margem direita do Arroio Toropasso, em frente ao general oriental Fructuoso Rivera, que conduzia os povos e espolio das Missões. A força era superior em tudo a de Rivera e podiamos tê-la derrotado porém, o general Barreto mandou uma comissão de officiaes superiores a Rivera, que voltou em seguida. A nossa força marchou para o Ibirocaí, aonde recebemos um auxilio de rezes de corte, que nos restitui o general Rivera, com cujas rezes nos fornecemos dous dias, pois ha outros tantos a nossa força não tinha comido". Em nota diz Varela que segundo carta particular estampada no "Constitucional Rio Grandense" de 17 de janeiro e datada de Ibirocaí a 23 de dezembro anterior, a divisão do marechal se compunha da seguinte fórma: 3.º regimento de 1.ª linha e 20, 22, 23, 25 e 40 da 2.ª. Achava-se a força a uma legua do inimigo e parlamentavam diariamente.

Não está ainda bem esclarecida a ação de Bento Manoel, quando passou Rivera perto de Alegrete. Bento Manoel defende-se, dizendo que quando Rivera passou o marechal Barreto o tinha substituido por José Antonio Martins, não

lhe cabendo por isso nenhuma responsabilidade. (Alfredo Varela).

O Dr. Hemeterio Veloso da Silveira em 1910, publicou um livro de real valor: "As missões Orientais do Uruguai e seus antigos dominios". Externou uma opinião injustificavel.

E' de lastimar que em obra tão valiosa haja algumas apreciações injustas. Registramos o seguinte juizo: "Aí já não era comandante geral um Chagas, mas o coronel Joaquim Antonio de Alencastre que pusilanime e irresoluto, lançou o panico entre os seus jurisdicionados e com o tenente coronel José da Fontoura Palmeiro, comandante da guarnição e Manoel da Silva Pereira do Lago, administrador geral dos povos, puseram-se em vergonhosa fuga até Cruz Alta donde separaram-se, etc. etc.

Não houve irresolução, nem pusilanimidade por parte do Coronel Alencastre. Este official cumpriu rigorosamente o seu dever militar.

O Dr. Hemeterio foi o primeiro a formular tal juizo, sem apoiá-lo em documento ou citação histórica autorizada. Ninguém agira melhor e mais acertado do que Alencastre. Diante da traição da tropa do coronel Palmeiro que abandonou o seu chefe immediato, qualquer outro chefe, por mais topetudo que fosse, nada poderia fazer pela impossibilidade material da reacção.

Estando a Fronteira de Missões longe do teatro das operações, que era constituido pela baixada riograndense, com Alvear em Melo, desprovido o exercito de homens, e de material, abandonado pelos uruguaiois, era impossivel adivinhar que fosse Missões durante os trabalhos da paz, atacado por uma força qualquer.

Foi essa com certeza a razão que fez retirar o 25.º de 2.ª linha em Fevereiro de 28 para levá-lo para Bagé, incorporando-se ás forças de Sebastião Barreto, como afirmou Rio Branco, o que concorda com o que diz Osorio que no seu relato afirma que êle pertencia á brigada citada.

Só restava ao comandante de Missões, perdido na imensidade do territorio do distrito missioneiro, o 24.º destróçado em "Rincon de las Gallinas", destróçado em Ituzaingo.

Que eficiencia poderá ter um regimento de índios duas vezes derrotado em tão pouco tempo? Teria esse regimento eficiencia militar? Poderia chefe algum confiar no valor dessa força? Não, absolutamente não.

Na contingencia de dirigir homens já desmoralizados que poderia fazer um chefe, em vespera de ser atacado e sem certeza absoluta da força inimiga?

Só ha uma resposta: procurar reforços á retaguarda. Foi o que elle fez. Pediu reforços com grande antecedencia. Ninguém se mecheu. Dirigiu-se o Coronel Alencastre ao Presidente da Provincia. Dirigiu-se ao Visconde de Castro comandante da Fronteira do Rio Pardo.

Doroteo Márquez Valdez, escritor uruguaio que traduziu para o espanhol o opusculo de Alcides Cruz, fazendo-lhe algumas anotações, chegou tambem a formular juizos desfavoraveis ao coronel Alencastre, baseados nas informações erradas do nosso historiador.

Diz o Anéxo n.º 19 á obra de Cruz, pag. 95: — “Fué prisionero em la batalla de Sarandí Alencastre y prisionero projectó una sublevacion que fué descubierta por Rivera. Al cabo de algunos mezes conseguiu fugar del ejercito con algunos compañeros de infortunio, sin que fuera posible aprenderlos y a pesar de las diligencias que se hicieran, pues es fama que se pusieran en movimiento mas de mil hombres para darles alcance”.

Anéxo 24; pag. 97: “El termino empleado es poco duro y extraña tanto mas quanto que en general el autor es benévole con los secuaces de Rivera. Se los bagajes de Alencastre contenian 5.500 patacones e 500 pesos seria en todo caso una buena preza, tomada al enemigo que vergonosamente heria seguir el autor”.

A' pagina 41 de seu trabalho fez Cruz uma asseveração inexata: “O coronel Alencastro não deu parte ás autoridades superiores do que estava passando”. Não é exato, como se póde verificar pelo que diz o livro antes á pagina 23; onde se refere aos officios remetidos ao presidente Salvador Maciel, existente no Arquivo Público Nacional no volume

de 1828 da correspondência do Presidente com o Ministro do Imperio.

Culpa ao mesmo tempo Lecor e Alencastre do desastre, provocando o seguinte juizo do tradutor:

Anéxo n.º 31: "La fuerza capaz de repulsar la agresion de Rivera estava organizada em Misiones com esceso de las que se necisitaran, como lo establece el autor en el capitulo de esta obra, al detallar el efectivo de Alencastre en Misiones. Lo que asombra en este caso es el abandono que hizo Alencastre de la defensa que le estava encomendada, haciendo dudar que tal hombre sea el mismo que con altura y dignidad figuró en la batalla de Sarandí".

Os dados referentes ao efetivo das forças de que podia dispor Alencastre está errado. Como já disse esse official dispunha do 24.º da segunda linha e mais 2 peças de artilharia.

Sem reforços, vindo da retaguarda não poderia fazer nada. Organizar na zona outros elementos de defesa era impossivel.

O 24.º de 2.ª linha só foi reorganizado em Setembro em Rio Pardo, sob o comando do Coronel Ortiz. Para isso conseguir foi preciso tratar de atrair as praças e officiaes que tinham desertado. (obra citada).

O Dr. Hemeterio Veloso procurou engrandecer a ação do General Chagas e desprestigiar a personalidade do Coronel Alencastre.

Chagas só não foi completamente derrotado, porque foi socorrido em situação desesperada.

Extremou-se em ferocidade arrazando, destruindo, talando. Ainda hoje ruínas na provincia argentina de "Corrientes" atestam, rememoram as suas façanhas.

Alencastre vencido ou vencedor primou sempre em generosidades.

"A ação de Rivera"

Varios são os aspétos de nossa historia que não têm merecido a nossa atenção. Não ferem a nossa fibra patriotica. Não despertam o nosso entusiasmo.

Alguns devem ser conhecidos, porque são élos de uma cadeia de acontecimentos. No Brasil, mesmo no Rio Grande do Sul, ninguém viu finalidade historica na invasão de Rivera e na ocupação das Missões. E', entretanto, essa proeza motivo de enaltecimento e de orgulho por parte dos orientais.

Alberto Palomeque dedica á façanha de Rivera um alentado volume de quinhentas páginas.

O fato historico nos deprime. Pocuramos esquecê-los. Aos uruguaiois, honra-os. Exaltam-no. Tratam de rememorá-la. Todos têm razão.

Já fomos alvo de uma acusação interessante. Baldrich na "Guerra del Brasil" diz que nós riscamos de nosso mapa a palavra Ituzaingó para ocultar a derrota que sofremos.

Uma occorrença histórica, que não nos honre pôde ser sepultada no olvido, quando fôr uma pagina ingrata, cujo esquecimento beneficie á nossa sensibilidade patriotica.

Não temos porque nos envergonharmos da Batalha do Passo do Rosario. Pelejamos com denodo. Pelejamos com inferioridade numerica. Os nossos patricios em magnificos lances morreram defendendo a nossa bandeira.

O inimigo ferido de morte, esgotado pela luta, foi simples espectador de nosso retraimento.

A invasão das Missões é façanha de um homem que desempenhou em sua patria um grande papel histórico. Tem êle parte integrante na formação de sua nacionalidade. E' um nome que é uma bandeira. Até hoje existe no Uruguai um partido que levanta a bandeira riverista.

Rivera tem na sua patria o maior dos monumentos, que pôde engrandecer uma personalidade. Chama-se Rivera uma florescente cidade uruguaia, debruçada sôbre a fronteira brasileira, defronte de Sant'Ana do Livramento.

E' justo que os uruguaiois, que sabem cultuar os seus heróis, não esqueçam os episodios notaveis com que enalteceram uma vida de sacrificios e heroismos.

A invasão de Rivera foi um reflexo da agitação platina. Foi obra de imaginação, destinada a modificar atitudes e conceitos contrários ao general que a arquitetou. Em desinte-

ligencia com Oribe que pretendeu dominá-lo e protegido por Estanislau Lopes, governador de Santa Fé, invadiu o Rio Grande pelo Arapeí em três colunas. A primeira tem por missão operar em São Francisco de Assis. A segunda tomou o rumo de São Borja. A terceira, sob o comando de Rivera seguiu para Cruz Alta em perseguição do coronel Alencastre.

O efetivo das forças de Rivera não era grande. Oscilava entre 400 e 500 homens. Com os que aderiram, traindo a sua patria, o general uruguaio e também general brasileiro chegou a ter sob seu comando uns oitocentos ou mil homens de armas.

Rivera estabeleceu o seu quartel general em Itaquí. Organizou um governo regular. A sua habilidade na direção da conquista atraiu um grande número de adeptos, mesmo de brasileiros. Espirito organizador procurou colocar sobre ali-cerces duradouros o fruto de sua façanha.

Em diversas proclamações por ocasião da invasão anunciava a formação de uma nova nacionalidade, sob a forma republicana, conseguindo a adesão de muitos entusiastas.

Rivera, habil politico, como habil general, conseguiu manter-se durante oito meses nas Missões sem ser incomodado.

O homem que saíu de sua patria acossado e perseguido, voltou a ela depois como um herói, um verdadeiro herói.

“Invirtiéranse radicalmente dos juicios. De traidor maldecido y de hombre peligroso a la patria, Rivera, que por los suyos fuera perseguido como um réprobo, que debe ser eliminado, apareció inesperadamente a través de la increíble nueva como un heróe, digno de la consagración universal. Emudecieron todas las maldiciones; cesaron todas das hostilidades”. (Alcides Cruz — Obra citada).

Diz Doroteo Márquez em sua nota número 27 ao trabalho de Alcides Cruz:

“Efectivamente, la opinión pública sufrió un vuelto terrible con la noticia de los éxitos de Rivera en Misiones. Que el pueblo se alegrase de la recuperación, (para el pueblo argentino), de un territorio perdido por derecho de la guerra, se explica perfectamente, porque la pérdida de aquello

habia sido pena honda para el Virreinato; pero para el gobierno de las Provincias Unidas no sabemos que podria importarle aquella adquisición, quando en nada la utilizó para la celebraci3n de los tratados, seg3n se ve en los protocolos de la negociaci3n”.

O ataque de Rivera foi apoiado por Lopez governador de Santa F3 e por Dorrego, que estava na presidencia das Provincias Unidas.

N3o foi t3o desajudado de elementos oficiais como se sup3e.

“Dorrego supriu-o de armas, muniç3es, equipamentos e tropas as quais deu para prover 3 sua organizaç3o e instruç3o alguns chefes distintos, como Escelada, Piran, Trol3, Pueyrredon, Santos Carrigo e outros. Enviou-lhe tambem um batalh3o de infantes, constituido de recrutas do interior da Republica, que se dissolveu logo carcomido pela anarquia e desordem que invadiu o Exercito do Norte”. Baldrich, pag. 466.

Rivera procurou exaltar a sua vit3ria, exagerando os acontecimentos. Em seu comunicado diz que perseguia at3 Cruz Alta o comandante geral das Miss3es que fugia 3 frente de 800 homens.

O nome de “Exercito do Norte” foi dado 3s forç3s de Rivera pelo proprio Dorrego.

Citando D3az, diz Baldrich: “El exercito reunia en su campo, un enorme n3mero de mujeres, ni3os y chinas. Arreaba a sua paso los ganados que encontraba. Era como un grande aduar en marcha”.

S3o dignas do maior interesse as informaç3es traduzindo providencias de Dorrego. Pensa-se geralmente que as forç3s de Rivera eram l3vas sem disciplina e coes3o. O que afirma esse militar argentino mostra-nos que Rivera contava com o nucleo de brilhantes oficiais. N3o podia ser uma multid3o em armas. Devia ter bastante eficiencia.

Encarada a operaç3o de Rivera sob o ponto de vista militar, p3de ser classificada como uma incurs3o. Muito bem andou Alcides Cruz dando-lhe essa denominaç3o no seu trabalho.

Podemos definir como incurso toda a aç3o isolada, mais

ou menos longinqua visando a retaguarda do inimigo e tendo por objetivo perturbar as suas operações.

Por essa definição póde-se ver a importancia que têm as incursões e os grandes beneficios que se podem colher em favor de um exercito.

Quem ameaça a retaguarda do inimigo ameaça a zona de reabastecimento, linhas de comunicações, por conseguinte procura ferir fundamente interesses vitais do exercito inimigo.

As incursões devem obedecer ao principio de oportunidade de ação. A de Rivera foi inoportuna. Estavam iniciadas as negociações da paz.

Foi antes um ato politico, do que militar. A sua finalidade era melhorar a situação politica do atacante e intervir nas negociações da paz.

Pretendeu o illustre caudilho fazer pesar na balança por ocasião do tratado de paz a sua pretendida conquista. Tal não se deu. Pedro I não permitiu que de tal cousa se cogitasse. Romperia as negociações. Foram os plenipotenciarios argentinos notificados por Ponsomby da attitude inabalavel de Pedro I (Souza Doca).

As incursões devem ser executadas por supresas. Compreende-se facilmente que é o unico meio de serem elas felizes nas suas consequencias.

Para atacar, linhas de comunicação, nós de comunicação, obras de arte, centro do reabastecimento é preciso preparar a operação em segredo e executá-la rapidamente.

A operação de Rivera, foi conhecida antes de executada. Os seus inimigos politicos á frente dos quais Lavalleja e Oribe pretenderam destrui-la antes da sua saída do Uruguai.

Ela só foi possivel diante da inercia do comandante em chefe do nosso Exercito, que, podendo reforçar Alencastre, não o fez.

A imobilidade de Alvear em Serro Largo, a impossibilidade de tentar êle qualquer operação de guerra pela desorganização e pela penúria do seu exercito permitiam perfeitamente que se reforçasse Alencastre.

Os destacamentos encarregados de uma incursão devem

ser moveis e poderosos. E' a cavalaria a arma propria para o caso. Rivera levou tambem infantaria.

A operação foi preparada com cuidado. Dorrego, á frente de Provincias Unidas do Rio da Prata deu-lhe todos os meios necessarios. Forneceu a Rivera um grupo de officiaes brilhantes.

Estava a incursão de Rivera destinada a successo? Não.

Só a inatividade do Visconde da Laguna permitiu-lhe que tivesse atingido parte do seu objetivo. Foi sacrificado o aspéto principal da manobra: a surpresa.

A manobra politica atingiu os seus objetivos na politica interna do Uruguai. Não alcançou os objetivos visados. D. Pedro dignamente, patrioticamente não tomou o caso em consideração.

Tinha Rivera na sua incursão, em ultima analyse, objetivos militares, objetivos politicos internos ou partidarios, objetivos internacionais e objetivos economicos.

Atingiu em parte os objetivos militares porque assenhoreou-se de uma grande região sem, entretanto, fazer danos reais ao exercito inimigo.

Os objetivos de sua politica partidaria foram amplamente conquistados. Rivera voltou ao Uruguai com os laureos da vitória, sendo exaltado pelos seus patricios.

Na politica internacional a conquista das Missões foi um fracasso completo. D. Pedro I não a tomou sequer em consideração. Não entrou na organização dos diversos artigos do tratado de Agosto de 1828.

O aspéto economico da incursão está representado pelas celebres "vacas" das Missões. Os amigos e protectores de Rivera foram atendidos nos seus interesses. As igrejas foram despojadas de suas alfaias. Os campos de seu armentio. Consta nas cronicas dos nossos escritores que 60.000 cabeças foram levadas para a Banda Oriental.

Diz o Dr. Hemeterio Veloso que "com 200 homens entre indios charneos e gaúchos" realizou Rivera a sua incursão nas Missões.

Essa afirmação está em desacordo com a informação já citada de Baldrich, official do exercito argentino, insus-

peito por conseguinte, quando diz que a força de Rivera fôra armada, municiada, equipada por ordem de Dorrego, que para a sua direção e organização juntou-lhe diversos e distintos officiaes do Exercito de sua Patria.

O que diz do valor de uma tropa é em primeiro lugar o valor de seus officiaes. Organizado e instruido por brilhantes chefes do Exercito argentino forçosamente tinha eficiencia e valor militar o "Exercito do Norte" de Rivera.

Acôrdo feito por Sebastián Barreto e Rivera

"Los abajo, Sebastián Barreto Pereira Pinto, mariscal de campo, comandante de 1.^a caballeria del ejército imperial del Sur, y el señor coronel don Eduardo Trolé, ingeniero en jefe y comandante general de artillería del ejército argentino del Norte, completamente autorizados por el excelentísimo señor don Fructuoso Rivera, general en jefe del mismo ejército, deseando cortar las dificultades que se presenten y que podrian dar lugar a males irreparables, si no ocurriesen ambas partes a los gobiernos interesados respectivos, y solos competentes para decidir sobre cuestiones relativas a la evacuación del territorio entre el Ibicuí y Arapey por el ejército del Norte, lleva de ganados y familias que le siguen; han acordado lo siguiente:

Artículo 1.^o

El ejército republicano del norte, al mando del excelentísimo señor general en jefe don Fructuoso Rivera, continuará su marcha hacia el Cuareim, llevando consigo el ganado que tiene y las familias indígenas que lo acompañan: comprometiéndose el general de las fuerzas imperiales a no poner embarazo alguno en su marcha ni en la de los demás individuos que lo siguen, así como en el tránsito de los animales que lleva; menos intentar ninguna via de hecho en contra de él;

Artículo 2.º

Dicho ejército se situará sobre la margen izquierda del Cuareim en el lugar que eligiera el excelentísimo señor general en jefe don Fructuoso Rivera, entre el Cuareim y el Arapey, siendo el primero la línea divisoria provisional entre ambas fuerzas con las familias y animales ya mencionados, hasta la resolución de los gobiernos interesados en las cuestiones pendientes;

Artículo 3.º

La fuerza imperial podrá situarse sobre la margen derecha del mismo Cuareim, línea divisoria provisional entre ambas fuerzas, debiendo distar siempre sus avanzadas en la más proxima de diez leguas de las del ejército republicano, hasta la resolución de los gobiernos interesados sobre dichas cuestiones pendientes ya mencionadas;

Artículo 4.º

Serán remitidos de ambas partes por los generales de las fuerzas respectivas, rehenes, por garantía de la presente convención provisional;

Artículo 5.º

Dicha convención provisional, será redactada en castellano y portugués y firmada de puño y letra de cada uno de los arriba expresados;

En fe de lo que la firmaron a los 25 de diciembre de 1828, en el campo de Irere-ambá.

Sebastián Barreto Pereira Pinto.

Es copia: Eduardo Trolé.

Firmado: Fructuoso Rivera.

Esse documento não é conhecido no Brasil. Foi pela 1.^a vez publicado no número 20 da Revista Histórica do Uruguai.

Apesar de ter procurado o original brasileiro no Arquivo Público Nacional não o encontrei.

E' bem possível que esse acôrdo tenha sido enviado ao govêrno brasileiro e que tivesse inspirado a definição dos nossos limites internacionais no Sul.

Já vimos que os limites da provincia de Montevidéu que se transformou em Cisplatina, iam até o Arapeí. O Brasil deu a esta maiores dominios, levando-os até o Quaraí. E' logico que ela declarando-se independente volta-se á sua fórma primitiva.

O General Sebastião Barreto que devia expulsar Rivera do territorio nacional, aceitando o Quaraí como separação para as duas forças, considerou esse rio como limite internacional. O govêrno brasileiro dando maiores territorios ao Uruguai do que aquêlê que tinha a provincia de Montevidéu, quando foi incorporada ao Brasil, homologou o acôrdo dos dois generais.

Vencedor e vencido

São poucos os generais que como Caxias podem dizer: "O chefe e amigo que vos guia nunca foi vencido". Deus na sua magnificência volta ás vezes para os homens a cornucopia de suas graças.

São poucos os chefes que não conheceram a derrota. Nas nossas guerras do Sul elas foram frequentes. Vencido hoje, vencedor amanhã. Os mais bravos sentiram o travo amargo da defecção. Bento Manoel e Bento Gonçalves foram derrotados em Sarandí e tiveram de fugir abandonando o coronel Alencastre que estava vitorioso. Bento Manoel o herói da passagem do Uruguai, herói em mil combates correu, abandonando os seus companheiros. Bento Gonçalves, orgulho da terra que o viu nascer, cavalheiro sans peur e sans reproche, que o Rio Grande venera e ama como a mais pura das suas glorias, tambem em Sarandí encontrou salvação na fuga. No Fanfa foi feito prisioneiro. Canabarro foi vence-

dor e vencido. Matias de Albuquerque na Guerra Holandesa é um derrotado sublime.

As aguias Napoleonicas abateram-se em Waterloo. Em Moscova começou a eclipsar-se a estrela do genial corso.

Em Cancha Rayada a sorte das armas foi adversa a San Martin. Artigas conheceu um grande número de desastres. Fundou uma nacionalidade.

Ai! de nós, militares, se a adversidade nas armas fosse motivo de deshonra ou de oprobrio. Ha uma lei suprema que rege todas as cousas, é a necessidade. Quando ela se impõe como uma manifestação invencivel, não podemos evitar os seus imperativos.

Em nenhuma parte se póde condenar por covardia o chefe que foi traído. Foi infeliz. Covarde, não.

Deve-se por conseguinte, observar o maior cuidado antes de formular um juizo que condene em absoluto.

Não se póde macular uma vida inteira de serviços á Patria com o oprobrio de uma nota infamante sem uma compulsão de documentos e estudo correlato dos fatos.

Todo chefe militar está sujeito a defecções quando se deffrontam dois exercitos. Um, na quasi totalidade dos casos, está destinado a ser vencido. Póde-se contar o número de derrotas, pelo número de vitórias.

O general age de acôrdo com os meios de que dispõe. A sua decisão, como é uma consequencia da missão, que recebe, do inimigo que tem a combater, o é tambem dos seus meios.

Ele faz o que lhe permitir os recursos. Nada mais.

Lamento ter de afirmar que os que acusaram o Coronel Alencastre não interpretaram bem ou não compulsaram os documentos que encontraram nos arquivos do Rio Grande do Sul e da Capital Federal.

O juizo do Dr. Hemeterio não está amparado em documento algum.

O Dr. Alcides Cruz, que aliás escreveu um bom trabalho, errou quando disse que havia de guarnição nas Missões dois regimentos, o 24 e 25 de milicias guaranis.

Verificou, é o que eu penso, que no mapa dos efectivos do

Exército, datado de Janeiro, lá figurava o 25 de Missões (Arquivo Nacional).

Não fez entretanto, pesquisas para verificar se em Abril ou Maio êle ainda estava em Missões. Teria verificado que em Fevereiro esse regimento tinha sido de lá retirado e incorporado ao General Sebastião Barreto.

Quando este general defrontou-se com Rivera no Quarai levava o 25 de milicias guaranis, sob suas ordens.

“Batalha de Ituzaingó”

A situação inicial dos exércitos em operações é a seguinte: Lecor em Montevideu; Massena Rosado em Sant’Ana do Livramento; Brown em Jaguarão.

Alvear acabou de organizar o seu exército em Arroio Grande, no Uruguai.

Tinhamos cobertura em Arapeí com Bento Manoel e no Rincão do Francisquinho com Bento Gonçalves.

Rivera que foi mandado atacar Bento Manoel, não o fez. Paes foi repellido por Bento Gonçalves.

O primeiro erro de Rosado foi grande, mandando recolher as suas coberturas á Sant’Ana, contra a opinião de Bento Gonçalves.

Em caso algum se sacrifica o serviço de cobertura. Sem êle não ha vigilancia. O exército, que se não cobre por um perfeito serviço de segurança, está perdido.

A cobertura tinha por fim cobrir as tropas á retaguarda e avisá-la dos movimentos do exército inimigo. O nosso exército ficava exposto a ser surpreendido. O serviço de segurança aproximada era muito defeituoso naquele tempo. Não é nem siquer sombra do que hoje se faz. Chega-se na actualidade á expressão perfeita do caso.

Sendo o serviço de segurança immediato inteiramente defeituoso, não se pôde admitir que se sacrificasse o serviço de cobertura, que é uma segurança afastada.

Não ficou Rosado nesse erro imperdoavel. Conservou o seu exército separado em dous nucleos: Sant’Ana e Jaguarão.

E’ o segundo erro, como o primeiro imperdoavel.

Brown e Rosado separados por mais de trinta leguas em condições de serem batidos separadamente.

No segundo caso Rosado desrespeitou o principio de economia de forças. No segundo caso o de segurança.

Rosado, se tivesse continuado no comando teria levado o exercito a uma derrota completa.

Barbacena assumiu o comando a 2 de janeiro, em Sant'Ana e a 13 começa a recuar para reunir-se a Brown, o que realizou a 5 de Fevereiro em Lexiguana, afluente do Camaquã, já ameaçado por Alvear.

Vinha o general inimigo manobrando com o seu exército ameaçando o núcleo de Sant'Ana pela Coxilha Grande e Taquarembó.

Devido a inércia de Rosado estivemos sujeitos a um desastre irreparavel.

A visão clara que teve Barbacena da situação estrategica salvou-nos dêle. Barbacena respeitou o principio da oportunidade de ação.

Ao dispositivo inicial de Rosado faltava a segurança estrategica. Os dous nucleos, pelo afastamento, não estavam em condições de prestar mutuo apoio.

Barbacena corrigiu a situação incorréta. A rapidez com que agiu demonstra que êle o fez com consciencia do ato que praticava.

Não é minha intenção descrever a Batalha de Ituzaingó. Tenho lido os mais exagerados juizos. Exagerados e injustos.

Os juizos extremados, não os merece nem a batalha, nem o general brasileiro que a dirigiu.

A batalha está magnificamente estudada pelo general Tasso Fragoso, que escreveu um livro, na altura das suas grandes responsabilidades.

Não é nosso objetivo discutir se a ganhamos, si a perdemos ou se ficou indecisa.

E' fóra de dúvida que apresentamos diante do inimigo um exército numericamente inferior ao seu.

Foi um erro. Talvez o maior. Será por êle responsavel Barbacena? Não.

Que faziam as tropas em Montevidéu e na Colonia?

Não se deve esquecer que Barbacena salvou o exército de um tremendo fracasso. Uma semana que êle demorasse em Sant'Ana estaria irremediavelmente perdido. Dificilmente o Brasil se reporia do desastre.

O Coronel Alencastre tomou parte na Batalha do Passo do Rosario, como ajudante do General Barbacena.

Esse fato bem pôde demonstrar o prestigio de que gozava no exército.

Vejamos a parte do General Callado, um dos heróis da grande jornada, segundo Tasso Fragoso:

“Vendo passar ao longe pela esquerda um esquadrão, que se dirige á retaguarda, manda atacá-lo por outro do 5.º, de que êle logrou escapar-se. Neste momento percebe cerca de dez esquadrões que se preparam para acometê-lo em duas linhas”. Chega então o coronel Joaquim Antonio de Alencastre com ordem para que êle se reúna á divisão da direita” (Barreto), caso esteja desembaraçado do inimigo.

“Era sem dúvida o momento agúdo da crise nesta divisão; o chefe brasileiro sofria as consequencias do erro do dispositivo inicial e tentava corrigi-lo estendendo a mão para agarrar-se num derradeiro esforço ás asas fugidias da vitória. Mas, Calado comprometido a fundo na peleja, já não tem liberdade de ação, mostra ao coronel Alencastre a impossibilidade em que se encontra de obedecer e permanece em seu posto, resolução que Alencastre aprova em nome do General”.

Essa attitude de Alencastre, aprovando um ato do general Calado, que contrariava uma ordem do General em chefe e aquele general fazendo questão de publicar em sua parte que o seu ato fôra aprovado, significa o alto conceito, em que era tido o coronel Alencastre.

Bastava que êle servisse ao lado de Barbacena, General e diplomata, mais diplomata que General, homem de illustração e de grande representação social, de costumes requintados, para que se reconheça que o coronel Alencastre devia ser um official de brilho pouco comum.

Barbacena, em officio ao conde de Lages, ministro da guerra, fez a seguinte referencia ao coronel Alencastre. “O general quartel mestre general e o coronel Alencastre foram

inseparáveis de mim durante a ação e desempenharam com exatidão e acerto todas as ordens, no meio de um chuveiro de balas e bombas”. Barbacena foi muito parcimonioso nas suas referencias. Ocupou-se unicamente de uns dez oficiais.

Da sua ordem do dia sobre a Batalha de Ituzaingó destaca o seguinte trecho. “Como porém, entre eles alguns houve a quem coube partilha ou comandos de maior responsabilidade ou ataque e defesa de pontos mais arriscados não posso deixar de fazer especial menção dos senhores marechal Brown e brigadeiros Barreto e Calado.

“A 1.^a carga comandada pelo senhor Barreto e a retirada da 2.^a Divisão comandada por Calado estão sempre presente na minha memoria.

“Os senhores Miguel Pereira Calmon Leitão e Silva do regimento 20.^o, assim como os senhores tenentes coroneis Felipe Neri, José Rodrigues Barbosa e major Calmon Cabral, foram quinhoeiros na gloria daqueles illustres feitos.

“Não posso igualmente deixar de fazer menção honrosa dos senhores brigadeiros Soares de Andréa e tenente coronel Elisiario, ajudante e quartel mestre generais, os quais foram de mim inseparáveis durante a ação e prestaram mui grandes serviços, bem como os senhores coronel Alencastre, tenente coronel Machado de Oliveira, majores Ponsadilha e Dutra, capitães Seweloh e alferes Lecor, que faziam as funções de ajudantes das ordens.

“O senhor Scott, cirurgião-mór do 7.^o, o unico de sua profissão que tratou dos doentes no campo de batalha, merece o mais distinto elogio.

“Não cabendo em minha jurisdição promover os senhores officiaes de tenente coronel para cima, foi meu primeiro cuidado levar seus nomes á presença augusta de sua magestade o imperador, solicitando as mercês e graças de que são credores”.

Por essa citação verifica-se como era Barbacena laconico e parco nos seus elogios. Hoje em dia qualquer chefe que dirigisse uma batalha com as grandes projeções da de Ituzaingó encheria páginas de bravuras e de devotamentos.

Resultado da Campanha

Teve pequenas projeções a batalha do Passo do Rosario. Apesar dos maiores elementos, que nela intervieram, do que na de Sarandí, a sua importancia é menor. Sarandí foi a alvorada da Independencia uruguaia. Foi a conquista de toda a campanha. Refugiadas as tropas brasileiras em Montevideu e na Colonia, ficaram os revolucionarios com a fonte de recursos que é o territorio uruguaio. Passo do Rosario foi uma consequencia de Sarandí. A independencia do Uruguai foi conquistada em Sarandí. A primeira consequencia de Sarandí foi a intervenção argentina. Sem a vitória de Sarandí não teria havido a Batalha de Ituzaingó. O último recontro da campanha foi a vitória de Calderon sobre argentinos e uruguaios. Calderon fez no combate de Ierbal 12 officiaes prisioneiros e 99 soldados. Entre os officiaes, foi aprisionado Inácio Oribe, comandante de força inimiga.

Alvear seguiu para Serro Largo onde estabeleceu os seus quartéis de inverno, acossada a sua retaguarda por Calderon e José Teodoro. Em Maio de 1828 estava Alvear em Melo. O resultado da luta estava indeciso. No fim de um ano de campanha não tinhamos mais um inimigo em nosso territorio.

O Imperio sempre agiu como vitorioso. O Rio de Janeiro hospedou os plenipotenciarios argentinos, com as suas propostas de paz. Lord Canning, ministro do Exterior de Inglaterra pesou mais na balança do que toda a guerra. Auxiliou poderosamente a ação do Ministro inglês a nossa situação politica. A guerra era a mais impopular possivel. A opinião pública nunca sancionou a conquista imperial. Ficaram tres elementos agindo no mesmo sentido: uma campanha indecisa, que requeria esforços e sacrificios; a opinião pública adversa e a intervenção de Canning, por intermedio de Ponsomby. Era natural que evoluísse o Imperio para a paz, quando era efetiva a pacificação dos espiritos. Todos no Brasil queriam a paz.

Melhor do que nós, com mais isenção de animo, porque até nós chegou o calor da refrega e o vigor das paixões, dirão

os posteros se houve ou não descortino e valia na ação diplomática brasileira, restrita a este caso particular.

Saímos da contenda diminuídos em nosso território. Os limites do Uruguai foram aumentados pelo acôrdo de dous generais, que em vez de cruzarem as espadas num lance de honra, preferiram ajustar delimitações territoriais, fóra das suas alçadas. Embainharam as espadas e fizeram diplomacia. A diplomacia em mão dos nossos estadistas foi sempre grandemente acertada. A diplomacia do nosso general amputou-nos o territorio conquistado. Rivera manobrou com grande habilidade. Alberto Palomeque chama-o num arroubo de entusiasmo — “Aguila de America”.

Teria sido util o ato do general Sebastião Pereira Pinto patuando com Rivera?

Teria elle força sufficiente para impôr a sua vontade ao adversario?

Os nossos estudiosos de Historia ainda não esmiuçaram convenientemente este assunto. O general Pereira comandava a 3.^a Brigada composta do 3.^o de linha de 20, 22, 23, 25, e 40 da 2.^a linha.

Lord Ponsombí, ministro inglês, acreditado no Brasil, teve cartas na discussão do caso da Cisplatina, como representante da politica sul-americana de Canning. Rio de Janeiro, Buenos Aires e Montevidéu ostentam o nome deste notavel politico inglês nas suas ruas.

Os limites do Uruguai são um pomo de discordia entre escritores argentinos e uruguaioes.

A independencia do Uruguai foi assunto resolvido e sancionado em um tratado, assinado entre a Republica Argentina e o Brasil, mediante intervenção amistosa de Lord Ponsombí, representante da politica do Gabinete inglês, presidido por Lord Liverpool. ⁽¹⁾

E' de estranhar que se discuta ainda, sem resultados, mas porfiadamente uma cousa que atualmente mais interessa ao Brasil. As missões Orientais do Uruguai, desde 1801 estão sob a bandeira brasileira, isto é, ha 126 anos. A nossa pos-

⁽¹⁾ A Convenção Preliminar da Paz de 1828 — Souza Doca.

se é secular. Não ha em todo o territorio conquistado, remanecente do tempo dos espanhóis. E' uma terra essencialmente brasileira e essencialmente brasileiros são os seus povoadores, gente de valor capaz de defender o torrão patrio com grande vigor. São os descendentes dos bravos conquistadores, e ainda conservam a sua bravura e o seu alto espirito de sacrificio. Sob o ponto de vista illustrativo como materia historica a ser estudada, seria aceitavel, sinão encerrar-se nas suas entrelinhas uma propaganda contra o dominio brasileiro. A idéa preconcebida de que o ato da politica imperial foi violento, desleal, desrespeitador do tratado de Badajoz, faz supôr o desejo de alimentar uma esperanza de reconquista, que pareceu bruxolear na mente de Rosas entre os seus projétos e restituição do Vice-Reinado.

Os escritores argentinos e uruguaioes estão errados. As missões Orientais do Uruguai nunca pertenceram nem ao Uruguai, nem á Argentina. Pertenceram á Espanha.

Quando se realizou a conquista das missões, pertenciam elas ao Vice-Reinado do Prata, possessão espanhóla. Pertenciam, por conseguinte á Espanha. Foram conquistadas em 1801. Por conseguinte, 9 anos antes da independencia da Argentina, o que quer dizer que muito antes da independencia platina, as Missões declararam a sua independencia da Espanha e consequente anexação ao Brasil. Pelo fato delas terem pertencido ao Vice-Reinado não se póde dizer que elas eram argentinas. Se fôr adotado esse criterio em relação ás Missões, dar-se-á aos chilenos o direito de não se consolarem da perda da provincia de Cuío e de ter as suas pretensões sôbre parte da Patagonia.

Os uruguaioes dizem que os limites do Uruguai iam até o Ibicuí. Rivera depois da invasão ás Missões pretendeu deter-se no Ibicuí, alegando que esse rio era a divisa entre o Uruguai e o Brasil.

Tivemos nessa ocasião um caso unico na nossa história. O general Sebastião Barreto Pereira Pinto, encarregado de bater Rivera, tendo ás suas ordens uma brigada de cavalaria, preferiu parlamentar com o inimigo e discutir com êle a nossa questão de limites. Foi muito original a attitude desse

general. Entre Rivera e Pereira Pinto foi assinado um acôrdo, reconhecendo o Quaraí como limite entre as duas forças.

Deu-se ao caso a unica solução possível — o Uruguai independente. Depois das lutas homericas de Artigas estava arraigado no povo uruguaio o desejo da independencia. Não era mais possível a sua submissão a qualquer dos dous pretendentes.

Parece que o Govêrno Imperial nunca levou a sério a conquista das Missões orientais. Não permitiu que se lhe fizesse a menor referencia no Tratado de Agosto de 1828, que deu a Independencia do Uruguai.

“Quiero declarar una vez más, que me limito por ahora a apuntar que las Misiones Orientales y demás territorios son argentinos, sobre todo lo cual nada tiene que hacer la provincia de Montevideo llamada Cisplatina, creada en república del Uruguai por la convención de 1828.

“Ese territorio no perteneció jamás a la provincia-intendencia de Montevideo, formada en 1814, ni a la de Montevideo incorporada al Brasil en 1821, como trataré de demostrarlo al estudiar la demarcación entre ésta y el imperio.

“Dejando, pues, iniciada la historia y fundamento del derecho territorial español, en el que sucedió el gobierno argentino, se verá que ese derecho no fué transferido a la provincia de Montevideo o República del Uruguay, cuyos limites no comprendieron las Misiones Orientales y sus territorios, que continuaron perteneciendo a la comunidad de las Provincias Unidas.

“Debo, empero, hacer justicia al criterio del general Reyes, que ha desoído las preocupaciones de sus conciudadanos. Según el, los límites con que se incorporó al Brasil fueron, con cortas diferencias, como lo dice: por la parte oriental, el canal de Chuí y las márgenes de la laguna Merin, con el curso del Yaguarón y las costas del Arapeí hasta su confluencia con el Uruguai”. (1)

(1) Vicente Quesada — La Política del Brasil en las Republicas del Rio de la Plata — Pgs. 30, 168.

Referindo-se Quesada ao trato de terras compreendido entre o Quarai e o Arapei, diz: "Esos territorios no eran, no fueron, no podian ser orientales; fueron y son territorio del virreinato, pero nunca jamás distrito de la Provincia de Montevideo y portanto son territorios argentinos y no orientales".

E' inquestionavelmente Doroteo Márquez Valdez, o tradutor da obra de Alcides Cruz para o espanhól, o escritor platino que melhor encara a questão da posse das Missões. Diz claramente que o Uruguai e a Argentina não têm direito algum a elas. Citemos a sua opinião, que é interessante:

"Inquestionablemente que el tratado de San Ildefonso señalava outros limites que los anteriores para division de territorios entre las coronas de España y Portugal en America, como que si ese limite rijera ahora, tendríamos nosotros lo mas importante del Sur de la Provincia brasilera de Rio Grande, comprendido Jaguaron, Casapava, Santa Maria y Cruz Alta hasta la embocadura del Papiri Guassú; quedando asi de esta parte los siete pueblos de las Misiones Orientales; Misiones pues, es una gobernacion a parte: primeramente de los jesuitas y despues de expulsados estes pertenecian al Virreynado y luego de Buenos Aires. Nos otros nada tenemos que reclamar del Brasil enquanto a limites, porque nada heredamos de España. Nuestra origen está en la convencion de paz entre la Argentina y el Brasil del año 1828".

Opina depois Márquez Valdez que também a Republica Argentina não tem direito ao territorio de Missões: "Eso es lo unico nuestro. Lo demas seran territorios brasileiros o argentinos, que no nos toca questionar.

Eso corresponderá a la Republica Argentina que heredó del Virreinato del Plata con sus derechos y prerogativas internacionales. Pero asi mismo ni la Republica Argentina tiene derecho legitimo para reclamar del Brasil territorio alguno sobre la parte oriental del Rio Uruguai, porque el tratado de San Ildefonso, que le daria por el articulo 3.º, algun derecho, está abrogado por el derecho de la guerra, a lo menos en esta parte al oriente del Uruguai".

Uma attitude desassombrada

No volume dos documentos originaes da Cisplatina, relativos ao anno de 1827 do Arquivo Público Nacional, existe um interessante, assinado pelo coronel Alencastre. Mostra esse documento o desassombro com que costumava agir esse official. Vê-se logo que era homem de attitudes definidas.

Tratava-se do conselho de guerra que devia julgar o soldado menor José Luiz de Queiroz, que era acusado de ser rebelde e ter insultado o soberano.

O coronel Alencastre foi nomeado Curador do réu. O conselho de guerra estava composto do Marquês de Barbacena, General Calado, General Andrea, Coronel Barbosa Pitta, Coronel Araujo Barreto e auditor Emygdio Tourinho. Eram as mais altas patentes do Exercito.

Colocado na posição de curador de um infeliz menor, não hesitou o coronel Alencastre e accusou um dos mais afeitos Generais de seu perseguidor e um daqueles juizes de suspeito.

Disse Alencastre por escrito que o réu era perseguido pelo Tenente general João de Deus Mena Barreto.

O documento que transcreve é interessante:

“O Coronel Joaquim Antonio de Alencastre na qualidade de curador do réu menor José Luiz de Queiroz, tendo prestado juramento para defender ao réu de umas arguições, he respeitosamente e debaixo deste sagrado dever e da mesma Ley que pune o Réo, que tem todo o direito para dar por suspeito o juiz Relator da Comissão que o julga. O Réu, tendo sido por motivos particulares, e não muy remotos perseguido pelo Exmo. Te. Gen. João de Deus Mena Barreto e sendo o referido Ministro casado com uma filha daquelle seu inimigo, parece apezar de sua inteireza e carater imparcial não estar no caso de ser seu julgador, pois se em razão contraria fosse o mesmo juiz oferecido a favor do Réo, suspeito se faria por ser casado com huma parenta do Réo dentro do 4.º gráo,

parece reciprocamente ser fundado na melhor justiça o seu requerimento. Pelos motivos, expendidos o Réo, e o seu curador têm todo o fundamento de esperar que este iluminado tribunal tendo em consideração direitos tão sagrados, se sirva aceitar a suspeição que requer, suspendendo assim o seu processo thé que aquele logar seja occupado por juiz competente. O Réo e o seu curador, escudado em bem fundada justiça seguro na retidão e inteireza dos seus iluminados juizes, a cujas luzes se submete. Assim o espera o Réo e o seu Curador Joaquim Antonio de Alencastre”.

Eram membros do Conselho de Guerra:

Marquês de Barbacena, Gen. presidente.

João Chrisostomo Calado, Brig. vogal.

Francisco José de Souza Soares Andréa, Brigadeiro ajudante general.

Joaquim C. Barbosa Pitta, Cel. vogal.

Miguel Pereira de Araujo Barreto, Cel. vogal.

José Emygdio dos Santos Tourinho.

A suspeição arguida foi aceita pela comissão militar, sendo o auditor relator substituído.

Esse documento escrito com cortesia é um atestado flagrantíssimo de energia serena. O réu estava acusado de rebeldia e ter ofendido o soberano. O curador em uso de legitimo direito de defesa acusou de suspeição o relator do processo por ser parente do general João de Deus.

Pediu a absolvição do réu, apelando para a indulgencia do soberano, para os seus serviços de guerra e para a sua menor idade.

O réu, acusado de rebeldia e do horroroso crime de desacatar na praça pública a sagrada pessoa do soberano, foi condenado á prisão perpetua, fóra da provincia, onde não pudessem fazer mal.

O Coronel Alencastre pedindo a absolvição plena do réu avançou de um seculo. Aquele soldado que em 1827 fóra sumariamente condenado á prisão perpetua, hoje não o seria.

Aquele conselho de guerra devia ter a imponencia dos grandes cenarios.

Parece que estou a ver a pôse do marquês de Barbacena impondo ao cenário a sua personalidade de escol.

O Curador não se deteve em preocupações pessoais. Pediu a absolvição. A comissão militar que julgava o réu sumariamente composta de grandes figuras militares, condenou-o á prisão perpetua.

Aquella classificação de “crime horroroso de ter desacatado a sagrada pessoa do soberano” parece ter calado fundo no animo dos juizes.

“Conclusão”

1.º — Em Sarandí, na revolta do Paraná, em Ituzaingó, revelou-se o coronel Alencastre um bravo.

2.º — Como comandante geral da Fronteira de Missões fez um serviço de cobertura, que o informou de todos os movimentos do inimigo.

3.º — Só contava com o 24.º Regimento de indios guaranis para defesa da Fronteira, e dous canhões.

4.º — Era comandante do Regimento o coronel Palmeiro, por conseguinte responsavel pela sua disciplina e fidelidade.

5.º — Rivera apresentava-se como amigo para fundar um novo estado independente.

6.º — Os officiaes e praças do coronel Palmeiro, abandonaram-no, deixando o comandante geral sem recurso algum para resistencia.

7.º — A zona missioneira não tinha meios para reorganizar a resistencia.

8.º — O coronel Alencastre já doente, com uma fistula antiga, recolheu-se á sua casa.

9.º — O coronel Alencastre foi o ultimo a fugir com meia duzia de soldados, tendo sido tomada pelas avançadas de Rivera a sua fortuna particular, quando já em caminho.

10.º — Rivera conservou-se nas Missões, durante o tempo que quis. De Abril a Dezembro de 1828. A paz foi assinada em Agosto.

11.º — Rivera retirou das Missões 60 carretas carregadas

de alfaias e objéto saqueados, 80.000 bois e talvez 10.000 povoadores da zona missioneira.

12.º — Passou perto de Alegrete, onde comandava Bento Manoel, que conferenciou com êle.

13.º — Sebastião Barreto teve ordem de batê-lo com a sua brigada composta do 3.º regimento de linha e o 20, 22, 23, 25 e 40 de 2.ª linha.

14.º — O general brasileiro em vez de combater, tomar os despojos de guerra e fazer os seus patricios regressarem a seus lares, preferiu parlamentar com o invasor.

Houve um acervo de erros, um grande acervo de erros. O menos culpado foi o coronel Alencastre. O que não errou. O brilhante oficial de cavalaria, a que se referiu o Visconde de Castro, cumpriu desde o principio os seus deveres militares, sem a menor discrepância. A sua estrela, que até aí brilhára com raro esplendor, esmaeceu no horizonte.

Terminada a guerra, o brioso official sentindo-se enfermo, apesar da pouca idade, reformou-se.

Além de seus feitos deixou dois documentos, que não pôdem ser esquecidos: A parte que deu da revolta do Paraná e a página que escreveu Baldrich na sua "Guerra del Brasil".

A parte revela a grande elegancia moral do chefe. A página de Baldrich é um atestado para a posteridade.

Podemos afirmar sem receio de contestação que não ha chefe brasileiro que tenha na história do país, de que foi o adversario, uma página mais honrosa, mais impressionante.

Devia, como militar e herdeiro, ao glorioso soldado que foi Joaquim Antonio de Alencastre, o restabelecimento da verdade histórica, alterada por observadores injustos.

O bisneto, conhecedor de seu progenitor, homem de rara energia, caráter integro, soube da vida do avô, que foi dos primeiros republicanos perseguidos em 1832, depois Ministro da Guerra e da Marinha, deputado á Assembléa Constituinte dos Farrapos e perseguido depois no Império. Estudando a vida do bisavô reconheceu com ufania que não fôra quebrada a altivez moral, que é um patrimonio da familia.

“Últimas palavras”

Penso ter feito uma justificação completa da ação do brigadeiro Alencastre durante a invasão de Rivera nas Missões.

O assunto comportava maior desenvolvimento, porque abarca o conjunto das nossas principais campanhas do Rio Grande.

Foi minha intenção unicamente o restabelecimento da verdade histórica, prejudicada por conceitos injustos.

Só procurei estudar os acontecimentos, diretamente ligados ao fato primacial, que me preocupava e os que com êle tinham relações imediatas.

Doia-me a injustiça de que era vitima o brigadeiro Alencastre. Apressei-me a fazer-lhe a defesa.

E' bem provavel que mais tarde transforme este trabalho em um livro maior, abarcando o conjunto geral dos acontecimentos que decorreram da conquista da Cisplatina até a sua independencia. E' uma questão de oportunidade e de tempo.

O primeiro trabalho representa os alicerces. Com o tempo virá a construção mais importante.

O assunto é empolgante para um soldado brasileiro, e deve ser estudado com carinho pelos nossos officiais, que necessitam preoccupar-se com cousas nossas, com as nossas guerras, com os nossos teatros de operações.

Sôbre essas Campanhas do Sul já ha uma obra verdadeiramente notavel “A Batalha do Passo do Rosario”, de Tasso Fragoso.

Outra campanha interessantissima, que nós temos, é a guerra da Independencia na Baía. Em uma conferencia que fiz no Instituto Histórico e Geografico estudei as operações sob o ponto de vista tático e estrategico. Creio que é o primeiro trabalho que appareceu sob este aspéto.

Civilizações americanas

Antiguidade da terra

II

OS PERIODOS GEOLOGICOS

(Prof. JORGE BAHLIS)

Sendo o nosso trabalho um cuidadoso estudo científico a respeito das vetustas civilizações americanas, achamos que temos o dever de torná-lo o mais racional possível. Colocar a ciência histórica ao alcance dos intelectos menos favorecidos, eis o grande problema. Escrever para a maioria e não para a minoria deve ser a principal preocupação do escritor que deseja deleitar e instruir. Um povo que conhece razoavelmente a História já é mais livre do que outro que a ignora. Conhecendo os fatos do passado, sabe guiar-se no presente e marcar as diretrizes do futuro ⁽¹⁾. Assim sendo, o historiador tem a obrigação de simplificar — sem mutilar o sentido, está visto — os conhecimentos com que deseja brindar o público, a ponto de torná-los compreensíveis, mesmo pelas mais rudes inteligências. E' que, si bem seja lido por pessoas conhecedoras do assunto, também o será por

(1) *Mas por enquanto, o jovem de quatorze anos pede que lhe enviem livros e documentos sobre sua patria. E' preciso começar por conhecer a História, si quisermos continuá-la.* (Da obra NAPOLEÃO, livro primeiro, por Emil Ludwig).

leigos, que, si não tiverem as explicações necessárias, ver-se-ão tropeçar a cada momento num sem número de dificuldades, perdendo, assim, e com muita razão, o amor que possam ter á História.

Agora continuemos o assunto interrompido.

Falamos já de terrenos Pre-Cambriano, Cambrianos, Silurianos, Devonianos, Carboníferos e Permianos, mas não explicamos ainda as razões que levaram os geólogos a dar essas denominações ás camadas geologicas por elles estudadas.

O Precambriano é o arcaico propriamnete dito, e deve o seu nome ao País de Gales, denominado Cambria pelos latinos ⁽²⁾, e onde foram encontradas as mais antigas camadas da primeira idade geologica. Por mais que se investigasse, não foi possivel encontrar no Precambriano vestígios de vida animal, nem vegetal. A Ciencia moderna, entretanto, mostra-se inclinada a admitir a existência de microscopicos seres, que foram absorvidos na formação da crosta terrestre, sem terem podido deixar traços de sua passagem.

O Periodo Arcaico, conforme demonstramos no artigo anterior, foi constatado em diversos pontos americanos, e principalmente na America do Norte. Em todos os continentes se encontram vestígios arcaicos. Nem todos os geólogos deram o mesmo nome aos terrenos dessa natureza. Alguns denominaram-no Arcaico; outros, Uriconiano, Dimetiano, Hueleflintos, Hipozoicos, Eolioticos, etc...

Os americanistas classificaram os terrenos arcaicos da America em dois grandes sistemas: O LAURENCIANO e o HURANIANO. O primeiro deve o seu nome ao rio canadense São Lourenço, e corresponde á camada inferior; o segundo deve o seu nome ao lago Huron, e corresponde á camada superior. O sistema Laurenciano foi tambem denominado Pirocristalino, e o Huroniano tem diversas denominações, tais como: Ognostozoico, Precambriano, propriamente dito, Protozoico, Alonquiano e outras.

(2) Veja-se qualquer tratado desenvolvido de Geologia.

Grandes depositos de micaschistos e de gneiss ostentam, nesses terrenos, variedades extraordinarias.

*
* *

Os terrenos cambrianos devem, como já vimos, seu nome ao País de Gales, chamado Cambria pelos latinos. Outros geólogos, em virtude de haverem feito suas pesquisas em terrenos de outras localidades, adotaram diferentes denominações, tais como: Ardesiano, Mississippiano e Sino (chinês).

O Cambriano se caracteriza pela grande quantidade de chistos cristalinos, entre os quais se acham vestígios de microscopicas vidas fossilizadas.

Si os fosseis são relativamente raros, não acontece o mesmo, entretanto, quanto á mineralogia, salientando-se os quartzitos negros petrificados. Cristais cúbicos se encontram em muitos lugares, assim como rochas de côr verde e violeta, pertencentes ao Periodo Cambriano.

Na Serra do Espinhaço, no Paraná, em São Paulo, no Rio Grande do Sul, nas montanhas canadenses, nas de Goiaz, nas de Minas Gerais, nas do Paraguai e em muitos outros lugares, que seria fastidioso enumerar, ha gneiss graníticos, cristais, quartzitos, magnetitos.

Alguna dessas rochas accusam idades tão avançadas, que seriam inacreditaveis, si não fossem confirmadas por cientistas de honestidade comprovada. Para os que estudam a Mineralogia, não é nenhum misterio a velhice dessas rochas. E' sabido que a cristalização — grau máximo da perfeição da materia — não se efetua em pouco tempo ⁽³⁾.

As centenas de milenios não são nada em face do Infinito. O tempo é uma convenção e nada mais ⁽⁴⁾.

⁽³⁾ "Manifesta-se o segundo estado quando a solidificação do corpo foi bastante vagarosa..." E mais adiante: "Visto isto, pôde-se dizer que a cristalização representa o estado de perfeição da materia mineral..." (MINERALOGIA, por A. de Lapparent).

⁽⁴⁾ "Não podemos formar um pensamento sobre o tempo, a não ser em conexão com uma sucessão de mudanças de cousas em nossa consciência, sejam cousas do mundo exterior, ou a passagem dos objetos mentais através a nossa mente. Um dia não é sendo a consciência da passagem do

Os terrenos siluricos tomam seu nome aos siluros, povo que habitava o Sul de Gales. Tendo essas terras sido conquistadas pelos romanos no século primeiro de nossa Era, seus habitantes foram conhecidos pelo nome de SILUROS.

O célebre geologo inglês, Sir Roderick Murchison, tendo estudado com especial carinho as camadas geologicas do País de Gales, classificou-as convenientemente, dando a denominação de siluricas ás camadas inferiores que continham fósseis. Depois do ano 1839, data em que foi feita a classificação pela Ciencia de Então, todos os terrenos semelhantes passaram a se chamar siluricos. Contudo, o esforçado cientista d'Orbigny, como homenagem a Murchison, denominou tais camadas de MURCHISONIANAS. O naturalista Haeckel, talvez o mais fiel e predileto discípulo de Darwin, batizou-as com o nome de ARQUEOLÍTICAS ⁽⁵⁾.

Haeckel entendia que era muito mais logico chamar-se de arqueolíticas tais camadas geologicas, pois tratando-se — como se trata — de rochas antiquissimas, a denominação por êle sugerida tem um sentido mais definido.

Alguns se batem pela adoção do nome PROTOZOICO, justificando sua preferência da maneira mais científica possível. Admitindo-se que tais terrenos contêm os primeiros animais fossilizados, mais ou menos definidos, nada mais justificado parece do que essa denominação. A maioria dos pesquisadores, porém, ou por desejar respeitar a denominação dada por Murchison, ou porque no País dos Siluros (País de Gales) foram feitas as primeiras descobertas neste gênero, seguiram a classificação dada pelo sabio cientista, cujo nome acabamos de mencionar.

sol; uma hora ou um minuto são apenas subdivisões do dia, ou aliás a consciência do movimento dos mostradores do relógio... O Tempo é uma invenção mental..." (GNANI YOGA, pelo Yogi Ramacharaka).

⁽⁵⁾ "Historia da Creação" — por Ernesto Hoeckel.

A ciência da justiça e o problema do Novo Direito

pelo

DR. FERNANDO OSORIO

Discurso de paraninfo na solene colação
de gráu aos bachareis de 932 da Faculdade
de Direito de Pelotas.

Para falar aos moços é, pelo menos, preciso ter a mocidade no coração. E, não ha gloria maior do que professar o direito á sementeira sagrada, chama vital da nação, a mocidade conciente, na virtude essencial do seu desinteresse, marchando, como tuba de ouro, á frente das energias da cultura moral, com o sorriso acolhedor da esperança, fortalecida no culto da justiça, floração do povo, vegetação soberba na força misteriosa das "regiões da vida que a poesia embalsama com seus devaneios".

Novos Cavaleiros da Lei, como chamou Zanardelli aos advogados, aos graduados do ano, aos novos combatentes do direito, devemos a indulgencia de servir de Paraninfo nesta culminancia da carreira escolar, onde um poeta-estudante foi o orador talhado para que a palavra do direito não perdesse o sentimento do belo, porque para as naturezas sensiveis ás linhas harmoniosas de um ideal tem encantos de verdadeira poesia o sentimento indomito do direito, designado como a poesia do caráter, e de formas poeticas já nas sociedades pris-

tinhas o fator solenidade revestiu o ato e o discurso juridicos. Com as palavras indispensaveis, a jurisprudencia antiga era plastico-sensivel, porque a justiça principiou formulando-se num sistema de simbolos em que o direito pediu a sua fórma á natureza, ao proprio simbolo da vida, á arvore da ciência do bem e do mal, e disto proveio a noção do justo e do injusto. E de um ramo o direito se servia para exprimir as relações sociais, formando de flores a grinalda das noivas, despojando de folhas a vara do legislador, o cetro dos reis, o báculo pastoral ou o bastão por cuja entrega, nas antigas universidades, era conferido o grau científico não tendo outra origem a palavra-bacharel. Vestes talaes, de figurinos da universidade de Coimbra copiaram-se as bécas e o capelo simbolico que acaba de ser imposto aos novos levitas do direito, no rito deste ceremonial, já sem o latim barbaro do juramento, mas fazendo reviver os tempos dos antepassados da nossa raça, quando recebiam os moços, como agora, de cavaleiros da mesma linhagem, as insignias da emocionante investidura e de suas prometidas as cores e as divisas com que deviam vencer ou morrer.

Jovens colegas! escolhesteis o lema, por uma coincidência, o mesmo que serviu ha alguns anos em nossa formatura: — “Sejamos escravos da lei para sermos livres”. **Legum servi sumus, est liberi esse possimus.** E, pois, fundas saudades nos despertastes do dia em que, em 1910, num salão repleto do escól da sociedade fluminense, numa assembléia que foi para nós um berço da vida publica, estando presente Rui Barbosa e o chefe da Nação, tomámos por tema a defesa do direito como ciencia do real, digna das cogitações modernas dos juristas, como elles devem ser, indagadores e filosofos, evangelizadores e praticantes, mas não simples fazedores de petição, advogados sem idealismo. E, na mesma ordem de idéais sérias sôbre a importancia do gráu que, hoje, vos imprime caráter quasi como ao sacerdote o sacramento, ainda, aqui, posto que sem a eloquencia a que Euripedes chamou — a rainha dos corações — não nos sentimos condenados a “entoar em estilo de brinde as velhas frases convencionais por esta espécie de noi-

vado científico, na função de mestre de ceremonias” ou no papel do finado Mal das Vinhas apregoando a excelencia de um produto de que ninguem fazia caso... antes como brado irresistivel de estímulo, os horizontes das solenidades como esta abrem caminho a alguma cousa menos vulgar do que uma felicitação, porque não fizeram os novos combatentes a louca aposta de perpetuar a hipocrisia do direito.

O direito é, por assim dizer, a sociedade em ação. Abarca a vida, no que ela tem de mais íntimo, espelhando a cultura e o caráter de um povo e de uma época. El sôbre o rochedo das Termopilas estava escrito: **Vlandante, val dizer a Esparia que nós aqui morremos para obedecer ás suas leis;** e, todas as pessoas, em todo os tempos, acrescenta um jurista-filosofo, devem ter a fôrça de poder escrever o mesmo no coração.

Não é o direito méra superstrutura ideal, a que se ajuste a vida humana. Nem é a disciplina obscura e rigida que muitos suspeitam, e “em que muitos falam e nem todos procuram entender e respeitar”; é a ciência moral que está colocada entre a filosofia e a história!

Foi um contrasenso de Jellineck querer que seja abstratto o mundo juridico. Esta realidade profunda, de que provém o direito, é a ação humana, que nós aferimos pelo conceito, ético, da justiça. Não se compreende a sociedade sem o direito que surge —, engendrado por ela, — como uma expressão permanente, fatal, da vida coletiva. Si é verdade que o misterio da ciência juridica é o conhecimento do direito em si, da sua natureza íntima, porque nós não podemos nunca conhecer, já dizia Pascal, *le tout de rien*, sendo a nossa razão um instrumento de apanhar relações, o fenomeno especifico do direito é o *vinculum juris*, é o contrato, é a relação juridica, profundamente penetrando, determinando as ações humanas, regulando as relações concernentes á distribuição dos bens da vida, uso e gozo, e harmonia moral.

E’ o direito que “cérca do respeito geral a nossa casa, é êle que nos assegura o que conseguimos ganhar e liga á nossa pessoa a da nossa companheira e os nossos filhos e nos liga a ela e a êles”.

E' a energia coordenadora, a ação propulsora ou reprimente que se vê por parte e sempre "na promessa de enlace, balbuciada por dois corações que se amam, no óbulo da beneficência que traduz a renúncia espontanea e generosa de um direito, no humilde e paciente esforço do operario, como no devotamento disciplinado da honra e do heroismo da riqueza e da vida," na perpetuidade das cousas sonhadas, — **eternité des choses qu'on révé!**

Princípio superior, grande e eterno problema, creado para permitir a liberdade como expressão do valor do individuo perante a comunhão, equilibrando os elementos de que a sociedade se compõe, e, revelando-se, na história, em constante remodelação, atravessando as épocas e os povos, porque é eminentemente construtora a função da disciplina prática do direito, tutelando, garantindo a atividade produtiva, auxiliando, amparando a solidariedade social, facilitando e assegurando o progresso. Cabem á legislação, — a criação e a garantia da felicidade material no mundo, motivo pelo qual se disse que a ciência do direito é de todas as ciências a de maior importancia prática para todos. O jurista se acha em contato mais constante com o mundo do que qualquer individuo, como bem observa Schwing, sua profissão o conduz ás eminências e ás profundidades da vida, á plenitude da civilização cujos alvos vem a ser a verdade, obtida pelo conhecimento, a beleza, que a arte realiza e, como diz Kohler, a utilização das forças da natureza em beneficio da humanidade.

O, fazer o panegirico da relevancia e da magnitude do direito, fôra o mesmo que elogiar o valor indispensavel do ar atmosferico para a hematose do sangue ou a importancia do sol como fonte da vida... porque o Direito é a imutavel "ecliptica traçada pelo sol da consciencia humana no seu curso" em torno dos acontecimentos.

Basta que nos votemos ao metodo objetivo, á luz do qual, se nos apresenta a fisionomia propria da fenomenalidade juridica, para considerarmos inegavel a investigabilidade scientifica do direito, engastado entre os fenomenos da natureza porque então verificamos a interdependencia dos principios e leis scientificas da nossa disciplina, sem os vagos e perigosos

subjetivismos nem a estreiteza da análise das leis e conciliando-se os resultados das concepções mecanica, biologica, sociologica e técnica, vemos o direito surgir, avançar, lutar, succumbir e reerguer-se, para desprender o vôo poderoso pelo futuro adiante, mais conforme aos destinos humanos. Interminavel construção do direito científico! como sistema de forças e como organismo objetivo da liberdade humana, caracterizado pelo criterio da segurança, da garantia, sem a qual todas as idéias fundamentais do direito, negam-se a si mesmas ou se entrecortam de riscos.

Domat, no seu profundo tratado juridico, estabelece que o princípio de todas as leis é o amor, e consagra um capitulo á amizade, na qual descobre um vínculo perfeito, gerando obrigações reciprocas.

E até o bem gosto dos ornatos femininos, — senhoritas, — foi objéto de dissertação de jurisconsultos como Paulo Pomponio e Scevola e, tambem, acredito que êles não ocuparam todo o tempo escrevendo obras de direito... visto que Ulpiano com tal precisão discorreu sôbre as modas do vestuario que “poderia ensinar, hoje, ás modistas, si êsses vestidos não estivessem fóra da móda”...

Pela meditação das suas sentenças, esses sacerdotes eximios, os jurisconsultos, são os verdadeiros interpretes, isto é, os creadores como o artista, e tambem sabios, porque a materia prima sôbre que trabalham faz-se de experiencia e de estudo e porque êles extráem as nóvas elaborações da lei, a construção e a doutrina, “da pedra ou do bronze do edito com uma luz tão forte e uma delicadeza tão penetrante que empolgam a mente como um formoso produto de alta estetica”.

Nessa moderna orientação juridica, se havia de estender, de incorporar, de poetizar, na arte, o grande e eterno tema do direito, desde que a filosofia encontrou no belo o caráter para distinguir o cósmos do cáos, com a harmonia musical do mito de Orfeu, unindo as pedras e os seres vivos em ordenação arquitetonica e moral, para que os homens de fantasia artistica, de imaginação creadora, já não possam dizer — **Temis musis inimica**, — e diante da estetica do espirito puro, da ordem e da dignidade, de que falou, recentemente,

Sterneberg, os bons juristas compreendam que longe de ser uma maquinaria burocratica fria e repugnante, enfadonha, estranha ao bom gosto e ao primor literario, a ciencia da justiça, no seu moderno e largo movimento renovador, tem a beleza que se póde assimilar á tendencia da alma para a nobre e fecunda lição contida na geometria dos gregos e com tão encantadora simplicidade retratada por Isocrates quando disse que era honrado o que revelava a coragem, a sabedoria e a justiça, mas que sem a beleza nada nos encanta, porque é estimada a virtude precisamente por ser a mais bela das preocupações. Acrescentando Ippodamos Turrio que a justiça é uma lira afinada, da qual, afirmou Polos Lucano, vinha a saúde no organismo, a sabedoria no espirito, a concordia na familia, a benevolencia entre os senhores e os servos, a ordem no Estado, como ocorre a harmonia no universo.

Por isso foi que o direito se tornou algo de sagrado e Heraclito disse que o povo deve lutar por sua lei, como por suas fronteiras, quando aprofundou tanto a idéia do direito que fez da justiça a necessidade fisica do cósmos que governa as transformações mantendo as coisas nos seus lugares proprios e no seu curso normal.

Já falavam os romanos da *elegantia juris*, da elegancia com que os pretores tornaram uteis, equitativas, as rigidas disposições do *strictum jus*, e tinha perfeita razão o grande Juventinus Celsus de, elegantemente, como disse Ulpiano, dar ao direito o nome de arte do bem e da equidade, evidenciando-se o valor das sentenças geniais, como a de Salomão, da novelistica juridica do Oriente, da poesia didato-elegiaca de um Teognis e um Sólon, de dramas, juridicos com o "Tell", de Schiller e o de Kleist ou, acima de tudo, o "Mercador de Veneza" em que o genio de Shakespeare mostrou a revolta do direito justo, na dramaticidade da retificação da lei.

O' a clareza, a vernaculidade e a logica foram os predados de estilo de todos os grandes jurisconsultos. El Stendhal confessou a Balzac que lia todas as manhãs duas ou tres paginas do Codigo Civil para ser sempre natural. Sem falar, já, das novelas juridicas de Franzos ou de "L'Affaire Crainquebille" ou "Sur la pierre blanche", entre as obras de Anatole

France, — vemos ainda em nossos dias o economista Pareto aludir ao — **direito á beleza** — que se ha de formar nas sociedades modernas da preocupação artistica generalizada, si mais se apurarem as tendencias e necessidades que desmentem a unilateralidade grosseira do materialismo.

Mostrou Consentini o êrro dos que tinham o direito por — **opera di sapienti legislatore**. Quando a letra fria e dura da lei se mostre insufficiente para traduzir com a flexibilidade necessaria a amplitude juridica, ajustando-se á variedade dos fatos, o juiz, no campo da hermeneutica, dispõe da investigação objetiva para encontrar, para revelar a regra do direito applicavel, e a aprovação das consciencias retas que lhe dirá se acertou, assim como a reprovação mostrará o seu êrro, cabendo-lhe compreender que o fito do direito é conciliar as forças divergentes, os interesses coletivos com os do individuo. Na frase de Darmstaedter, a lei é feita e o direito descobre-se. Deve corresponder a singular importancia da nova concepção do direito a organização do estudo juridico nas Faculdades.

O jurista pressupõe o sociologo, é, como se disse, apenas o sociologo que se especializa e quem só o direito estuda, não sabe direito.

Portanto, aqueles que são, hoje, graduados em ciencias juridicas e sociais, e lhes perceberam os encantos, não têm motivos de se verem perdidos, como Dante, na floresta, em frente da loba, pela dubiedade do titulo que recebem. Si a floresta do direito é densa e vasta, na sua plenitude e na contemplação do seu maximo brilho fulgida é a luz que sôbre os seus caminhos se derrama e póde-se falar de uma ciência juridica e de uma ciência social — que não só deem o pão, mas que deem a honra á mocidade, sem tornarem-se expedientes grosseiros ou ciencias puramente nominaes. Já, agora, exclamou Grabowsky, é possivel trabalhar no direito com a consciência, em seguras perspectivas!

* * *

Pela primeira vez, ha cem anos no Brasil, cinco moços sulrio-grandenses receberam esta láurea do bacharelado, isto é, as armas com que vieram para a vitória. E nós, com o cari-

nho do coração, aqui, não deixemos passar despercebido este centenário da primeira colação de grau dos juristas gauchos.

Eles estudavam, os cinco rio-grandenses, futuros vexillários da justiça, em Pernambuco e em São Paulo, ao tempo em que a nossa Pátria, naqueles dois focos de irradiação da nossa cultura superior, quasi logo após a sua independência consagrou duas Escolas ao culto da Justiça, duas cidadelas da mocidade, uma ao norte, outra ao sul, dominantes “como situações polares no movimento do nosso mundo moral”. Compreendera o governo que nada mais importante ha para manter as cousas na ordem, como proclamava o imortal Dante de Alighieri, do que a formação do sentimento de Justiça, a retidão que repele o que é terto e restabelece a liberdade civil e moral do mundo, por ser a Justiça a síntese da politica cristã, a essência da sociedade, a substancia de toda a civilização; e, na sua maior parte, visto ser este resultado “uma função da cultura jurídica, distribuida nos grandes estabelecimentos do ensino superior”. Eram sómente dois, em 1827, esses estabelecimentos especiais para prover o país de advogados e juizes formados em institutos brasileiros, e, cem anos depois, do Amazonas ao Rio Grande do Sul, em Porto Alegre e em Pelotas, o ensino do direito desdobra uma fileira de pontos luminosos, em labor fecundo que eleva a mente e conforta o patriotismo.

Assim, na pérola do norte, já, na realeza de Olinda, “jamais desluzida do seu oriente”, figurava o primeiro gaúcho entre os bacharelados de 1832, na turma dos futuros operários da organização da nossa vida social, dos juristas pioneiros que a Faculdade pernambucana preparava, entre rapazes de peregrinos merecimentos.

Foi para o Brasil, por assim dizer, uma segunda independência a fundação dos cursos de direito. E vale recordar que, entre os seus primeiros levitas, em tão predestinada turma de Olinda, o primeiro bacharelado do Rio-Grande do Sul chamava-se Antonio Manoel Fernandes Junior e, sucessivamente, exerceu, com brilho, diversos cargos na magistratura.

Recebendo o vinco espiritual de Olinda, respirára, em sua mocidade, o nosso conterraneo, o ambiente da terra pernambucana, onde uma forte e viril geração viu o amanhecer do

Brasil para a vida constitucional lá, onde a guerra holandesa primeiro acentuou, no Brasil, o sentimento de Pátria. Já se havia travado um duelo de raça, já tinha o Brasil, em sua epopéia nortista, a primeira afirmação de uma vida nacional, já com a expulsão do invasor, na primeira metade do século dezesete, se começára a formar essa consciência brasileira, essa confiança nos mesmos destinos e nos mesmos ideais que “nos salvou então e, através de todas as vicissitudes, nos tem salvado outras vezes”, e nos salvará enquanto erguermos, iniludível, o signo do direito, nas taboas da vocação do advogado. Vocação e mesmo signo com que, homens do direito, Tomaz Antonio Gonzaga e Claudio Manoel da Costa, vieram conduzindo a nova nação sul americana á pósse do govêrno do povo pelo povo, ao lado do nune tutelar da nossa democracia, do martir divinizado cuja face o medo não manchou, olhos postos no crucifixo que trazia nas mãos algemadas.

Eis porque num grande fator de progresso para o Brasil importou a criação dos primeiros cursos juridicos porque foi nessas academias, foi nesses fatores de unificação nacional, que ensaiaram os primeiros vãos os poetas, os romancistas e criticos, que em magna parte concorreram para a formação da nossa incipiente e já brilhante literatura; os oradores e jornalistas, que, no testemunho de um magistrado, propagaram tantas idéas uteis, ou tantas reformas necessarias, e essas sucessivas gerações de estadistas, que durante tantos anos governaram a nossa patria, incutindo no espirito de toda a nação o respeito ás leis que em geral os países novos, como o nosso, não conheciam.

Nasceram, aliás, os povos da America ao contato da vida, e ha provas evidentes de que, neste sólo propicio á unificação dos homens, á capacidade de apagar preconceitos, desde muito cedo, “existiu certa sabedoria ingenita, alumando, no continente, os espiritos dos grandes inspiradores nacionais”.

Era tão geral no mundo essa aspiração de desafogo que até Napoleão cuja maior batalha foi o Codigo Civil — proclamava-se o libertador das patrias que invadia.

Colônia, nesta porção da America, queriamos a descentralização, em relação a metropole, como, depois, no imperio,

quisemos a das provincias, em relação ao centro. E, independentemente de Portugal, podemos dizer que existia no Brasil, provada pela tentativa pernambucana, o germen do govêrno constitucional.

Tivêra o Brasil por primeira Constituição a Constituição espanhola jurada provisoriamente pelo rei de Portugal até que as cortes de Lisbôa, votassem a sua magna carta. A essas cortes compareceram deputados do Brasil. Entre êles, um cujo nome não pôde ser esquecido; chamava-se Patroni. Era um estudante do Pará. Não havia sido eleito, mas obtivera uma indicação de homens eminentes da capitania, e partira para Portugal e, em chegado a Lisbôa, logrou ser recebido, e discursar. E' verdade que se recusaram, afinal, as correntes a reconhecer-lhes os poderes e que Patroni deixou a assembléia.

Antes, porém, de deixá-la, a sublevára com o ímpeto e a bravura das suas apostrofes, o primeiro grito da consciência americana lançado face a face da Europa naquele cenario impressionante. Foram luminosos os rastros dos juristas na nossa história. Somos um país de tradições jurídicas. Apenas, na evolução do direito patrio, refletindo-se na elaboração legaslativa, foi observado o ritmo do movimento, a marcha ondulatoria, social como fisica, na espiral do progresso, que faz seguir cada expansão liberal de uma reação restritiva, retardando-se os beneficios das conquistas efetuadas, sem, contudo, as destruir. E uma raça que, "como lema da sua formação nacional, possa gravar no seu escudo — fé e entusiasmo" — terá garantida a sua formação sôbre a terra. Provisoriamente, em suma, o problema juridico da organização politica do Brasil, quando se crearam os cursos juridicos em São Paulo e Olinda, em 1827, achava-se resolvido com a carta constitucional outorgada por Pedro I que, embora liberal, sob varios aspétos, enxertou a proeminencia do poder moderador. Foi deste modo que se organizou a nação, sobrevivendo, nas provincias do nordeste, protestos como o de Ratcliff, o nobre vulto que espera o bronze de uma estatua: — "Que mal me faz morrer? Morro pela causa do Brasil e da Humanidade". E quantos juristas se contavam quando ainda, a resistencia ás

leis inconstitucionais levou os patriotas a pugnarem pela anulação da reforma do Codigo do Processo Criminal...

Digno de nota, em 47, firmada a nova ordem de cousas, foi o decreto que declarou André Rebouças habilitado para advogar, em todo o Imperio, independentemente da licença dos presidentes das Relações, como si fora bacharel formado ou doutor em ciencias juridicas e sociais. E sentem-se, ainda, no coração de Pelotas, na extensão desta terra, os écos do inequalado dia de gloria em que inaugurámos, em face de nossa Domus Juris, o bronze de Ferreira Viana, do pelotense predestinado, do inabalavel paladino do direito, a quem o povo do Rio de Janeiro ofereceu uma corôa de ouro diante do seu procedimento, em 1864, defendendo quatro desembargadores, aposentados sem processo, e o presidente do Supremo Tribunal, que se recusára a aplicar os decretos inconstitucionais. O' quantos traços de hombridade avultam nos fastos da nossa vida juridica, contando magistrados como Ascencio Ferreira, Monserrat, Aureliano de Campos, perenes palinuros do direito e Piza e Almeida de quem, um dia, acercou-se Rui Barbosa ao terminar de um pleito, e tomando-lhe da mão, beijou-a comovido.

Apagai a história das academias juridicas do Brasil e "será um enigma, — a história da nação brasileira", em cuja extrema os gaúchos não desmentiram o calor da sua origem, porque, lançadas as sementes da epopéa dos Farrapos ela se sistematizou, por assim dizer, no ano de 1832, nesse ano em que, ha um século, se diplomaram em direito, em São Paulo os quatro outros primeiros bachareis sul-rio-grandenses, cujos vultos aqui, tambem, precisamos homenagear. Então, a patria dos bandeirantes que alargára o mapa do coração do Brasil, apenas habitada por dez mil almas, — era o espirito da actividade economica e da organização, que déra a mais conveniente diretriz ao movimento da independencia nacional. Foi, pois, nessa outra alma-mater do ensino, onde se nutriram na ciência da justiça gerações de magistrados, de jurisconsultos e estadistas, foi na cidade indicada na Constituinte, em 1823, para séde de uma Universidade, que, em 32, ha um século, se diplomaram os rio-grandenses Francisco de Sá Brito, futuro

juiz de direito, um dos signatarios do notavel Projéto de Constituição da Republica de Piratiní, da qual foi além de deputado, ministro da justiça; Antonio Vieira Braga, (da estirpe do Conde de Piratiní, nome tão caro á vida de Pelotas), preparatorio no Seminario de Coimbra integro juiz de Direito, desde 1835, em Piratiní, Rio-Grande e Rio-Pardo, agraciado com o hábito de Cristo e o officialato da Ordem da Rosa, e aposentado como Desembargador da Relação da Côrte; Joaquim José da Cruz Seco, ainda, em Pelotas, entrelaçado á familia de Gonçalves Chaves, do autor da classica memoria Economo-Politica, onde, em 22, se preocupava já com o problema de organização constitucional brasileira; e, finalmente, Pedro Rodrigues Fernandes Chaves, o futuro Barão de Quaraí, senador, presidente da assembléa provincial, chefe do partido conservador, famoso irmão do ministro e conselheiro Antonio Rodrigues Fernandes Braga, presidente do Rio Grande do Sul e republicano quando estudava em Coimbra. Posto que não lhes cite os nomes, Spencer Vampré, certa vez, disse dos trinta e tres matriculados na Academia de São Paulo que qualquer deles bastaria a celebrar a turma e que, reunidos, formam uma espécie de assembléa de imortais, como aquella que Dante divinizou, guiado pelo genio de Virgilio.

Três anos depois que elles se armaram Cavaleiros do Direito, o Rio Grande, na epopéa de 35, representou o verdadeiro Brasil, nessa pagina de ouro dos seus anais concebendo um plano refletidamente organico, que conseguiu reunir a Assembléa Constituinte, depois de dignamente, adotar o voto a descoberto, eleitos os deputados, decretar o estatuto basico da Republica, proibindo no art. 214 as corporações de officios eleger o seu presidente para unidade de direção e coordenação de forças; organizar o ministerio, o poder judiciario e policial, com discriminação dos serviços publicos, da instrução, etc. suprimindo o exército permanente, pelo decreto de 16 de novembro de 1839, e, mais ainda, conseguiu legislar sôbre casos especiais, mandar enviados a países estrangeiros, libertar parte do territorio catarinense do jugo imperial, proceder á arrecadação de impostos; tudo com prohiboso escrupulo e grande descortino; decretando as cores da sua bandeira, adotando o

hino republicano, sustentando, por espaço de quasi dez anos, uma epopéa onde a espontaneidade e a exuberancia do valor individual eram tão fortes quanto a espontaneidade da idéia e dos seus sentimentos propulsores.

Data de 1835, precisamente, no Brasil, a fase penosa da nossa vida constitucional. E, muito concorreu o ensino juridico nas duas Faculdades de São Paulo e Pernambuco para que, se modificasse a inadaptação dos espiritos, que fazia olhar com prevenção a dadiua de imperante, lei, como dissemos, sob varios aspétos, liberal, pois além de proclamar os direitos fundamentais do homem e assegurar-lhes meios de se exercerem, reconhecia, já, que todos os poderes são delegações do povo.

Mas, si na Confederação do Equador, de que emerge a figura do notavel publicista Frei Canéca, ensopada no sangue do martirio, si houve quem encontrasse o berço historico da fórmula federativa presidencial, em que procurou vasar-se o govêrno republicano, coube á Constituinte dos Farrapos a gloria de, pela primeira vez, na história do liberalismo brasileiro, plasmar no projéto de uma lei os principios cardiais do direito publico que, quarenta e seis anos mais tarde, formaram o substractum da Constituição Federal.

Esse foi o exemplo que um dos primeiros bachareis rio-grandenses, Francisco de Sá Brito, de quem vos falei, ajudou a dar ao resto do país, na assembléia rio-grandense, a primeira, no Brasil, que tirou, pois, do seu seio as fórmulas e bases de uma Constituição, como inicio da elaboração do nosso direito publico, encerrando-se, com ela, a fase da propaganda cuja evolução, contra os sessenta e sete anos de rigida centralização monarquica, aqui se haveria de intensificar, passando pela tentativa patriotica do ardente e generoso moço Felix da Cunha á defesa da nossa autonomia pelo forte realizador e arquiteto Castilhos, que anteviu, com antecedencia de mais de 30 anos, o panorama moderno da crise da autoridade e da liberdade, proscrevendo as ficções e adotando fórmulas cientificas, positivas, do concurso dos tecnicos, da prévia elaboração popular na tarefa legislativa e homologação dos conselhos municipais, reduzida a assembléa a funções financeiras, sob um govêrno responsavel e forte, ao exarar o maximo das ga-

rantias **espirituais**, compreendendo a liberdade religiosa; de pensamento e expressão, ensino, profissão, laicidade e gratuidade do ensino primário; liberdades **civis**, abrangendo direitos e garantias do título IV; e as liberdades **políticas**, inclusive a legislativa e a representação de todas as opiniões; e sendo a maior e a mais alta, de todas a liberdade do pensamento da qual decorrem as outras.

Somos um país de inconfundíveis tradições jurídicas. Criado na moral cristã e na civilização latina, o Brasil, foi considerado a nação de maior cultura entre o valor proprio que tem o direito na America. Refletindo a alma, de feição essencialmente democratica, do povo brasileiro, o nosso direito, embora como uma transplantação do direito heleno-romano-germanico, oferece a feição particular do nosso caráter porque é um direito “de expressões afetivas, ao sentimento de liberdade e de impulsos idealistas”.

A Nação reclama o fóco solar da legalidade, a sã e forte afirmação da sua ordem jurídica, a sua reconstrução constitucional, a sua reintegração nos quadros da lei.

E uma Constituição só deve ser um sistema de conclusões sociologicas, um passo para o futuro “garantido pela força conservadora do passado, uma resultante historica de componentes, acumuladas no evoluir das idéias e dos costumes”. Que vemos nas organizações constitucionais contemporaneas? o pensamento geral de que não basta a representação democratica; sobre essa representação, ao povo, na Europa, já tantas vezes iludido, prendem-se os dirigentes, os homens chamados ao poder, por uma constante vigilancia, participando as massas eleitorais, na iniciativa e na elaboração do direito, pelo referendum, o plebiscito, a iniciativa popular, sem que o povo precise esperar os prazos de eleição para intervir.

Só o progresso da ética-jurídica favorece o desenvolvimento da democracia que, para a dilatação do justo e do honesto, é um fruto da civilização.

Clamam todos para que a justiça eleitoral se desobrigue da tarefa de moralidade do voto e que o parlamento represente a vontade popular de fato.

E urge restabelecer legalmente a organização republicana, derogadas todas as leis e atos publicos violadores do regimen federativo e democratico consagrado pela Constituição do país, naquilo em que o seu tino juridico, suficientemente, respeitou as condições de ordem e ofereceu as garantias de progresso. A Republica é a fórmula natural, como dizia Bastiat, de um governo normal, é o regimen do respeito civico ao direito, e com a virtude republicana, a manutenção da ordem publica se pôde conciliar inspirando-se o poder publico na fraternidade universal e votando a sua força á garantia escrupulosa das liberdades publicas, da dignidade e da autonomia da Patria Brasileira. Só o regimen federativo, indicado pela natureza, pôde assegurar a unidade nacional num tipo de governo presidencial em que, pela eficacia da responsabilidade, se corrijam excéssos e tendencias de predominio e absorpção dos outros órgãos constitucionais. E não se diga que a unidade do direito nacional venha a ser prejudicada com a faculdade que devem conservar os Estados da Federação de legislar sobre o processo, reconhecido o direito de organizarem a sua justiça, para que ela desempenhe o supremo papel de arbitra e interprete final da Constituição na entrosagem do regimen.

A justiça á luz do dia é a fórmula do funcionamento do poder judiciario que se ajusta a uma democracia. E as decisões tardas e as formalidades processuais excusadas, na frase de Carvalho de Mendonça, nutridas em parte pela chicana dos advogados sem escrupulos, com a tolerancia dos juizes, consumindo a paciencia e o dinheiro dos que precisam de justiça — constituem um dos maiores flagelos sociais.

O homem do seculo vinte é ser cuja vibração “é como a de uma antena electrica — exposta ás influências e ás ondulações vibratorias de toda a terra”. Mas a verdade é que o mundo atravessa um momento de incertezas, uma crise do direito, numa avalanche devastadora; uma recomposição de valores vai surgindo, — mas ainda o espetaculo que o mundo nos apresenta é o de uma crise que se manifesta desconcertante na vida dos povos, reinando ainda a confusão e a dúvida nos espiritos. Ha ilusões doentias, que não convém alentar. A importancia dos problemas economicos, a racionalização da vida,

o sindicalismo por exemplo, estão determinando, sem duvida, grandes modificações no direito publico. Mas como auxiliares e colaboradores, nas assembléas, cabe aos conselhos economicos incumbir-se da parte tecnica da tarefa legislativa, assumindo tais aparelhos um caráter consultivo. Já se foi o tempo em que, o bom humor de Emile Faguet pretendeu ser o princípio das democracias o culto da incompetencia.

Sede evangelizadores, jovens colegas, e sede praticantes. Que importancia a das arduas questões que vos aguardam nos dominios economico, financeiro, da politica, da justiça, no terreno social, no regimen cultural e no dominio dos costumes, — abraçando uma carreira, como a vossa, de direção social, para os maiores beneficios ao Brasil.

A ciência é creadora. Só a anti-cientifica atividade dos professores escolasticos dos despotas, dos juristas metafisicos, “se comprouve com um direito odioso, que provocou o odio dos financeiros, dos cientistas, dos escritores”.

O contacto com a experiencia é o apôio necessario ao sistema do direito, como era para Anteu o contacto com a terra. E, caminhando de olhos abertos para a vida, ha de ser scientifica, sociologica, a solução do problema do direito oferecido pelas realidades, nesta éra de solidariedade social, em que o povo pretende paz e limitação prática das injustiças e não pôde ser vítima dos caprichos de ninguem; e por um lado, cumpre evitar do indisciplinado individualismo o que êle contem de exageradamente egoistico e desorganizador. “mas não é perigo menor resvalar num socialismo absorvente e aniquilador dos estímulos individuais”.

Já Platão escrevera, nas “Leis”: — E’ preciso que a cidade seja feliz; e, para isto, duas cousas são de mistér, — não cometer injustiça, não a sofrer; fórmula que alguém substituiu por esta — a felicidade de todos para que cada um seja feliz!

Alguem disse que o direito é uma cidadela sempre ameaçada que só se mantém pela vigilancia de cada um e pelo concurso de todos, — deixando de ser a luta pelo direito uma questão somenos de interesse para constituir uma questão de

dignidade e de caráter — a afirmação ou o abandono da personalidade humana!

Não só aspira o direito moderno a ser um direito justo, como quer Stammler, mas também a ser um direito preponderantemente moral. Creando o chamado senso moral, o direito reage sobre a sociedade: corrige, transforma, adapta o homem ao meio social, tornando-se com um alto valor educativo, um dos principais fatores de sua evolução; a razão jurídica é a inteligência iluminada pelo saber e guiada pelos ideais, que representa a cultura integral do momento histórico.

E sómente pela segurança das relações, pela valorização dada aos indivíduos, pela proteção e disciplina das atividades legítimas, pela eficacia da justiça e do direito, dos postulados da moral e dos anélos sociais — o que se pôdem expandir a alma individual e a alma coletiva.

Eis a chave do problema da verdade republicana: **Omnia sub justitia. Sub lege libertas.** E eis porque, entre os progredimentos contemporaneos, ganhou relevo a fecunda teoria chamada — do abuso do direito —, de que a ninguém é licito desviar o seu direito da finalidade ético-social, perdendo certos conceitos basicos a sua rudeza anti-humana.

Aquele para quem Deus e a Justiça se confundiam, pedia aos **Pilgrims** no seu “Adeus”:

Só me sigam enquanto eu não me afastar do caminho da Justiça!

Nessa arena luminosa, da experimentação do Ocidente recolha o Brasil o proveito, para reorganizar sistema-cientificamente humano, mas nosso nas peculiaridades. A cultura do homem é uma ascensão!

“E’ preciso que cada um ascenda um pouco para que outros se elevem mais, sendo a atividade da cultura o moderno papel da boa politica social, que justifica a existencia do Estado, de direitdo e de cultura para a luta, não entre homens, mas contra os males, contra a ignorancia, a insanidade, os erros de toda sorte, mediante socializações, para dar conforto, higiene generalizada, alimentação, instrução publica difundida, valorização tecnica das classes, pobres probabilidades de vitoria.

“Socializar não é nivelar, é generalizar”, sem que, na moral, na cultura, na economia, se destruam os estímulos e diferenças individuais.

Que quer dizer socialização do direito? diminuição da luta dos indivíduos e das classes, defesa dos mais debéis, justo equilíbrio da liberdade e da solidariedade.

Menos nas instituições, do que nas opiniões e nos costumes, reside a doença moderna, porque antes de ser material a anarquia contemporânea é sobretudo moral e mental.

A família é a escola prática, insubstituível, do desenvolvimento do altruísmo, onde se exercitam o apego, a veneração e a bondade. A sociedade humana compõe-se de famílias e não de indivíduos. E como as leis não são feitas para os casos excepcionais, mas para os casos gerais, os casos normais, é medida perigosíssima o divórcio a priori, salvo em casos especialíssimos desta tese, que não é méra questão de direito civil, mas social, política e religiosa, sob a verdadeira orientação jurídica, indivíduo-social, que sujeita á graduações a propriedade, a limites e encargos, desprendendo-se o direito de situações subjetivas.

Sem dúvida, é preciso acompanhar o movimento do espírito humano, para a construção, que a nossa época reclama, sob nova ordem, do novo direito, porque vivemos a época das reivindicações, do amor do homem e da ciência.

Mas não é menos verdade que muitas vezes os homens e os Estados hodiernos, diante de graves transformações, pensam avançar, progredir, e retrogradam, em vez de evitarem a anarquia, tardando em encontrar a solução própria.

Os direitos são funções sociais, só se justificam como função dos outros direitos; e o progresso se realiza no sentido da diminuição da autoridade ao indispensável para manter o equilíbrio orgânico de cada agrupamento humano. Não pode ser outra a evolução do Estado, sinão a que o faz passar de órgão de dominação a órgão de coordenação e subordinação das coletividades, de modo que a democracia, que é a vocação histórica do Brasil, com prudência e objetividade, sem-

pre mais e mais faça sentir, sôbre os conceitos do direito público e privado, a influência da moralidade e da probidade.

* * *

Senhores bachareis:

A certeza, o testemunho, o programa que vos oferecemos, nas galas desta solenidade, consistem em nossa fé na divina grandeza da justiça jurídica, — o amor do direito, a confiança no direito, o culto do direito, subordinado á moral e á sociologia, — para a salvação e a gloria do homem e das sociedades, mantendo nobres, leais e fecundas, a vida pública e a privada.

E estas seguranças não é de agora que nos alentam. Tão util, tão essencial ao desenvolvimento do Brasil, reputávamos, já, o ensino do direito, ao fundar-se a Escola de Pelotas, quanto a hygiene para a saúde em geral ou o desenvolvimento fisico para a profilaxia das molestias.

Correm, por aí, impressas, as nossas palavras, propugnando pela feliz sementeira que já fez brotar nesta cidade um dêsses fatores da unidade nacional, um dêsses estabelecimentos de instrução tecnica e civica, uma dessas oficinas de trabalho, um dêsses acumuladores de idealismo organico, como é força que sejam as Faculdades Juristicas, na altissima missão de revelar aos moços os fundamentos de uma ciência que se cultiva e que, sendo uma arte que se applica é tambem uma religião, religião que nos dá o sentimento profundo do dever na vida domestica e social e nos aponta, vinda da consciência humana que se aclara, o reinado da justiça, disciplinando a transformação dos impulsos humanos. Galhardamente, cumpre a Faculdade de Pelotas a sua missão superior, verificando-se o seu prestigio, o que lhe deve a nossa terra, na repercussão social, e quanto mais ainda, o Rio Grande do Sul dela tem que esperar, em seus elementos constitutivos e em sua efficacia produtiva.

E' que já inteligencias brilhantes e fecundas têm assimilado as lições dos professores de alto merito que se têm sentado em suas cátedras, conhecedores experimentados do di-

reito patrio e das necessidades forenses, e dedicados ás mais elevadas abstrações nos dominios juridicos e das ciências afins. Sempre deve ser posta em relevo a função das escolas de direito. A necessidade que as chama á existencia e que, na extensão do Brasil, espalha semelhantes institutos de ensino, do Amazonas ao Rio Grande do Sul, para o fim de propulsionar o desenvolvimento científico, difundir doutrinas liberais e estreitar os vinculos da unidade nacional, é uma necessidade creada pelo progresso mental do país”, por esse mesmo progresso de que, por sua vez, os cursos juridicos se constituem fatores poderosos, valiosas forças propulsoras.” Afirma, nos Estados Unidos, Burgess, que a educação politica do povo lá foi dirigida pelos juristas, antes que pelos guerreiros ou pelos padres, e que a aristocracia da tóga é, nos Estados Unidos, sustentada pelo influxo dessa educação.

Quanto mais sã de costumes e forte por civilização é uma nacionalidade, ensina Cogliolo, tanto mais profunda no sentimento de cada um é a veneração pelo direito e pelos jurisconsultos.

E pôde ser interceptado o fóco da justiça, que, afinal, espalhará o seu clarão benéfico, porque os atentados de que o direito é vitima, assemelham-se aos clamores insolentes lançados contra o sol pelos monstros profligados pelo poeta, seguindo o deus impassível o seu caminho, em torrentes de luz, com fonte de vida; porque, máu grado os seus blasfemadores, ha no direito, numa expressão elegante e incisiva, uma força que o torna invencível e assegura para uma hora mais ou menos proxima, o seu definitivo triunfo. Afinal de contas, toda violencia fêre, menos a quem a recebe, do que a quem a pratica. E ferir o direito é ferir a personalidade humana e a idéia arquitetonica da sociedade e a atmosfera moral em que se agita a vida, — e Ihering proferiu este nobre pensamento de que o povo que não tem o sentimento vivo e energico, do seu direito, não saberá defender a sua dignidade e a sua independencia.

Na sistematica do curso da Faculdade de Pelotas, coube-nos o encargo, vai para dezenove anos, de dar a aula com que se ela inaugurou e somos, por isto, o decão de seus pro-

fessores, conquanto o último no merecimento, sem, evidentemente, termos atingido á idade de Matusalém, que é a idade de dar conselhos, antes possuindo a vantagem sôbre alguns doutos colegas da congregação de sermos mais moço e a desvantagem, sôbre os nossos afilhados, de hoje, de termos “alguns anos de mais e muitas ilusões de menos”, do que a mocidade que é a “surpresa da vida” ...

Assumimos, na 5.^a e na 1.^a séries, a regencia de Ciencia das Finanças, subordinando-a á “Sociologia e á Moral, firmado o conceito de que o Estado deve ser governado como uma casa honesta, para o saneamento da atmosphéa financeira; e na 3.^a série, professámos a matéria do Direito Internacional, que é o direito humano da mais larga esféra juridica da terra, desenvolvendo nos homens a consciencia de que é preciso deter o esforço para as matanças coletivas, pelo hábito de obediencia ao dever internacional. E é essa feição internacional, que todo o direito assume, cada vez mais acentuada, a caminho da sua universalização. Por isso, a todos é util saber os rumos que o direito toma. O direito entendido por todos, consoante Max Rumpf, a popularidade do direito é um dos ideais da hora presente.

E' nessa obra comum de difusão e de cultivo até á massa dos cidadãos, das mais nobres virtudes da nossa condição social, que o magisterio juridico trabalha e deve cooperar essa categoria de juristas — que são os professores, porque, em definitivo, já se disse, é nas escolas de direito que ha de fundar-se, em qualquer país, a ordem juridica, emanando dessas escolas e nelas se formando, mais do que a multidão de bachareis, a doutrina, sem cujas altas concepções a ação prática póde baixar a uma casuismo desvalioso, rastejando no ramerrão dos problemas occasionais. Nem imutavel, está claro, sem indeterminado, nem ilimitado é o progresso, cuja verdadeira noção é analoga á de limite de uma grandeza, em matematica, isto é o estado para o qual ela tende, sem que as nossas concepções deixem de ser relativas á escala humana, ás nossas limitadas possibilidades; não pára a sociedade assim como nunca retrogradam os corpos celestes, progredindo sempre no mesmo sentido embora pareçam andar em sentido

contrário por causa da posição de sua orbita em relação á da terra.

Nessa curta frase resumiu Artur Desjardins a história da humanidade: perda contínua de direitos velhos, perpétua aquisição de direitos novos, a história dessa progressiva emancipação do individuo, que não quer dizer eliminação das leis, subversão da normalidade; é por isto que o direito, orientando-se pela solidariedade, deve assegurar á liberdade, que é a atmosphéa propria do homem, toda a expansão compatível com a cooperação social.

Hoje, governar é fazer, consoante Wilson, obra positiva e não simplesmente negativa. E Wilson compreendeu que a visão da paz e da concordia é um dos motivos mais poderosos da coexistencia humana, é a atmosphéa do trabalho, a condição para o surto dos sentimentos generosos, é o alvo a que tende a justiça.

As idealidades sociais são, como designava Ardigó, as belas aspirações que iluminam, dirigem e consolam a porção mais elevada da alma humana. Sem o idealismo não passará o direito de ser coação e brutalidade e sob as idéas superiores, fundamentais, da ciência juridica moderna, êle "se refletirá nas consciencias, induzindo a nossa vida moral de homens ao bem de todos, sem nos deixarmos prender, apenas, á utilidade do momento", e ligando os povos, na imagem de Carrara, *come il sole sovrano de la terra*.

Então, dar-se-á a organização etico-juridica da humanidade por uma combinação (prevê um pensador) de interesses e fins culturais.

E, assim, realizará o direito, no dominio temporal, o que a simpatia, o que a força, o que o poder espiritual não conseguiram, desde a tentativa de Alexandre de união do mundo helenico ao asiatico, pela fusão das raças, e desde o sonho de Roma de conter o mundo dentro de si, regendo os povos da terra.

E tal se desenrôla, como nas tragedias gregas, o drama judiciario, sob um coro vigilante de que nos fala o poeta, a entoar a melopéa contínua de uma multidão de almas.

Justiça é reparação, é compensação, é equilibrio, é ritmo,

é o contínuo crescer de azul, de que falava Vitor Hugo, no commentario grandioso das “Visões de Ezequiel”.

Nas lutas do fôro, nas pelejas da tribuna, vós, cavaleiros da lei, assentastes praça num inclito exército a serviço da civilização, militando pelo direito, porque a nobreza sempre viva da justiça, prevalecerá, afinal, realizando-se o **cedant armae toge**, do vencedor de Catilina. Nunca deveis descreer que a justiça seja a maior força do mundo.

Senhores bachareis! Prometestes exercer a vossa profissão com probidade, jamais servindo-vos dela para desvirtuar a lei, corromper os costumes ou favorecer o crime. E, aceitando a vossa promessa, por meu intermedio, a Faculdade de que sois filhos, e o Rio Grande do Sul e a vossa Patria, vos incumbem de sustentar o sacrossanto combate pela sã e forte afirmação da ordem juridica: — **Sustine pro justitia certamina.**

Diante desta seleta assistencia, aqui, vos damos, confiantes, o adeus da despedida: Ide, senhores bachareis! A seára é grande e os operarios, por mais que se multipliquem, não serão demais.

Orgulhai-vos do vosso diploma. Uma grande vida, segundo o belo verso de Vigny — é um pensamento da mocidade realizado na idade madura.

Sede justos e bons. Lembrai-vos que o patriotismo é forma social do amor. Que o direito vos sirva para a defesa da justiça, ao estender-vos os braços nos seus diversos departamentos.

Sejam as taboas da vossa vocação de advogados essa justiça e essa honestidade não duras e secas, mas presididas pelas idéas do relativo, do bom e da equidade. E, trabalhando na construção do direito patrio, trabalhai pela solidariedade dos povos, — como colaboradores do direito humano. Juristas do seculo vinte, não sereis apenas ideologos, mas tambem operarios da organização da vida social, dentro da liberdade, que é a atmosphéra propria do homem. Para falar com Giorgio del Vecchio, — a nossa consciencia juridica atual nos impõe uma participação ativa e inexaurível no eterno drama, que tem por teatro a história e por tema o contraste entre o

bem e o mal, entre o justo e o injusto. Haja em vós espíritos de apóstolos e a prégação de qualquer — como já dizia o Padre Nobrega, — na aurora de nossa vida colonial, — bastará para converter a gentilidade do Brasil.

Exmas. senhoras, meus concidadãos, meus amigos! Naquele povo que teve a tarefa histórica de espiritualizar a arte, a de crear a filosofia, de organizar, com a escola de Alexandria, o método experimental, — erguia-se, no coração da Hélade luminosa, onde se achavam os templos, coroados pelo Partenon, — erguia-se, na cidade, no cimo de uma colina, abrigando os interesses comuns, — uma fortaleza, que se chamava Acropole, onde, num surto de enlevo artistico, foi murmurada, um dia, a mais bela préce, e naquele berço real da civilização humana, a Justiça estava simbolizada no Areopago, do qual diziam os versos da tragedia de Sofocles: — “Respeitai, atenienses, a magestade deste tribunal veneravel e incorruptivel, escudo deste país, salvação desta cidade, sentinela sempre alerta, mesmo quando todos dormem e descansam.” E o filho de Temis, da deusa da justiça, o herói acorentado, o caudilho da luz, a quem a aguia roia as entranhas, na tragedia de Esquilo, na expressão sublime da sua altivez indomavel, com o olhar erguido, para libertar os seus semelhantes, afrontando o céu, dolorosamente exclamou: — “Oh minha mãe, meu culto! Oh! céu, luz comum onde róla a imensidade, vêde o que eu soffro pela justiça!”

E este grito torturado de Prometeu, este ansiar angustioso pela justiça, do filho de Temis, que se sentiu preso ao rochedo, numa tristeza superior, — essa inquietação eterna, repercutiu, através dos seculos, e é o mesmo grito doloroso que ainda hoje anima a voz universal do coração, as energias do espirito novo, em sua obra de progresso, de redenção e de paz, para as grandes reivindicações, todos os grandes movimentos, que são como a voz de Deus que nos chama, pela verdade, pela liberdade nas leis, pela honra, pelas conquistas do bem, para a maior beleza e a mais alta felicidade na terra, prevalecendo, afinal, no seu aspecto mais luminoso, a divina grandeza da justiça, esse resplendor sagrado e imprescindivel da nobreza do direito, que é o lábaro da dignidade humana!

Nótulas bibliográficas

por VALTER SPALDING.

LA ESCUADRILLA REPUBLICANA EN
LA LAGUNA MERIN (1826-1828),
por Juan Enrique Kenny, Montevi-
déu, Imprenta El Siglo Ilustrado, —
1932.

Trata-se de uma separata da Revista del Instituto Histórico y Geográfico del Uruguay.

Em prefácio diz o A.: “El tema que abordamos no ha sido tratado por ninguno de los autores rioplatenses que con anterioridad a nosotros han escrito sobre marina”.

E’ pois, um tema novo em assuntos de historia ao qual, no Brasil, somente o Barão do Rio Branco, em suas “Efemérides”, se refere muito por alto.

Entretanto, pelo trabalho que temos em mão, do Sr. Juan Enrique Kenny, vemos que esta luta de dois anos nas aguas da Lagôa Mirim bem merecia quem a estudasse mais amplamente, suprimindo, desse modo, a deficiencia, pelo pouco que diz, das Efemérides de Rio Branco.

O Sr. Enrique Kenny estuda, nessa sua monografia, unicamente a ação da marinha uruguáio-argentina, deixando quasi que completamente de lado a atuação dos imperiais.

La Escuadrilla republicana, recomenda-se, sobretudo, pela clareza e imparcialidade com que o A. desenvolve o seu tema,

e pela forte documentação, que nos vem provar ser o Sr. Kenny um grande estudioso que não desanima ante dificuldade alguma, desejoso tão somente de dizer a verdade seja embora contra si proprio. Todo o trabalho, verdadeiramente notavel, deixa transparecer essa independencia, essa isenção de ânimo que são, aliás, absolutamente necessarios sempre que se toca em materia de Historia.

Nesse seu trabalho o Sr. Kenny refuta o trabalho do Sr. Alberto Paloméque, — **Ituzaingó** — no capitulo em que se refere a atividade de um dos corsarios enviados á Lagôa Mirim pelos republicanos platenses, “El marino Dagriumet”. A esse respeito diz o Sr. Kenny no já mencionado prefácio que o artigo do Dr. Paloméque está “plagado de suposiciones inexactas”, o que lhe valeu uma polemica com o autor de “**Ituzaingó**”. E’ o que dizem em NOTA, no fim, os editores, cremos: “Las apreciaciones contenidas en el mencionado artículo, fueron refutadas ampliamente por el autor. Pueden verse en los números de “**La Mañana**”, etc.”.

En **La Esquadrilla Republicana** o Sr. Juan Enrique Kenny deixa claramente provado que o objetivo principal de Alvear, — o saqueador de Missões e Bagé — e Lavalleja, o objetivo do **exercito republicano**, enfim, era apossar-se do Rio Grande do Sul, o que não conseguiram graças á energia do exercito imperial e seus chefes, composto quasi que exclusivamente de gauchos, que, apesar de revéz de Ituzaingó, revéz que não chegou a ser derrota, não esmoreceram contudo.

Pena é que o Sr. Kenny referindo-se a “la victoria de Ituzaingó”, não haja, tambem, refutado o Sr. Paloméque que faz dessa batalha em que não fomos derrotados pois nos retiramos em ordem e não deixamos um só troféu a não ser uma peça cujas rodas se quebraram e não foi levada, e em que nem sequer fomos perseguidos, pois Alvear temia ainda a cavalaria de Bento Manoel Ribeiro que não tomára parte no combate por se ter postado em outro lugar, pena é, diziamos, que o Sr. Kenny com a sua imparcialidade notoria,

não haja refutado, por quanto dissemos e “algumas cositas más”, o “Ituzaingó” do Dr. Alberto Paloméque.

De sua atividade, porém, de sua capacidade e, sobretudo, de seu método imparcial nos estudos, — o que, infelizmente, não se dá com Beverina, Paloméque e outros, — muito podemos esperar ainda, e muito terá que lucrar a Historia de sua Patria, da Argentina e do Brasil.

BENTO GONÇALVES, por H. Canabarro
Reichardt, Livraria do Globo, Porto
Alegre, — 1932.

Esta obra do Sr. Canabarro Reichardt é um “estudo biográfico apresentado ao 2.º Congresso de Historia Nacional em 7 de abril de 1931”. O relator, Dr. Rodrigo Octavio Filho diz ser esta biografia um “trabalho magnifico” que “ilustrará como um dos melhores, as paginas dos “Anais” deste Congresso” e não trepida em afirmar que “não se poderá, certamente, de hoje em diante, estudar a figura de Bento Gonçalves, sem consultar o trabalho do dr. Reichardt”.

Ha, evidentemente, exagero nessa afirmação, pois o Dr. Canabarro Reichardt não nos apresenta em **Bento Gonçalves** um trabalho original. Aproveitou quanto já se sabia do glorioso herói de 35, e sobretudo do que, sobre êle, escreveu o Sr. Alfredo Varela. Será um trabalho de compilação com algumas observações proprias, e como tal excelente, mas não obra indispensavel para quem quiser estudar a personalidade de Bento Gonçalves.

O Sr. Canabarro Reichardt apegando-se de corpo e alma ao que disse sobre Bento Gonçalves o Sr. Alfredo Varela em suas eruditas obras, deixou de lado muitos outros elementos originaes, absolutamente necessarios para tais estudos e tambem trabalhos de outros autores dentre os quais se destaca Alfredo Ferreira Rodrigues.

E', portanto, um trabalho historico sem critica, pois o A. não confrontou autores e nem consultou documentos elucidativos, além dos publicados por esta revista em 1926.

Apesar disso o trabalho não é máu e tem um grande

merito: facilitar aos estudiosos a procura dos trechos, — notas e comentarios, — sobre Bento Gonçalves nas obras do Sr. Varela.

Quanto ao mais, é um trabalho bem escrito e com bastante metodo na descrição que faz da vida e obras do grande farrapo.

O Sr. Canabarro Reichardt, em consequencia do que acima dissemos, — não confrontar documentos e autores e falta de critica, — deixou passar erros, melhor, afirma o que não é exato.

Assim, por exemplo, diz que Bento Gonçalves fôra republicano. Já deixamos provado com cartas intimas e com os proprios manifestos publicados durante o decenio, antes e depois do Seival, que Bento Gonçalves era monarquista de coração. O republicanismo dêle era um republicanismo obrigado pelas circunstancias, um republicanismo a que foi arrastado pelas contingencias da revolução, um republicanismo por camaradagem e que serviu, apenas, para provar o seu caráter nobre, a sua inalteravel conduta civica de 35 a 45. A Republica foi proclamada por Neto sem que Bento Gonçalves o soubesse. Dias mais tarde é preso na ilha do Fanfa. Metido na fortaleza da Lage, no Rio, soube da proclamação da Republica e deu-lhe seu apoio e enviou-lhe Garibaldi. Como chefe do movimento, poderia ter-se revoltado contra o ato, pois a republica não era a finalidade do movimento. Não o fez, porém. Transigiu consigo mesmo, com seus sentimentos intimos, em beneficio do pago querido por cujas reivindicações se levantára em armas. Nada tendo conseguido do que queria para a Provincia, continuada a luta e, agora, proclamada a republica, continuaria ainda a auxiliar aqueles que sob sua inspiração e direção se haviam levantado. Tinha caráter e era patriota. E' este um ponto da vida de Bento Gonçalves que deve ser estudado ainda com carinho e com cuidado, porque as opiniões, mesmo de contemporaneos, são varias e contraditorias.

A' pgs. 85 e sgts. diz o Sr. Reichardt, transcrevendo Alfredo Varela, que Bento Gonçalves, atingido pela fala do

presidente da provincia, Antonio Rodrigues Fernandes Braga, na abertura da Assembléa provincial, respondêra a essa fala, defendendo-se e votando a favor de um requerimento de Magalhães Calvet pedindo que o presidente declarasse como lhe havia chegado ao conhecimento a estadia de Lavalleja e do Padre Caldas no Rio Grande.

Ora, examinando o CORREIO OFFICIAL DA PROVINCIA DE SÃO PEDRO, verdade é que somente do N.º 46 (27 de maio de 1835), em diante encontramos no N.º 47, de 30 de maio de 1835, a continuação da Ata da sessão de 27 de abril. Traz essa parte o final da discussão sobre a entrada de escravos da Baía e Campos no Rio Grande, depois, requerimento do Sr. Gonçalves Chaves sobre a entrada de gados na provincia e outras medidas a respeito, em seguida nomeação da comissão para tratar do assunto, e por fim "O Sr. Presidente (da Assembléa) pôs em discussão o Parecer da Comissão encarregada de dar o seu parecer sobre a Fala do Exm. Sr. Presidente da Provincia, adiado na antecedente Sessão, por haver o Sr. Magalhães Calvet pedido a palavra para o combater".

A seguir a noticia se refere ao requerimento de Magalhães Calvet que é transcrito na integra, bem como um do Sr. Almeida (Domingos José de Almeida) sobre o mesmo assunto. E nada mais a respeito da fala do Presidente da Provincia na sessão de 27 de abril. Aliás, pelo que diz Varela, em virtude do apoio ao requerimento de Calvet, o discurso de Bento Gonçalves deveria ser posterior á sessão de 27 de abril. Entretanto nada se lê nas atas das sessões seguintes, 28 e 29 transcritas no N.º 48 do CORREIO OFFICIAL. Nada ainda na de 30, N.º 49 do CORREIO OFFICIAL. Na sessão de 2 de maio de 1835, na ordem do dia, lê-se o seguinte: "Veiu á Mesa um officio da Secretaria da Presidencia da Provincia, em resposta a outro em que se lhe pedia esclarecimentos ácerca dos planos de Lavalleja, Padre Caldas e outros ambiciosos, tendentes á separação desta Provincia do Imperio, e federação com a Cisplatina, declarando que S. Ex. não julga por ora conveniente publicar a maneira por que chegaram ao seu conhecimento as noticias desses planos". E nada sobre o discurso

de Bento Gonçalves. Na sessão de 4 de maio aparece um requerimento do Sr. Gonçalves da Silva: "Requeiro que se não dê andamento a felicitação requerida pelo Sr. Magalhães Calvet", que, apesar de apoiado, não passou. (N.º 53 do CORREIO OFICIAL). E até o numero 77 (12 de setembro de 1835), que consultamos, nada, nem uma só palavra sobre o discurso a que alude o Sr. Varela. Queremos crer que este ilustre historiador patricio foi mal informado, a não ser que o CORREIO OFICIAL silenciasse sobre as palavras de Bento Gonçalves. cremos, porém, que ao menos teria feito leve alusão, como fez para o de Magalhães Calvet: "pediu a palavra para o combater". Pena é que não tenha podido consultar numeros anteriores ao 46. Pelo que diz, porém, o Sr. Varela e o Sr. Reichardt transcreve, o discurso de Bento Gonçalves somente poderia ter sido pronunciado na sessão de 27 de abril que foi quando Magalhães Calvet apresentou um requerimento que presumimos ser o que mereceu o apoio de Bento Gonçalves. A não ser que, no n.º 45 do CORREIO OFICIAL, que não consegui consultar, exista algum outro requerimento de Magalhães Calvet que merecesse o apoio de Bento Gonçalves da Silva, e após o qual fizesse esse o discurso defendendo-se das acusações de Fernandes Braga. E' este um ponto que desejavamos ver esclarecido, e muito agradeceremos a quem nos quizer auxiliar.

Si o Sr. Canabarro Reichardt em seu trabalho não se tivesse limitado a transcrever o que afirma o Sr. Alfredo Varela, poderia mesmo, sobre este ponto, trazer novos detalhes, reforçando, ou combatendo o Sr. Varela.

A' pag. 107 o Sr. Reichardt escreve: "Para êle (Araripe), a guerra civil rio-grandense oferece dois periodos bem distintos: um, que vai desde 20 de setembro de 1835 a 4 de outubro de 1836, e outro, de 6 de novembro seguinte até 1.º de março de 1846". Quer o A. dizer que a revolução terminou a 1.º de março de 1846 e não 1845? Si tal é, em que se baseia? Quais os documentos que dizem ter a revolução findado em 1846 e não 1845? Si já não tivessemos lido esta mesma data em outro tarbalho (IDEIAS DE LIBERDADE NO

RIO GANDE DO SUL — A GUERRA DOS FARRAPOS, pag. 19) do A. diríamos ser erro de impressão. Mas assim...

Com referência á imprensa que havia em Porto Alegre ao rebentar a revolução, o Sr. Canabarro Reichardt também se equivoca.

“Em opposição á “Idade de Ouro”, propagandista de novas ideias, saíu a “Idade de Pau”, órgão dos restauradores, também chamados caramurús ou retrógrados. “O Recopilador”, órgão official dos liberais, era redigido por Pedro José de Almeida, o Boticário” (pag. 64).

O jornal A IDADE DE PAU, era redigido por Pedro José de Almeida (Pedro Boticario), e era um dos órgãos dos liberais estremados, já então chamados farrapos pelos caramurús ou retrogrados, isto é: pelos governistas chamados também partido português. A “IDADE DE PAU” era, pois, um jornal farrapo, fundado em contraposição á IDADE DO OURO, jornal governista, caramurú estremado, dirigido por Passos Figueirôa, conhecido também pelo apelido O Calchas. O RECOPIADOR (Recopilador Liberal era o nome todo do jornal), foi fundado e dirigido pelo uruguaio D. Manuel de Ruedas. Expulso este em 1834, assumiu a direção José de Paiva Magalhães Calvet. Não consta que Pedro Boticario tivesse dirigido este jornal, mas é provavel que nêle colaborasse.

Vale a pena fazer ainda uma referencia ao jornal farrapo O CONTINENTISTA, dirigido por Sá Brito que fôra redator do ECO PORTO ALEGRENSE. Este ultimo suspendeu a sua publicação em meados de 1835 e, segundo afirma o CORREIO OFFICIAL DA PROVINCIA DE SÃO PEDRO, “De seus destroços em fermentação pútrida surge outro periodico — O Continentista —”. Além deste havia ainda outro organ farrapo — O CONSTITUCIONAL —, cujo redator — Vicente Ferreira Gomes —, o célebre Carona, morreu na Presiganga em 1837.

O Sr. Canabarro Reichardt inicia o seu livro com a seguinte frase: “Em 1788, nas proximidades do Camaquam nascia Bento Gonçalves”.

Ha, tambem, nessa afirmação um grande êrro historico, pois Bento Gonçalves nasceu na vila do Triunfo. A casa ainda hoje existe, bem conservada, e com uma placa comemorativa. O Museu do Estado possui uma téla reproduzindo essa casa historica.

Como se vê, com um pouco mais de paciencia e dedicação ao assunto, isto é: si o Sr. Canabarro Reichardt tivesse consultado documentos e confrontado historiadores, teria evitado, entre outros menores, os deslises que apontamos, e escrito, realmente, uma biografia de Bento Gonçalves digna de nota e que muito o recomendaria como historiador.

SIMÓN BOLÍVAR, *The Liberator*, por
Percy Alvin Martin, Stanford pamphlets, Stanford University, California, 1931.

A figura de Simão Bolívar, o grande e extraordinario libertador e fundador de 5 Republicas sul americanas, tem despertado a curiosidade dos historiadores e estudiosos não só das duas Americas, como tambem da Europa. E bem merece **El Libertador** este movimento em torno de sua figura singular.

No folheto que temos em mão, o Sr. Percy Alvin Martin, ilustre professor da Stanford University, na California, estuda em apenas 34 paginas, a empolgante personalidade de Bolívar, e conclue dizendo que si "Bolívar não foi o maior homem que a America produziu, não deixa, contudo, de ocupar posição proeminente entre os grandes do mundo". "Perhaps not all will agree that Bolivar was the greatest man South America has produced, but few will refuse to accord him a prominent among the great of the world".

Não podemos, porém, negar que Simão Bolívar foi o maior homem da America e até hoje inexcédível, e tanto mais que esteve sempre cercado de elementos desfavoraveis aos desenvolvimentos de suas atividades, isto é: que distraiam constantemente a sua atenção. Os seus soldados e mesmo grande

parte de seus oficiais eram boçais, uma verdadeira aglomeração heterogenea que êle devia comandar, instruir, guiar e policiar ao mesmo tempo. Com um elemento semelhante, — diz Percy A. Martin, — “Washington não teria conseguido a evolução dos Estados Unidos e nem Napoleão conseguiria conquistar as partes da Europa que conquistou”.

With such material Washington could never have evolved the United States; with such soldiers Napoleon could never have conquered the better part of Europe”.

E nisso está, em muito grande parte, a grande gloria do Libertador.

SANTOS DUMONT, sua vida, seus feitos, sua gloria, — conferencia do **Dr. Fausto de Almeida Prado Penteado**, no Instituto Historico e Geografico de S. Paulo, São Paulo, 25 de outubro de 1932.

Excelente conferencia, vasada num estilo simples e conciso, digna de Santos Dumont, cuja vida tambem foi simples e concisa.

O Dr. Fausto de Almeida Prado Penteado, amigo que fôra do genial brasileiro, deixa, nessa sua conferencia, falar o coração. E' o coração de um amigo que evoca a vida de um outro amigo de grande coração, de alma nobre e generosa, e cérebro gigantesco.

Foi essa sensibilidade, grande, nobre e generosa que o levou á morte, antes que a morte o buscasse.

O aparelho maravilhoso que inventára para o bem e para o progresso da humanidade, transformado em infernal aparelho de destruição, desnorteou-o, pode-se dizer, arrastando-o áquela tragedia, como Romeu morto num acesso de dor crendo ver a morte na fisionomia de sua Julieta que tanto amára, e por que tanto arriscára a vida, batalhára e sofrêra.

Ha quem queira ver nesse gesto tresloucado de Santos Dumont simples ato de desespero por se saber incuravel.

Mas não. Quem mais de perto lhe acompanhou a atividade, deve reconhecer que o motivo foi outro: os horrores dos bombardeamentos aéreos. Fez mal, por certo, o grande brasileiro e não se lhe pôde desculpar o gesto violento. Mas... faltava-lhe o consolo da religião unica que ensina a paciência e a resignação no sofrimento. Infelizmente. Vivo, ainda que doente, talvez conseguisse, mais hoje mais amanhã, ver realizado o seu desejo manifestado em 1926 naquella carta ao Embaixador do Brasil na Sociedade das Nações: limitação ou proibição da atividade aeronautica em guerras futuras.

E' pena que um genio desses terminasse sua vida tão tristemente.

CONFERENCIAS, por A. Pompêo, São Paulo, — 1933.

O A. destas conferencias que tem mais 6 livros publicados, é um erudito e um estudioso.

O pequeno livro que temos em mãos, encerra quatro conferencias: Cacique Tibiriçá (Patriarcha da **raça** (!) bandeirante), — Evolução das leis, — Estilos diversos, — e Visconde de Araguaia, — além de mais de 20 paginas com "Dados sobre a conferencia Cacique Tibiriçá".

Abre o livro a conferencia sobre o **Patriarcha da raça bandeirante**. Este trabalho, prova de uma paciente investigação, é mais um estudo genealogico e informativo que trabalho de fundo propriamente dito.

O Sr. Antonio Pompêo, descendente tambem do celebre cacique, descobriu ser parente, por parte de Tibiriçá, de Prudente de Moraes, Pinheiro Machado, o famigerado Amarral Gurgel, Osvaldo Aranha, Marquês de Barbacena, Frei Gaspar da Madre de Deus, o grande historiador, — Francisco Morato, Pais Leme, Eduardo Prado, Afonso Celso (Conde), Cardeal D. Sebastião Leme, Campos Salles, e mais uma infinidade. Dia a dia aumenta a descendencia do cacique Tibiriçá. Talvez que pesquisando-se algo mais se descubra ser todo o brasileiro descendente do cacique afamado, e de

seu famoso genro, o lascivo judeu João Ramalho que “tinha tantos filhos que nem lhes sabia o numero”.

A segunda conferencia, — **Evolução das leis**, — é muito interessante e instrutiva, nela demonstrando o A. grande conhecimento de causa.

Estilos diversos, a nosso ver, destôa um tanto do conjunto da obra pois o A. conta uma lenda paulista em varios estilos, desde o classico ao futurista. Cousa leve que apenas serve para provar que o Sr. Pompêo tambem se dedica aos assuntos linguisticos, conhecendo e distinguindo com mestria os varios estilos por que tem passado a nossa literatura.

Finalmente, a quarta e ultima conferencia, sobre o **Visconde de Araguaia**, encerra brilhantemente o pequeno volume. E' um trabalho digno do A., lamentando-se, apenas, ser tão resumido.

ATRAVÉS DE MEIO SECULO, por Ely-
sio de Araujo, São Paulo, São Paulo
Editora Limitada, 1932.

Notas Históricas, diz o A. em sub titulo. Mas, em verdade, trata-se de uma auto-biografia, ou memorias.

O Dr. Elysio de Araujo procura, nessa sua obra, salientar a sua ação politica, durante 50 anos, terminada em 1930. E' o proprio A. quem o diz:

“Devo á Revolução de 24 de outubro estas “Notas Históricas”, iniciadas logo após ter ouvido pelo “Radio” a comunicação de que havia sido recolhido preso ao Forte de Copacabana, o presidente Washington Luis. Elas não seriam, de certo, escritas e terminadas em menos de um ano, si esse memoravel acontecimento não me proporcionasse o feliz ensejo de dar por finda a minha vida publica”.

Livro pessoalissimo, como, aliás, não podia deixar de ser dado a sua finalidade, não pôde, de forma alguma, ser examinado e estudado. E' muito atual, além de que, todas as observações politicas desde 1889 até 1930 e os comentarios que faz o A., são pontos de vista pessoais, e por isso falhos. Em conjunto é uma obra que terá valor mais tar-

de, pois só mais tarde poderá ser lido com animo sereno, comentado e discutido.

UM POUCO DE TATICA E ESTRATEGIA, pelo Coronel Alvaro de Alencastre, Papelaria Velho, Rio de Janeiro, 1932.

Mais um livro sobre assuntos militares que nos vem ás mãos. Embóra pouco versado em tais trabalhos, sentimo-nos á vontade ao falar de UM POUCO DE TATICA E ESTRATEGIA, pois que o seu A. empenhou-se em tratar este pouco explorado assunto com clareza e precisão tais que ao menos versado não é difficil compreender a materia.

O coronel Alencastre, de assombrosa fecundidade, é um escritor que merece todo o nosso acatamento, e um militar digno, conscio de seus deveres, grande estudioso procurando sempre, em suas obras, o bem e a gloria de nosso exercito, observador, honesto e sincero que, côm suas obras militares está organizando uma bibliotéca em que muito terão que aprender os nossos officiais de amanhã.

A FESTA DO TRIANON, em homenagem ao General Waldomiro Castilho de Lima, São Paulo, 1933, e — GENERAL WALDOMIRO CASTILHO DE LIMA, homenagem de seus amigos, São Paulo, 1933.

Nestes dois volumes, nos quais não só vêm descritas as imponentes homenagens prestadas ao ilustre interventor federal de São Paulo, como traz, tambem, na integra, os discursos trocados por ocasião dessas festas, distinguindo-se entre êles as patrioticas orações de S. Excia.

São livros esses em que o historiador futuro poderá encontrar valiosos subsidios para a historia de São Paulo em 1932 e para a do seu atual ilustre interventor.

REVISTAS

BOLETIN DE HISTORIA Y ANTIGÜEDADES, organo de la Academia Colombiana de Historia, Ns. 217 a 224 (Fevereiro a setembro de 1932) — Bogotá.

Excelente revista, cheia de interessantes artigos, estudos e documentos historicos, é prova de que, na Colombia se estuda e cuida com carinho e afinho a sua historia, tradições e lendas. O n.º 219 traz uma interessante carta sobre a agonia de Bolívar e suas ultimas vontades, escrita em inglês ao Sr. Santiago Duncan, pelo Coronel Belfort H. Wilson, fiél companheiro “del Libertador” e que o acompanhou até a hora da morte, e uma substancial conferencia do presbítero Dr. Pedro Maria Revollo, sobre a segunda estadía de Bolívar em Barranquilla. E como este estão cheios os demais numeros de materia interessante e util.

REVISTA DO INSTITUTO DO CEARA',
tomo XLVI, ano de 1932.

É um grosso volume de 352 paginas, repletas de materia de suma importancia para o estudo da historia cearense. Eis o seu índice: — Cirandas infantis, pelo prof. Martins de Aguiar; O Comendador João Gabriel (A origem do nome Acre), por Soares Bulcão; Alem das fronteiras de Netuno, pelo Dr. Antonio Teodorico da Costa; Paulino Nogueira, pelo Dr. Cruz de Abreu; Os monumentos do Estado do Ceará (referencia historico-descritiva) pelo Dr. Eusebio de Souza; Antiguidades indígenas do Ceará (em continuação do tomo XLI) pelo Dr. Carlos Studart Filho; A tomada do Crato, pelo Dr. Livino C. de Carvalho; Parentese geografico, pelo Dr. Tomás Pompeu Sobrinho; Duas memórias do Jesuita Manuel Pinheiro, pelo Dr. Barão de Studart; Algumas datas de Sesmarias cearenses registadas na Baía (parte documentaria) e mais al-

guns discursos de recepção de novos consocios, homenagens postumas ao Dr. José da Cunha Sombra e outros artigos e notas. A revista é publicada sob a direção do Barão de Studart.

BOLETIN DE LA ACADEMIA PANAMEÑA DE LA HISTORIA, Año I —
N.º 1 Enero, 1933, Panamá.

Fundada em 1921, a Academia Panameña de la Historia, somente em 26 de dezembro de 1930 foi definitivamente instalada, e o primeiro numero de seu **Boletín**, aliás, uma excelente revista com 182 paginas, apareceu em janeiro de 1933.

Cuidadosamente impresso, esse numero do **Boletín de la Academia Panameña de la Historia** publica, alem de uma Advertencia, a Junta de seu governo e a relação dos academicos de numero, os seguintes artigos: Las cenizas de Colón. por Antonio Burgos; El descubrimiento del Mar del Sur, por Octavio Méndez Pereira; Carabobo, por Ricardo J. Alfaro; La Bandera del Istmo en la batalla de Ayacucho, por Juan Bautista Sosa; José de Obaldía, por Enrique J. Arce; Reglamento para la constitución en los Estados Hispano-Americanos de las Academias de la Historia, correspondientes de la de Madrid; e mais: Reseña de la Academia, Personalidad juridica de la Academia, Emblema de la Academia, El local de la Academia e las Actas de las sesiones.

Em todos esses artigos tem os estudiosos da Historia Sul Americana preciosa fonte para seus estudos e trabalhos. **El descubrimiento del Mar del Sur**, é uma pagina vigorosa em que o A. descreve as proezas e os trabalhos de Vasco Núñez de Balboa na expedição que o levou a descobrir o **Mar del Sur**. **Carabobo**, é a descrição da grande batalha que decidiu a sorte de um povo e uma das maiores glorias de Bolívar. “En Carabobo, — diz o A., — no se exterminó un ejército: se destruyó una causa política”, e foi ainda “la culminación de un apostolado”. Foi aí que “Bolívar rubricó con la punta de su espada el acta de independencia de Venezuela y trazó en el libro del porvenir los nombres inmortales de Bomboná y de Pichincha, de Junín y de Ayacucho”. Em **La Bandera del**

Istmo en la batalla de Ayacucho, prova o A. que nessa batalha tremulou, pela primeira vez a Bandeira do Panamá que havia sido especialmente feita para o batalhão que daí saíu a incorporar-se ás forças de Bolívar. José de Obaldía, artigo que deverá continuar em outro numero, descreve o A. a personalidade de um dos mais illustres panameños que a historia havia esquecido. E' uma pagina formosa na qual não somente descreve o A. a nobreza de Obaldía e o seu carácter e valor extraordinário, como tambem se fica conhecendo uma das paginas mais interessantes da Republica do Panamá.

Propositamente deixamos para o fim o comentário ao artigo *Las cenizas de Colón*, escrito pelo Sr. Antonio Burgos, porque o A. afirma aí que Colombo era genovês: "España quiso reivindicar como una gloria nacional al Genovês...".

Desde que iniciamos nossos estudos de Historia, não nos conformamos com essa nacionalidade de Colombo. Qualquer cousa nos dizia que o grande navegador não era genovês, mas sim espanhol ou português, convencendo-nos, por fim de que o descobridor da America era português legitimo.

Em 1928 tivemos a grande satisfação de ver confirmada essa nossa ideia com a documentadissima obra de Patrocínio Ribeiro: *A NACIONALIDADE PORTUGUESA DE CHRISTOVAM COLOMBO*.

Apesar de se dizer genovês, o grande cosmógrafo de Florença, Paulo Toscanelli, chama-o português.

Colombo, criminoso politico, tinha grande interesse em ocultar o seu nome e por isso passou a assinar-se XPOFERENS simplesmente, e tambem XpoFERENS emcimado das letras enigmaticas S. S. A. S. X M Y. mas isto antes de 1492. Depois da descoberta passou a assinar somente *El Almirante* logo abaixo das referidas letras. Essas, nas assinaturas de Colombo, estão na seguinte posição:

.S.

.S. A .S.

X M Y

XpoFERENS

Ora, invertendo-se essas letras por meio de um espelho (na assinatura manuscrita) teremos as seguintes letras gre-

gas: Khi — O'mega — Lambda — Sigma — U (o A invertido) — Sigma — Sigma. Unindo-se essas letras teremos a palavra **Cholus**, sobrando, em verdade dois sigmas. Portanto, em grego o nome de Colombo seria: **Christophoros Cholus**. Por aí já se vê claramente que o celebre navegador não se chamava **Colombo**, mas sim **Cholus**, ou **Colus**. O **Colombo**, nada mais é do que uma deturpação de seu nome ou apelido para justificar a nacionalidade genovesa que lhe atribuem, pois é sabido que existiu em Genova uma família **Colombo**.

Ainda um outro detalhe: Antigamente era comum em Portugal, e mesmo na Espanha, usarem os grandes homens não o nome da família mas o do lugar de seu nascimento. Temos diversos dentre os quais, de memoria, citaremos: Henrique de Coimbra, o frade que rezou a primeira missa no Brasil, cujo nome de família era bem diverso; Fernão Martins de Santarém, Pero de Évora, o judeu Abraão de Béja e muitos outros.

O Almirante, assinando-se **Cristóvão de Colus**, não fazia sinão seguir um costume muito em uso, pois que **Colus** é o nome de uma vila portuguesa na provincia do Alemtejo, á qual D. Manuel I deu foral fazendo-a vila. Até então era simples povoação. E' antiquissima, de fundação romana, e pertencia ao distrito e bispado de Beja, concelho e comarca de Odemira. Pouco acima fica uma herdade denominada **Columbais**. Consulte-se um bom mapa de Portugal e ali se encontrará esse nome entre Santa Luzia e Santa Maria, Ajustrel e Odemira.

A nosso ver, tudo isso e mais outros pormenores que encontramos, provam cabalmente a nacionalidade portuguesa de **Cristóvão Colombo** que se deveria denominar com mais propriedade **Cristóvão de Colus**.

A Espanha tambem quis reivindicar a gloria de ser a patria do Almirante, mas do exame detido que se procedeu nos documentos ali existentes bem como no dos diversos marcos ficou provado que tanto os documentos como os marcos haviam sido falsificados. Foi o illustre historiador

espanhol Oviedo y Arce quem declarou, alto e bom som, que os documentos de Pontevedra eram... falsos, ou melhor: foram velhacamente falsificados, como afirma, pois no lugar em que está escrito, hoje, o nome do descobridor da America havia outro anteriormente que fôra geitosamente raspado. O falsario que foi, segundo se afirma, Garcia de la Riega, inutilizou documentos que nos viriam revelar o nome de algum grande navegador espanhol talvez completamente desconhecido hoje.

Aí fica a nossa modesta opinião sobre a nacionalidade de Colombo, que submetemos ao alto juizo do Sr. Antonio Burgos.

REVISTA DO INSTITUTO HISTORICO
E GEOGRAFICO DA BAIA, N.º 58,
correspondente ao ano de 1932.

Volume de perto de 500 paginas, publica a seguinte matéria: — A Independencia da Baía, conferencia do coronel Alvaro de Alencastre; O quarto centenario da fundação de S. Vicente, conferencia do Dr. Archimédes Guimarães; Carta escrita da Baía, em 1851, pelo Conego Dr. Antonio Joaquim das Mercês, com anotações do prof. Bernardino José de Souza; Noticias historicas e geograficas do municipio de Caiteté, pelo prof. Pedro Celestino da Silva; Cópia do recurso e adendo ao mesmo que ás Soberanas Côrtes de Portugal dirigiram 1092 constitucionais da cidade da Baía no ano de 1822; A comemoração do cincocentenario de Garibaldi, conferencia do Dr. José Wanderley de Araujo Pinho; Comemoração da magna data baiana — O poeta soldado, — pelo prof. Aloisio de Carvalho Filho; Migrações etnicas no nordeste brasileiro, traduzido do alemão de Otto Quelle, pela prof. Gabriela L. de Sá Pereira; O Escudo de Porto Seguro, pelo Dr. Affonso Taunay; A conspiração dos Busios, por Viriato Correia; Santa Catarina Furtado e o dicionario dos intellectuais baianos, pelo Dr. Fabio Luz; Da alçada anedotica, palestra do Dr. Rogerio de Faria; Antonio Vieira — O Homem, comunicação do Dr. Luiz Viana Filho; O centenario

medico de 1932, Comunicação de Anselmo Pires de Albuquerque, e mais a lista de ofertas e a lista dos socios do Instituto.

Como se vê, é um volume cheio de matéria variada e interessante.

REVISTA DA ACADEMIA BRASILEIRA
DE LETRAS, N.^{os} 131 e 132, novem-
bro e dezembro de 1932.

Revista sumamente util a quantos se interessam pelas letras patrias, traz no n.º 132 o discurso do novo eleito Sr. Gregorio da Fonseca e a saudação ao mesmo feita pelo Sr. Alcides Maya. O n.º 131 é dedicado em grande parte ao centenario de Walter Scott e á memoria do poeta Luiz Carlos da Fonseca, falecido a 16 de setembro de 1932. E' com verdadeira saudade que relembramos este grande poeta de COLUNAS, ASTROS E ABISMOS e tantos outros livros de real valor, de que conservamos carinhosamente algumas cartas e cartões que nos dirigiu.

REVISTA MILITAR BRASILEIRA, N.^{os}
1 e 2, janeiro a junho de 1932 — Rio.

Como de costume, trazem excelente materia propria ao meio a que se destina. Estes dois numeros reunidos num volume vêm repletos de nitidos mapas e croquis explicativos. Alem da materia militar e tecnica, propriamente dita, reproduz, traduzido, o discurso do general Weygand ao ocupar a cadeira vaga pelo falecimento do marechal Joffre, na Academia Francesa, e mais uma série de notas bibliograficas, noticiario, etc.

PELOTAS FILATELICA, N.º 3, Ano I, —
dezembro de 1932 — Pelotas.

Oferecida pelo Sr. Mario F. Araujo, um apaixonado em assuntos filatelicos, recebemos este numero da ótima revista com a qual muito terão que lucrar os filatelistas.

SUS FILATELICO, N.º 4, Ano I, Porto
Alegre.

Bem impressa, profusamente ilustrada, esta revista filatelica de Porto Alegre, está fadada a um grande sucesso entre os filatelistas, pois que trata com carinho não só assuntos filatelicos, como também historicos. Traz longos artigos sobre os selos emitidos pelo governo revolucionario de São Paulo, que serão de grande utilidade para o historiador futuro.

ENCICLOPÉDIA BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO, N.ºs 2 e 3, setembro a dezembro de 1932. Direção de Emílio Kemp. Edição da Livraria do Globo.
— Porto Alegre.

Como o primeiro numero, trazem estes dois selecionada matéria educacional. E' uma publicação de grande mérito, criteriosamente feita, e que bem merece o mais franco apoio de quantos desejam ver sempre menor o coeficiente de analfabétos em nossa patria.

REVISTA DO 5.º BATALHÃO, N.º Unico,
— Bélo Horizonte, 1932.

Trata-se de uma publicação comemorativa do 10.º aniversario de instalação do brioso 5.º Batalhão da Força Publica Mineira, instalado em Bélo Horizonte.

Presta, esta revista, expressiva homenagem ao glorioso Dr. Olegario Dias Maciel, ex-presidente e atual interventor federal em Minas Geraes, e outra ao Dr. Gustavo Capanema, e publica toda a série de discursos pronunciados nas festividades, historico da atividade e glorias do batalhão, etc.

BOLETIM DO DEPARTAMENTO DO
TRABALHO AGRICOLA, N.^{os} 73 e
74, São Paulo, 1932.

Revista tecnica bem feita e bem dirigida. O seu sumario é o seguinte: Agencia oficial de colocação; — Inspetoria de imigração em Santos; — Assistencia judiciaria; — Assistencia social; — Expediente; — Modalidades do trabalho agricola em São Paulo, por Frederico V. L. Werneck; — Cader-netas agricolas, parecer do Dr. M. A. Dutra Rodrigues; — Da finalidade social da assistencia judiciaria, por Pedro Teodoro da Cunha; — A fixação do colono e o trabalhador nos cafesaís, por Honorio Sylos; — O trabalhador agricola nacional, pelo nosso colaborador Fernando Callage; — Agricultura, trabalho e economia; — Varias; — Publicações recebidas.

INDICE

A missão Ponsonby e a independencia do Uruguai, pelo tenente-coronel Emilio Fernandes de Souza Docca	3
O letigio Pelotas-Rio das Contas, por Othelo Rosa	153
Centro Gaúcho, em São Paulo, pelo dr. Leopoldo de Freitas	161
Cesar de Castro, por Fernando Callage	171
Pinheiro Machado, por J. Santos Lima	189
Localização de Caaró, pelo padre Luiz Gonzaga Jaeger, S. J.	201
Apolinario Porto Alegre	215
As missões orientais do Uruguai e o coronel Joaquim Antonio de Alencastre, pelo coronel Alvaro de Alencastre.....	233
Civilizações americanas, pelo professor Jorge Bahlis	299
A ciência da justiça e o problema do novo direito, pelo dr. Fernando Osorio	303
Nótulas bibliograficas, por Walter Spalding	327